



DOROTÉIAS
DA PROVÍNCIA
PORTUGUESA



DOROTÉIAS
DA PROVÍNCIA
PORTUGUESA



BÚSSOLA 21

O BÚSSOLA 21 EM 2021

- I JORNADAS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA -

21 de julho de 2021

LIVRO DE ATAS

FICHA TÉCNICA:

Título

O Bússola 21 em 2021 | I Jornadas de Inovação Pedagógica
Livro de Atas

Comissão organizadora

Irmã Lúcia Soares
José Luís Gonçalves
Maria Sousa Soares
Pedro Jesus

Comissão científico-pedagógica

Joaquim Azevedo
Daniela Gonçalves
Irene Cortesão
Irmã Anabela Pereira
Irmã Susana Santos
Helena Marques
Pedro Jesus

Equipa técnica

Paulo Machado

Design gráfico

Daniela Costa

Organização

Pedro Jesus

Revisão

Susana Anacleto

Edição

Escola Superior De Educação De Paula Frassinetti

Local

Porto

ISBN

978-989-53380-2-3



O BÚSSOLA 21 EM 2021

- I JORNADAS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA -

21 de julho de 2021

PROGRAMA

09h00 - NOTAS DE ABERTURA

Irmã Maria da Conceição Oliveira, Coordenadora Provincial da PPIISD

09h15 - PALESTRA DE ABERTURA

A Educação da Interioridade e a Formação Integral, referenciais para um caminho | Irmã Anabela Pereira e Irmã Susana Santos, SSD

09h45 – COMUNICAÇÕES PARALELAS I

Educação da Interioridade	Participação das Crianças I
Caminhos pela Interioridade <i>Instituto S. José, Vila do Conde</i> Armanda Rodrigues, Cátia Fonseca, Eliana Nova, Luísa Pereira, Irmã Josefina Pires	Novos desafios – o poder da participação ativa <i>Instituto S. José, Vila do Conde</i> Adriana Moreira, Ana Rodrigues, Dores Maciel, Sandra Esteves, Teresa Casal
Pisar de leve o mundo <i>Colégio de Santa Doroteia, Calvanas, Lisboa</i> Catarina Poeiras, Cláudia Leal, Márcia Joaquim	Vamos explorar o nosso jardim <i>Fundação Imaculada Conceição, Covilhã</i> Fátima Tarouca, Raquel Lourenço, Filomena Fiadeiro, Sara Afonso
Relação entre Currículo e Interioridade <i>Colégio do Sardão</i> Carla Fernandes, Virgínia Simões, Susana Moreira, Li- liana Freitas, Leonor Menezes, Irmã Fátima Ambrósio	A contribuição da escuta ativa e da documen- tação na projeção da ação pedagógica - uma forma de participação das crianças <i>Obra Social Paulo VI</i> Kathy Silva
A Educação para a Interioridade - um caminho <i>Externato do Parque</i> Ana Sofia Barbosa, Ana Sofia Nunes, Dina Sousa, Joel Carvalho, Tânia Santos, Teresa Figueiredo	A participação das crianças na reestruturação dos espaços do Centro Educativo, uma experi- ência real: o Comboio <i>Obra Social Paulo VI</i> Daniela Martinho, Débora Andrade
Eu e o outro <i>Obra Social Paulo VI</i> Eunice Gomes, Fátima Albuquerque, Sara Niego	
Moderação Irmã Anabela Pereira e Irmã Susana Santos	Moderação Irene Cortesão e Pedro Jesus

10h45 – PAUSA PARA CAFÉ

11h15 – COMUNICAÇÕES PARALELAS II

Gestão do Currículo e Planos de Ação	Participação das Crianças II
Check-in <i>Colégio de Santa Doroteia, Calvanas, Lisboa</i> Luísa Leitão, Beatriz Almeida, Elisa Amado, Susana Anastácio, Maria da Luz Huffstot, Cátia Almeida, Cristina Leal, João Moreno, Susana Nunes	Dar voz aos alunos <i>Externato do Parque</i> Alexandra Gonçalves, Dulce Miranda, Teresa Castro
Gerir a Gestão do Currículo – dos projetos interdisciplinares aos cenários de aprendizagem <i>Colégio Nossa Senhora da Paz</i> Anabela Correia	Newsletter – “Notícias do Sardão” <i>Colégio do Sardão</i> Sónia Cunha, Paulo Silva, Sérgio Marante, Patrícia Assunção
Eu construo, tu jogas, nós aprendemos! <i>Externato do Parque</i> Carolina Castelo-Branco, Mafalda Frazão	Participação dos alunos, o bem em semente <i>Colégio Nossa Senhora da Paz</i> Ana Monteiro Gomes
Webinar Metodologias Ativas <i>Colégio Nossa Senhora da Paz</i> Inês Pereirinha	Alunos protagonistas no contexto das Assembleias de Turma <i>Colégio de Santa Doroteia, Calvanas, Lisboa</i> Liliana Verde, Maria do Carmo González
Moderação Daniela Gonçalves e Helena Marques	Moderação Irene Cortesão e Pedro Jesus

12h15 – PALESTRA DE ENCERRAMENTO

Soprar as brasas, permanecer: 2020-2021 | Joaquim Azevedo

12h45 – PALAVRAS DE ENCERRAMENTO

Irmã Maria da Conceição Oliveira, Coordenadora Provincial da PPIISD

Prefácio: Bendito o Presente - <i>Pedro Jesus</i>	7
Notas de Abertura: <i>Irmã Maria da Conceição Oliveira</i>	9
Palestra de Abertura: A Educação da Interioridade e a Formação Integral, referenciais para um caminho - <i>Ir. Anabela Pereira e Ir. Susana Santos</i>	11

COMUNICAÇÕES PARALELAS I

Educação da Interioridade

Caminhos pela Interioridade.....	14
Pisar de leve o mundo.....	17
Relação entre Currículo e Interioridade.....	18
A Educação da Interioridade - Um Caminho.....	22
Novos desafios - o poder da participação ativa.....	29

Participação das Crianças I

Vamos explorar o nosso Jardim.....	34
A Contribuição da Escuta Ativa e da Documentação na Projeção da Ação Pedagógica - Uma Forma de Participação da Criança	37
A Participação das Crianças na Reestruturação dos Espaços do Centro Educativo: Uma Experiência Real, O Comboio.....	42
CHECK-IN.....	48

COMUNICAÇÕES PARALELAS II

Gestão do Currículo

Gerir a Gestão do Currículo - <i>Dos Projetos Interdisciplinares aos Cenários de Aprendizagem</i>	53
Eu Construo, Tu Jogas, Nós Aprendemos!.....	56
Webinar Metodologias Ativas	59

Participação das Crianças II

Dar Voz aos Alunos: Participação das Crianças em Contexto Escolar. 63	
Newsletter - “Notícias do Sardão”.....	67
Participação dos alunos, o bem em semente	70
Alunos protagonistas no contexto das Assembleias de Turma	73

Palestra de Encerramento: Soprar as brasas, permanecer: 2020-2021 - <i>Joaquim Azevedo</i>	76
Posfácio: <i>José Luís Gonçalves</i>	79

Pedro Jesus

BENDITO O PRESENTE

Ao I Encontro Nacional Bússola 21, que teve lugar em Fátima em fevereiro de 2018, demos o título “Bendito o futuro”¹. Na altura demos primazia à escuta do que, em cada centro educativo, já era força de mudança e do que, por outro lado, ainda não era, celebrando a alegria de quem se predispõe a levantar ferro e a empreender viagem rumo a um horizonte comum.

De então para cá, considerando apenas os Encontros Nacionais Bússola 21, podemos assumir que essa viagem tem procurado celebrar os pontos de chegada e de partida que cada momento impõe, num vai-e-vem entre o aprofundamento de uma identidade educativa enraizada em Santa Paula Frassinetti e uma abertura ao conhecimento de práticas inspiradoras e transformadoras que vão acontecendo no mundo educativo.

Em maio de 2018, no II Encontro, detivemos o olhar em “Esperanças praticáveis”², expressando a vontade de *abrir a imaginação* dos nossos centros educativos. Procurámos, então, conhecer experiências praticáveis, próximas da aplicação real, viáveis. As áreas apresentadas por peritos nacionais e internacionais foram Neurociências e Educação³, Áreas da Inteligência Humana⁴, Aprendizagem baseada em Projeto⁵ e Interioridade/ Espiritualidade⁶.

Um ano depois, em maio de 2019, reunimo-nos novamente em Fátima sob o lema “O Espírito de Deus faz novas todas as coisas”⁷. Revisitámos a novidade pedagógica de Santa Paula e, com base no percurso de cada Oficina de Inovação Pedagógica (OIP), ficámos a conhecer alguns dos processos desenvolvidos com base em testemunhos dos protagonistas

da inovação. Perspetivámos, ainda, alguns desafios para o futuro com o contributo de duas conferências do Professor Joaquim Azevedo, da Universidade Católica Portuguesa, “As escolas em mudança: riscos e oportunidades” e “8 traços das escolas do futuro: um horizonte esperançoso”.

Em julho de 2020, em pleno período de confinamento e, por isso, em modalidade *online*, reafirmámos “A coragem de um novo rumo”. Quando as circunstâncias podiam forçar o esmorecimento dos esforços de inovação e da sua articulação, encontramos, no posicionamento de Santa Paula face à mudança e na experiência do trajeto já percorrido, razões para agradecer o rumo traçado e alargar o horizonte temporal deste projeto até 2023.

Aqui chegados ao V Encontro Nacional, “O Bússola 21 em 2021”, damo-nos conta de um significativo avanço. Ao concretizarmos as I Jornadas de Inovação Pedagógica Bússola 21, assumimos a capacidade de falar e discutir o processo de inovação educacional em curso a partir de comunicações estruturadas de experiências inovadoras relatadas pelos próprios autores, que inovam e aprendem em rede. Neste livro-testemunho, celebramos, assim, o facto de os(as) Educadores(as) assumirem a autoria da inovação pedagógica, a produção de conhecimento da - e para a - rede.

Nessa medida, assinalamos a relevância deste registo escrito. Habitualmente, o conhecimento produzido nas escolas perde-se ou fica esquecido, uma vez que não é sistematizado nem partilhado. A edição de um Livro de Atas é, assim, um gesto que valoriza a ação profissional e a autoria docente. Este Livro de Atas, em concreto, é um belo fruto de umas jornadas vivas e participadas de uma comunidade que inova, aprende e avança em conjunto.

1 - Tomámo-lo de empréstimo de um capítulo do livro “O pequeno caminho das grandes perguntas” de José Tolentino Mendonça

2 - Expressão utilizada por Axel Rivas no relatório do CIPPEC (Centro de Implementación de Políticas Públicas para la Equidad y el Crecimiento, Argentina) de 2017, “50 innovaciones para escuelas”

3 - O que se entende sobre a forma como os alunos aprendem, pelo Professor Alexandre Castro Caldas, da Universidade Católica Portuguesa

4 - Contexto em que esta dimensão é bem trabalhada, pela Irmã Mónica Ferré do Col·legi Mare de Déu dels Angels, em Barcelona

5 - Experiências pedagógicas do Externato das Escravas do Sagrado Coração de Jesus, no Porto, pela Professora Susana Carneiro

6 - Educação da Interioridade nos nossos Centros Educativos, pelas Irmãs Anabela Pereira e Ana Barrento, ssd

7 - Baseado em Ap 21, 5

A organização dos textos aqui reunidos segue, sequencialmente, o programa das Jornadas, que ocorreram em formato *online* no dia 21 de julho de 2021. Nas notas de abertura, a Irmã Maria da Conceição Oliveira, coordenadora provincial do Instituto das Irmãs de Santa Doroteia, desafia-nos a viver as Jornadas com mente aberta e coração disponível, de modo a aprofundar e cimentar o que já foi aprendido, “para podermos ser, cada vez mais e melhores, educadores de mulheres e homens que se comprometem na transformação do mundo pelo maior serviço à humanidade”.

Em seguida, a palestra da Irmã Anabela Pereira e da Irmã Susana Santos relata o processo que conduziu à elaboração do referencial da Educação da Interioridade e a Formação Integral dos centros educativos das Irmãs Doroteias, que agora vê a luz do dia e se põe ao serviço de toda a rede.

Os artigos correspondentes às “comunicações paralelas” organizam-se por área de inovação de acordo com a ordem com que foram apresentadas: i) na Educação da Interioridade são narradas experiências vividas por crianças de vários níveis etários, em que estas são convidadas a autoconhecerem-se e a conhecerem o outro, através do silêncio, da escuta, da música, do desenho, de outras formas de expressão humana, como que “pisando de leve o mundo”⁸; ii) na Gestão do Currículo e Planos de Ação, são partilhadas reflexões sobre o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, cenários de aprendizagem e metodologias de aprendizagem

significativa, que envolveram igualmente crianças e jovens de diversos ciclos de ensino; e iii) na Participação das Crianças, as “vozes” que ecoam são também múltiplas e levam-nos a experiências de participação no âmbito de assembleias de sala, turma e escola, à transformação de espaços, à comunicação das vivências quotidianas a toda a comunidade educativa, à conceção de instrumentos de apoio à projeção da ação pedagógica focada na participação das crianças e ao envolvimento em dinâmicas de voluntariado, alargando o conceito de serviço e comunidade para lá dos muros da escola – a participação vista como um “bem em semente”⁹.

Por fim, na palestra de encerramento, o Professor Joaquim Azevedo utilizou a metáfora “Soprar as brasas, permanecer” para ilustrar o ano vivido e tão bem testemunhado nestas Jornadas, sublinhando que a educação do coração é a herança dos colégios das Irmãs Doroteias e que importa dar continuidade a uma inovação educacional que abrace o “cuidado como desafio educativo”.

Enfim, são tantos os motivos de regozijo pelo caminho percorrido, e as razões para olhar o futuro com confiança, que podemos encontrar nas páginas seguintes. Mas este livro constitui-se também, para além desse reconhecimento, como uma fortíssima exclamação coletiva: *bendito o presente!*

Parabéns aos(às) autores(as)!

Boas leituras!

8 - “Pisar de leve o mundo” é o título de uma comunicação, da autoria de Catarina Poeiras, Cláudia Leal e Márcia Joaquim, Professoras no Colégio de Santa Doroteia
9 - “Participação dos alunos, o bem em semente” é o título de uma comunicação, da autoria de Ana Monteiro Gomes, Professora no Colégio Nossa Senhora da Paz

Irmã Maria da Conceição Oliveira

Bem-vindas/os às I Jornadas de Inovação Pedagógica - Bússola 21.

No livro - Ouvir, Falar e Amar -, de Laurinda Alves em entrevista com o padre Alberto Brito, jesuíta, este diz que «“a vida nos vai fazendo, se aceitamos os desafios que ela nos traz”. Ora aqui está um grande segredo! Se ficamos só do lado de cá do obstáculo que temos pela frente, procurando ver se é fácil ou difícil ultrapassá-lo, fica por descobrir o que está para além daquilo que vemos naquele momento. Não há nada como aceitar o desafio, arregaçar as mangas e atirarmo-nos à água. É a única maneira de aprender a nadar!». Foi isso que nós fizemos ao iniciar este caminho de “ousar renovar por dentro o estilo de educar para que as crianças e os jovens se tornem, cada vez mais, protagonistas da própria vida e agentes de transformação da realidade” (documento Bússola 21 de 2017).

Por isso, é com muita alegria e esperança que estamos aqui para celebrar todo o trabalho que temos vindo a desenvolver ao longo de 4 anos. Nestas Jornadas, partilharemos com simplicidade um pouco do que fomos vivendo nos nossos Centros Educativos, ao pôr em ação a inovação pedagógica que queremos implementar, aquela que leva cada educando a ser protagonista da sua própria vida. O tempo que se segue chama-nos a aprofundar e cimentar os processos já aprendidos, para podermos ser, cada vez mais e melhores, educadores de mulheres e homens que se comprometem na transformação do mundo pelo maior serviço à humanidade. Paula Frassinetti é o nosso modelo de Educadora apesar de não ter escrito nenhum livro de pedagogia ou de psicologia, mas as suas intuições pedagógicas são de uma profundidade e sabedoria que ainda hoje nos norteiam e são de uma atualidade incrível, ainda há pouco tempo tomei consciência que Paulo Freire, grande Educador, salienta que: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (Freire, 2011). Está em consonância o pensar de Paula Frassinetti quando ela escreveu nas Constituições de 1851 que “Educar bem as crianças é reformar o

mundo e conduzi-lo à verdadeira vida.”

Para Paula era fundamental uma educação sólida que tinha por base a primazia do essencial sobre o acessório; a formação religiosa; a verdadeira piedade; a formação do coração; a formação da vontade; a formação da consciência; na virtude, no trabalho, na instrução em geral, enfim, uma educação baseada na fé e na razão.

Hoje, com a inovação pedagógica, queremos que o estudante/aluno vá tecendo o seu projeto de vida sentindo-se protagonista e livre para poder fazer as suas escolhas com responsabilidade.

Os Centros Educativos estão a fazer as suas opções dando ferramentas aos alunos para saber distinguir o essencial do acessório com toda a dinâmica da Pastoral que pressupõe os momentos de Interioridade, a educação moral e religiosa católica, a catequese, os dias de reflexão e a vivência dos tempos litúrgicos, etc.

Durante estes 4 anos ouvimos o Professor Joaquim Azevedo a dizer que o que colocamos no coração dos alunos é isso que vamos encontrar lá mais à frente, e Viktor Frankl, no seu livro, “O Homem em Busca de Sentido”, diz que “a vida não é essencialmente uma busca de prazer, como pensava Freud, ou uma busca de poder, como ensinou Alfred Adler, mas sim uma busca de sentido.”

Diz-nos, também, o Concílio Vaticano II que: “O futuro da humanidade está nas mãos daqueles que souberem dar, às gerações de amanhã, razões de viver e de esperar” (GS 31).

Formar a vontade dos nossos alunos pressupõe dar-lhes coragem para poderem enfrentar os obstáculos que vão aparecendo no seu quotidiano e ajudá-los a enfrentar as suas frustrações, tão importantes para formar a pessoa inteira, colocar limites, para reconhecerem que não são únicos no mundo...Educar para o valor do trabalho (fazer alguma coisa significativa)...Educar para o amor (cuidar de outra pessoa) e coragem em tempos difíceis para saber colocar ao serviço de si e dos outros as capacidades inatas e fazê-las desenvolver em favor do bem comum.

Santa Paula queria que as educandas nunca estivessem sem uma mestra, podemos dizer que fomentava uma educação pela presença, e como sentimos essa necessidade, com a pandemia que estamos a viver, como mais do que nunca valorizamos a presença física dos nossos alunos nas nossas escolas! Paula sabia o efeito da força da presença, do acolhimento, do diálogo, da escuta ativa do outro pela via do coração e do amor.

Hoje, mais do que nunca, faz sentido falar da simplicidade que Santa Paula deixou como lema do Instituto: “Em simplicidade trabalhar”. Ainda chocados com as catástrofes provocadas pelas alterações climáticas na Alemanha, na Bélgica, nos Países Baixos e no Luxemburgo, para já não falar dos Estados Unidos, parece-nos que devemos investir mais na Educação Ecológica Integral e que nas nossas Comunidades Educativas seja visível a opção pela Educação Ecológica se queremos que este planeta tenha futuro. Pensamos que chegou o momento de estudar a fundo a Encíclica *Laudato Sí* e refletir como dar vida no quotidiano aos desafios aí colocados pelo Papa Francisco.

Na biografia de António Guterres: “O Mundo não tem de ser assim”, à pergunta do jornalista por que se candidatava ao “trabalho mais impossível do mundo”, a resposta foi tão rápida como sintética “*por causa da Parábola dos Talentos*” (Mt. 25, 14-30) que lhe “*provocou um choque pessoal*”. Esta parábola de Jesus alimentou nele o dever de intervenção na sociedade!

Podemos dizer que a Educação tem por missão ajudar os alunos a descobrir os seus talentos, as suas capacidades, pondo-os ao serviço do bem da Sociedade. Que responsabilidade! Mas também que desafio! Que beleza! Ver os alunos a crescer e a serem agentes de transformação para o bem.

Santa Paula, nas suas cartas (886) usa muito duas palavras, para incentivar, motivar, valorizar, não deixar desanimar nos fracassos, que são: “Bravo” e “Coragem”; movida sempre pelo amor, podemos afirmar que ela usou a pedagogia do encorajamento, que, hoje sabemos, desenvolve a autoestima, a autoconfiança e faz brotar no aluno o melhor de si.

Já Frei Bernardo Domingues, O.P. dizia que é preciso termos consciência “*que cada pessoa precisa de ser conhecida, reconhecida, estimada e estimulada, pela constante atenção empática, admirativa, apoiada nos fracassos e celebrada nos sucessos*”.

Também a Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa (2015) sobre Educação nos diz que: “*O segredo pedagógico está em conseguir desencadear no espírito e no coração dos educandos um movimento interior que favoreça o desabrochar das próprias qualidades, desperte o desejo de aperfeiçoamento e correção pessoal, e leve a acolher os contributos que a família, a escola, os grupos e a Igreja oferecem*” (*Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre Educação*).

Com a elaboração dos Perfis do Aluno e do Educador dos nossos Centros Educativos, somos desafiados a estar em Educação encarnando a Espiritualidade da Congregação que se define como “*um modo de ver, de relacionar-se e de agir, que nasce e se alimenta da experiência de Deus em Jesus Cristo ao jeito de Santa Paula*”. Com mente aberta e coração disponível vamos partilhar uns com os outros o que cada um(a) viveu na sua escola.

Referências Bibliográficas:

- Alves, L., & Brito, A. (2011). *Ouvir, Falar, Amar*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Concílio Vaticano II (1965). *Constituição Pastoral “Gaudium et Spes”*.
- Conferência Episcopal Portuguesa (2015). *Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre Educação*.
- Frankl, V. (2014). *O Homem em Busca de um Sentido* (2ª ed.). Lisboa: Lua de Papel.
- Francisco, Papa (2015). *Carta Encíclica “Laudato Si”*. São Paulo: Editora Paulinas.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia do Oprimido* (50ª ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Latoeiro, P., & Domingues, F. (2021). *O mundo não tem de ser assim: Biografia de António Guterres*. Lisboa: Casa das Letras.

A Educação da Interioridade e a Formação Integral, referenciais para um caminho

Ir. Anabela Pereira, Ir. Susana Santos

Resumo:

Nas I Jornadas de Inovação Pedagógica Bússola 21 apresentamos o caminho percorrido pela Oficina da Educação da Interioridade, ao longo dos últimos quatro anos, explicitando um processo em curso que levou à organização de um Referencial que contemplasse a Educação da Interioridade e a Formação Integral.

Palavras-chave:

Crianças, Projeto, Participação, Práticas Pedagógicas, Jardim de Infância.

Abstract:

In the 1st Bússola 21 Pedagogical Innovation Journeys, we present the path taken by the Interiority Education Workshop over the past four years, explaining an ongoing process that led to the organization of a Referential that contemplated both Interiority Education and Integral Formation.

Keywords:

Interiority Education; Integral Formation; Framework.

INTRODUÇÃO:

Os maiores pensadores do nosso tempo caracterizam o Mundo como sendo complexo e globalizado, com uma sociedade a viver numa modernidade (ou pós-modernidade) líquida, com vínculos de interdependência global, numa perspetiva antropocêntrica que valoriza mais o indivíduo do que o bem comum, com uma cultura de massas, e em processos de sedentarismo, onde parece haver um só tempo, o de produzir e o de consumir, de se ser competitivo (cf. Barker, 2004; Baumann 2001; Giddens, 2000).

No outro dia liamos nas notícias: “Dia 11 de julho de 2021, o bilionário Richard Branson chegou com sucesso à fronteira do espaço a bordo da nave desenvolvida pela sua empresa Virgin Galactic. Um voo que durou apenas 20 minutos e que custou uma fortuna” (cf. <https://pontosi.pt/especial/a-marca-das-nossas-ferias>).

Estamos diante de um projeto que oferece uma viagem privada ao Espaço, de onde se pode avistar a Terra, em que o corpo fica mais leve e a mente mais serena: uma proposta possível apenas para elites e que proporciona breves momentos de sensações, longe do Mundo e da verdadeira realidade. Mas esta não é a única possibilidade que a sociedade nos oferece, e um olhar atento faz-nos descobrir as mais inusitadas propostas para parar, contemplar, fruir, e disso são também exemplo a meditação, o *mindfulness*, a yoga, os passeios na natureza, o turismo rural, as férias numa ilha deserta... A verdade é que cada vez mais se reconhece que a aceleração do tempo, o excesso tecnológico, a falta de valores, a virtualidade, os novos mitos, condicionam, no limite, a nossa saúde, sendo inúmeros os relatos de *burnout* ou outras situações-limite.

Como Educadores envolvidos nos Centros Educativos das Irmãs Doroteias fomos sentindo esta necessidade e urgência de parar, mas quisemos optar por uma outra *viagem*, oferecendo uma proposta educativa inovadora a toda a Comunidade Educativa: a Educação da Interioridade. Assim, a partir do nosso Carisma e da nossa Espiritualidade quisemos proporcionar uma proposta que permitisse mergulhar no “espaço interior”, com tempo para pensar e refletir, processando o que chega do mundo exterior, identifican-

do emoções e sentimentos. A Educação da Interioridade oferece a possibilidade de sentir a individualidade e a liberdade, tomar a consciência profunda de nós mesmos, sem fechar no individualismo, mas proporcionado espaços de discernimento que ajudam a optar claramente pelos valores do Reino, indo ao encontro dos mais pobres, optando pela promoção da justiça e da paz, promovendo a transformação do Mundo.

Nas I Jornadas de Inovação Pedagógica Bússola 21 apresentamos o caminho percorrido ao longo de 4 anos, na Oficina de Inovação Pedagógica de Educação da Interioridade, e que permitiu reconfigurar os nossos centros educativos, respondendo a novos desafios, delineando com rigor e clareza a Escola que desejamos alcançar, a Escola que sonhamos, e que é resposta urgente às necessidades do nosso tempo. A Educação da Interioridade torna-se assim um dos principais eixos a trabalhar, assumindo-se como um verdadeiro paradigma (Suárez & Garcés, 2017).

EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA:

Ao longo dos últimos quatro anos, temos desenvolvido nos nossos Centros Educativos uma proposta educativa inovadora que sentimos que vai se cimentando: a Educação da Interioridade, que, de forma sequencial, leva o aluno a construir um “eu” integrado, através de experiências que geram reflexão e possibilitam oportunidades para encontrar o “seu lugar no mundo” desde chaves de realização pessoal e de serviço aos outros (Suárez & Garcés, 2018).

Neste sentido, não se trata de uma soma de momentos estranhos e desarticulados sem objetivos, ou um mero “consumo de experiências”, mas propor um caminho pessoal e de grupo que ajuda cada um a viver com sentido as suas circunstâncias e vivências pessoais, capacitando para “dar voz” ao que se vive, se sente e pensa. Tudo isto em etapas vitais em que vemos pessoas em construção, com identidades únicas para transformar o mundo com responsabilidade e criatividade.

Esta definição do que é para nós a Educação da Interioridade desenvolveu-se num processo, que implicou estudo, reflexão, partilha e colaboração entre diferentes educadores e profes-

res dos nossos Centros Educativos, no âmbito da Oficina da Educação da Interioridade. Deste modo, foi possível conhecer teoricamente diferentes modelos de Interioridade em diferentes Escolas, frequentar ações de formação na área, aplicar sessões experimentais em grupos de alunos e de professores, abrir nos nossos Centros Educativos espaços novos de interioridade... passos fundamentais para o horizonte que se traçou.

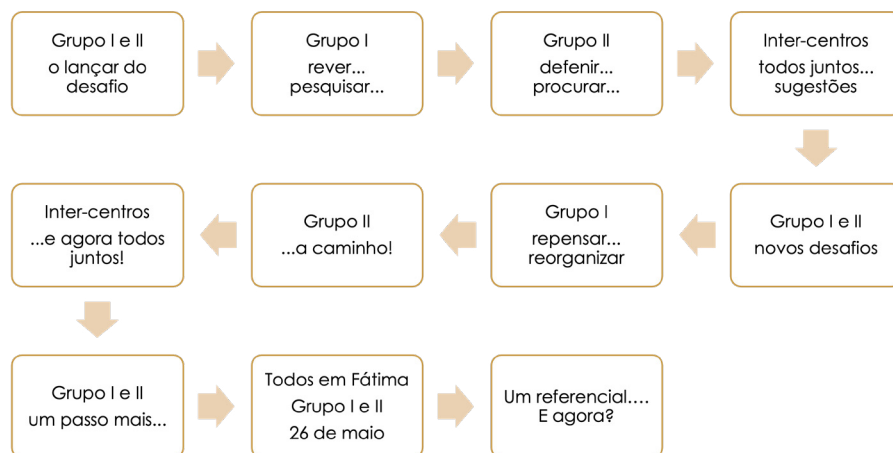
Este caminho levou-nos a desejar ainda mais, numa permanente busca do tal “magis” inaciano (EDUCSI, 2003). Surge assim o sonho de um documento que fosse como que orientador da nossa prática educativa, com a especificidade da nossa espiritualidade. Sendo a missão dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias a educação integral dos alunos, fundamentada nos valores e carisma educativo de Santa Paula Frassinetti (Sani, 2000), e vivida num processo de experiência-reflexão, em permanente diálogo Vida/Evangelho e Cultura-Ciência/Fé, contemplamos na nossa Proposta Educativa seis dimensões fundamentais: educação moral e religiosa católica, catequese, ação social e voluntariado, educação da interioridade, pastoral e acompanhamento personalizado.

Para operacionalizar esta ideia decidimos criar, no início do ano letivo 2020/2021, duas equipas com 17 educadores e professores, para a construção de dois referenciais:

- um referencial para a Educação da Interioridade, conceptual e programático, tendo em conta os diferentes grupos etários dos nossos alunos;
- um referencial da Educação Integral, com a definição e clarificação das especificidades e complementaridades de diferentes áreas que convergem com a Educação da interioridade (Pastoral, EMRC, Catequese, Formação Humana, Cidadania, projetos de acompanhamento dos alunos...).

Estas duas equipas organizaram-se com tempos de trabalho autónomo, mas sempre em articulação com todos os professores e educadores que pertencem à Oficina de Educação para a Interioridade, numa uma lógica que “sai” para fora dos Centros Educativos, com dinâmicas de encontros inter-centros.

Nesta lógica conjunta, em rede, organizamo-nos, planeamos, reunimos e lançamos novos desafios, com datas concretas e documentos orientadores. Envolvemos neste processo um total de 51 pessoas, de diferentes áreas e saberes, que partem de um modo de educar já presente nos nossos Centros Educativos, mas que se quer sempre melhor. Este processo foi sendo acompanhado pelo professor Joaquim Azevedo. O trabalho colaborativo é sempre exigente, implicando reunir opiniões diferentes, ter dúvidas, fazer e refazer, refletir, voltar atrás e avançar, mas sentimos em todos estes profissionais um desejo imenso de dar tudo para que os referenciais pudessem vir ser uma realidade. Neste processo de reflexão foram muitos os encontros em plataformas digitais, em processos à distância, no entanto, e assim que a situação pandémica o permitiu, a equipa sentiu a necessidade de um encontro entre todos. Reunimos, assim, as



Quadro 1 – Trabalho colaborativo para a elaboração do referencial

duas equipas em Fátima, onde concluímos que não podíamos ter dois documentos separados, mas um único Referencial que unificasse as práticas e servisse de referência para a planificação de uma Educação da Interioridade, com alunos dos 3 aos 18 anos, e que levassem verdadeiramente a uma Educação Integral, expressa no Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

O Referencial está agora em fase de finalização e sentimos que foi verdadeiramente um processo construído por uma equipa de educadores e professores da nossa Rede Educativa, que permitiu uma aprendizagem e um caminhar em conjunto. Sabemos que este trabalho colaborativo é um dos traços do projeto Bússola 21, ajudando a “criar laços”, a construir pontes e partilhar saberes, a crescer no trabalho em rede, a aprender uns com outros, e sobretudo a fortalecer esta pertença às Instituições Educativas das Irmãs Doroteias, sentindo-nos uma grande Família.

Referências Bibliográficas

- Barker, C. (2004). *Cultural Studies: Theory and Practice*. London: Thousand Oaks
- Baumann, Z. (2001). *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- EDUCSI (2003). *Companhia de Jesus – Interioridade, Espiritualidade e Espiritualidade cristã. As nossas opções*. Documento de Trabalho da Comissão de Educação.
- Giddens, A. (2000). *Fondamenti di Sociologia. Bologna: Il Mulino*.
- Sani, R. (2000). *Paula Frassinetti – A Espiritualidade torna-se proposta Educativa*. Opúsculo da Província Portuguesa das Irmãs Doroteias da Frassinetti.
- Suaréz, E. A., e Garcés, C. E. (2017). *La Interioridad como Paradigma Educativo*. Madrid: PPC.
- Suaréz, E. A., Garcés, C. E. (2018). *La Interioridad como Oportunidad Educativa – Algunos fundamentos y buenas prácticas*. Madrid: PPC.

COMUNICAÇÕES PARALELAS I

A group of people are lying on their backs on a light-colored floor, arranged in a circle. They appear to be participating in a training or workshop session. The scene is captured from a high angle, and the lighting is warm and soft. The people are wearing various casual clothing, including t-shirts and trousers. Some are looking towards the center of the circle, while others have their eyes closed or are looking down. The overall atmosphere is one of calm and focus.

Sessão de formação de educadores, Educação da Interioridade

Caminhos pela Interioridade

Instituto S. José, Vila do Conde

Armanda Rodrigues, Cátia Fonseca, Eliana Nova, Luísa Pereira, Ir. Maria Josefina Pires

Resumo

A oficina da Educação da interioridade, ao longo do ano letivo 2020-2021, desenvolveu no Instituto S. José várias iniciativas com o objetivo de envolver cada vez mais a comunidade educativa na Educação da Interioridade. No âmbito das ações da oficina dirigimos a nossa partilha para duas dinâmicas desenvolvidas na Instituição, pela primeira vez, em conjunto com os profissionais e crianças das respostas sociais da Creche e Pré-Escolar: rotinas de Educação da Interioridade (que denominamos EPI) e dia da Interioridade (dia I). É nossa intenção dar a conhecer estas práticas, as dinâmicas concretizadas, as conclusões e os resultados obtidos com estas iniciativas. Incluímos vozes das crianças e dos adultos (recolhidas através da aplicação de instrumentos de avaliação criados no âmbito da oficina) que permitem documentar e avaliar as nossas opções, estratégias e experiências.

Palavras-chave:

Interioridade; Rotinas; Escuta; Consciência; Contemplação.

Abstract:

During the school year 2020-2021 several activities were performed at Instituto S. José in the frame of the project "Educação da Interioridade" with the aim to increase the educational community engagement in the interiority education. Among others, two activities developed are highlighted: Education routine for the interiority (EPI) and the Interiority Day (day I). For the first time at the Institution, these activities involved professional staff and children, either from kindergarten. The practices and initiatives performed were assessed and herein described. It is also presented statements and intents from children and adults collected through tools and instruments designed in the project to enable the recording and assessment of the decisions, strategies and experiments.

Keywords:

Interiority; Routines; Listening; Consciousness; Contemplation.

INTRODUÇÃO

Estamos conscientes do tempo a que somos chamados a viver, um novo modo de ser, estar e agir na relação de uns com os outros para construir a Comunidade Educativa, neste tempo concreto que vivemos. Pretendemos ajudar a criança/jovem "a ser agente de transformação do mundo na grande Família de Deus". (Constituições das Irmãs Doroteias, 4)

Na oficina da Educação da Interioridade do Instituto S. José, pretendemos criar estratégias para desenvolver as práticas que a oficina pretende promover junto da comunidade educativa. Com esta intencionalidade são dinamizadas no centro: sessões de Interioridade dos 2 aos 6 anos, rotinas de educação para a Interioridade, desde 1 ano aos 6 anos e sessões para colaboradores. Também promovemos formação em contexto para todos os educadores, momentos de educação da Interioridade para primeiro ciclo e o dia da Interioridade para Creche e Jardim de Infância.

Incluimos nesta partilha as experiências das rotinas e o dia da Interioridade dinamizadas na Instituição pela primeira vez ao longo do ano letivo 2020/2021 e que contou com a participação das crianças/educadores das respostas sociais da Creche (42 crianças) e Pré-Escolar (125 crianças).

ROTINAS

As rotinas da Educação da Interioridade têm como intencionalidade oferecer à criança momentos de silêncio, de paragem, contemplação, de escuta de si e dos outros no meio que a rodeia. Estes momentos são uma oportunidade para a criança desenvolver a consciência de si mesma, a confiança, a estabilidade emocional e a reconhecer os seus gostos e desejos. Nestes momentos as crianças são incentivadas a expressar-se de diferentes formas: através da arte, do diálogo, da escuta, da contemplação, observação/valorização de elementos da natureza, sempre numa atitude de proximidade e respeito para com o outro e de interação com o que a rodeia.

A equipa da oficina capacitou cada educadora da Creche e do Pré-Escolar para que estas rotinas se pudessem concretizar. Assim, foram clarificados os objetivos destas práticas educativas e promoveram-se momentos de interioridade para a equipa educativa. A intenção é que cada educador pudesse adaptar estas rotinas, tendo em conta a faixa etária, as características e ritmos do seu grupo.

Deste modo, cada sala estabeleceu as suas estratégias, horários, e construiu uma caixa com materiais de apoio para este momento. Nesta caixa foram colocados cartões, criados com as crianças, que ilustravam as atividades realizadas nestas rotinas (histórias, música, velas, luzes, massagens, posturas de equilíbrio...). Nesta caixa estavam outros materiais, como livros, jogos ou outros objetos sig-

nificativos para as crianças.

Após a implementação destas rotinas, os educadores avaliaram e sentiram a necessidade de mais formação nesta área pelo que a equipa da interioridade organizou três workshops, abrangendo os temas: rotinas, a relação consigo e com os outros e a valorização de si e do outro.

RESULTADOS

É observável que a equipa está mais disponível, aberta, confiante e confortável com os momentos de rotina de interioridade, desafiando-se mais, partilhando ideias, criando novas estratégias e com uma maior capacidade de adaptação às adversidades. Esta dinâmica está a ter repercussões muito positivas no comportamento das crianças (em situações diárias no contexto escolar e familiar). Começa a estar realmente interiorizada pelas crianças, educadores e a fazer parte de cada dia.

Documentamos algumas opiniões, recolhidas através da aplicação de instrumentos de avaliação para avaliar as rotinas, como forma de partilhar o impacto que estas dinâmicas tiveram nos vários grupos de crianças da Creche e Pré-Escolar:

- “As rotinas acalmam o nosso corpo. Conseguimos relaxar e ensinar outras pessoas que conseguem relaxar e aprendem connosco.”;
- “Aprendemos a respirar melhor”;
- “Quando estamos nervosos aprendemos a acalmar, aprendemos a meditar com calma, a falar melhor e a respeitar os outros.”;
- “Aprendemos a respirar e ficamos calmos.”;
- “Conseguimos dizer o que estamos a sentir... como quando ouvimos o pássaro da alma conseguimos dizer se temos a gaveta da alegria ou do amor aberta.”;
- “Um dia zinguei-me com um amigo no parque porque ele me magoou, mas quando fiz o momento EPI consegui ficar mais calmo.”;
- “Sentimos muita calma...”. Também os adultos avaliam estes momentos e registam as suas opiniões:
- “Continuo a acreditar nos benefícios dos momentos EPI para as crianças, quer ao nível individual como para o grupo. Diariamente, lembram a realização do momento, e este tem sido registado no plano do dia, especificando a estratégia.”;
- “Realmente, o modo como nos sentimos no dia-a-dia influencia bastante o momento, porém, também sinto enquanto adulto, que consigo relaxar em conjunto com o grupo de crianças, confirmando que é uma mais-valia para todos os que estamos na sala dos 4 anos.”;
- “Sinto-me mais desperta para os momentos EPI, sentindo que vou adquirindo competências a este nível com a partilha das colegas da equipa pedagógica e da Oficina.”.

DIA I

O dia da Interioridade surgiu de uma partilha num encontro entre Centros Educativos. Acolhemos este desafio pela primeira vez, dinamizando um dia aberto a toda a Instituição. Devido à continuidade da situação de pandemia, apenas abrangeu as respostas sociais da Creche (berçário aos 2 anos) e Pré-Escolar (dos 3 aos 6 anos).

Com o objetivo de promover a descoberta da beleza interior, proporcionar uma experiência de relação, de unidade e comunhão, organizaram-se ateliês diversificados com momentos de relaxamento, diálogo, escuta, magia e exteriorização de emoções e expressão artística. Cada sala ficou responsável por organizar uma atividade. Foi divulgada uma planificação com as várias iniciativas deste dia, os objetivos e estratégias, horários e espaços. Cada sala pode experienciar estas dinâmicas passando, ao longo do dia, pelos respetivos espaços onde estavam organizados os ateliês. Partilhamos os momentos e experiências promovidos e respetivos objetivos:

Sala das luzes (oferecer momentos mágicos às crianças); passo a passo (criar momentos de relaxamento físico e mental); abada de histórias (escutar histórias e dialogar sobre o seu significado e sentido); danças criativas (divertir e exteriorizar emoções), arte de grupo (exteriorizar através da arte um tema).

Relativamente à dinâmica deste dia, destacamos que a motivação da equipa da Oficina acabou por se estender a toda a equipa pedagógica e, na realidade, todos contribuíram para que fosse um dia realmente significativo e do qual as crianças retiraram experiências ricas e diversificadas. Verificou-se um ambiente alegre, calmo, divertido e repleto de dinamismo e curiosidade. As crianças partilharam em casa as suas vivências, espelhando a alegria de um dia diferente. A equipa partilhou vídeos com as famílias, de forma a dar a conhecer a intencionalidade e as suas dinâmicas. Partilhamos alguns comentários das crianças que tão bem documentam a alegria, entusiasmo e motivação: “No dia I eu gostei da sala de luzes. Eu gostei porque pareciam estrelinhas. Eu comecei a ficar mais relaxada e consegui relaxar o meu corpo.”; “Na parte dos filmes eu aprendi que temos de nos escutar uns aos outros para termos coisas muito fixes.”; “O dia I foi muito fantástico porque houve a dança das fitas, a arte e as luzes.”.

Partilhamos também os comentários das famílias: “Obrigada por este dia! O melhor de sempre segundo o João!”; “Foi um dia fantástico e divertido!”; “Ela vinha tão feliz!”; “Obrigado por proporcionar estes momentos fantásticos e tão felizes aos nossos filhos. Parabéns pela iniciativa tão enriquecedora.”. E a perspetiva da Equipa Pedagógica: “O balanço foi muito positivo, as crianças estavam muito felizes e entusiasmadas.”; “Excelente iniciativa com uma boa organização.”; “As atividades eram atrativas e foram de encontro aos interesses das crianças.”; “Uma experiência a repetir.”Parte inferior do formulário

METODOLOGIA

Dinamizamos assembleias de grupo para discutir e recolher ideias e opiniões das crianças, de forma a organizar e avaliar as dinâmicas promovidas pela equipa da Oficina da Educação da Interioridade. Construimos e aplicamos instrumentos de avaliação para monitorizar a motivação das crianças e adultos nas iniciativas criadas. Para documentar as perspetivas das crianças, foi criada uma grelha onde são especificadas as rotinas realizadas ao longo da semana. Nesta grelha, as crianças registam a rotina e a respetiva ilustração e expressam o que mais e menos gostaram. Este instrumento também inclui um espaço para documentação das suas vozes e propostas de melhoria.

CONCLUSÕES

Considerando os progressos que a equipa tem demonstrado, bem como o impacto destas dinâmicas no Centro Educativo, pretendemos dar continuidade a estas estratégias.

Numa perspetiva reflexiva sobre as dinâmicas experienciadas ao longo deste ano letivo, consideramos que estes caminhos pela interioridade potenciaram uma equipa alinhada com os propósitos da oficina e cada vez mais motivada pelo projeto.

Deste modo, planificamos, para o próximo ano letivo, sessões formativas para capacitar a equipa pedagógica de sala e envolver as famílias e toda a comunidade educativa.

“A educação da interioridade precisa de ser aplicada, se se quiser chegar aos objetivos apontados, de forma sistemática, não com ações isoladas e sem continuidade.” Andrés Elena (2010)

Referências Bibliográficas

Andrés, E. (2010). *Educar na Interioridade: Um lugar para a evangelização*. Projeto GPS. Edições Salesianas.

Pisar de leve o mundo

Colégio de Santa Doroteia, Calvanas, Lisboa
Catarina Poeiras, Cláudia Leal, Márcia Joaquim

Resumo

No regresso à escola, com novos horários, desfasados entre turmas, sem toques e com a necessidade de seguir regras de distanciamento e cuidado na deslocação nos corredores, considerou-se importante trabalhar a consciência corporal dos alunos através do movimento (caminhar).

O nosso corpo é a nossa possibilidade de ser e estar com os outros, é o que nos permite entrar em relação. Esta experiência teve como objetivos: ajudar o aluno a conhecer melhor o seu corpo, experimentando sensações corporais, aprendendo a reconhecê-las e a formulá-las; tomar consciência da variedade de movimentos que faz de forma automatizada; e reconhecer a importância do silêncio como meio para poder escutar/observar em profundidade.

Além do exercício prático com o objetivo de despertar uma maior sensibilidade em relação à corporalidade, propôs-se também um momento de reflexão com o apoio de um texto intitulado “Pisar de leve o mundo”, acompanhado de algumas pistas.

Concluído o exercício, fez-se uma partilha das dificuldades, descobertas, sensações reconhecidas e, por fim, foi lançado um convite a caminhar no exterior com maior consciência do espaço do outro, do silêncio/ruído.

Na sessão seguinte, fez-se memória da experiência anterior e comparou-se com a nossa presença junto dos outros no dia-a-dia. Foi distribuído aos alunos um resumo do texto “Pisar de leve o mundo”.

Na avaliação final de ano das atividades, vários alunos referiram a importância destas sessões pela possibilidade de conhecerem melhor os colegas e a si mesmos. A avaliação é positiva em termos de consciência do seu corpo e da sua presença. Muitos entram na sala com outra postura e maior tranquilidade. No que respeita aos espaços exteriores e ao encontro com os outros, é importante continuar a exercitar.

Palavras-chave:

Interioridade; Silêncio; Escuta; Atenção; Consciência corporal; Conhecimento do outro.

Abstract:

On returning to school, with a new timetable, staggered between classes, no ringing and the need to follow rules of distance and care when moving in the corridors, it was considered important to work on the students' body awareness through movement (walking).

Our body is our possibility of being and being with others, it is what allows us to enter into relationship. The purposes of this experience were: to help students to get to know their bodies better by experiencing bodily sensations, learning to recognise and formulate them; to become aware of the variety of movements they make in an automated way; and to recognise the importance of silence as a means of being able to listen/observe in depth.

In addition to the practical exercise aimed at awakening a greater sensitivity towards physicality, a moment of reflection was also proposed with the support of a text entitled “Pisar ao de leve o mundo” and some clues of interpretation.

At the end of the exercise, the participants shared their difficulties and findings, and recognised sensations. Then they were invited to walk outside with a greater awareness of the space of the other and of silence and noise.

In the next session, the previous experience was remembered, and compared with our presence with others in everyday life. A summary of the text “Pisar ao de leve o mundo” was distributed to the students.

In the end-of-year evaluation, several students mentioned the importance of these sessions for the possibility of getting to know each other and themselves better. The evaluation is positive in terms of the awareness of their body and their presence. Many enter the classroom with a different posture and greater tranquility. With regard to the outside spaces and meeting others, it is important to continue the exercise.

Keywords:

Interiority; Silence; Listening; Attention; Body awareness; Knowledge of the other.

Relação entre Currículo e Interioridade

Colégio do Sardão

Carla Fernandes, Ir. Fátima Ambrósio, Leonor Menezes, Liliana Freitas, Susana Moreira, Virgínia Simões

Resumo

Na apresentação realizada nas Jornadas de Inovação Pedagógica deu-se a conhecer uma experiência vivida no Colégio do Sardão, por um grupo de 3.º e 4.º ano de escolaridade, em que se articulou as diferentes áreas curriculares com a Educação da Interioridade (EI). Ao fazer esta interligação, teve-se em conta os objetivos da EI, o perfil do aluno (PIA) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias e as aprendizagens essenciais, tendo como horizonte o aluno no centro da aprendizagem, para que este possa ser protagonista da própria vida e agente transformador da realidade.

Palavras-chave:

Educação da Interioridade; Currículo; Perfil do Aluno; Articulação; Inovação Pedagógica.

Abstract:

At the presentation made at the Pedagogical Innovation Days, the experience of a group of schoolchildren from the 3rd and 4th graders was described, during which various school subjects were coordinated with education for interiority (EI). When creating the interconnection, the aims of education for interiority (EI) were taken into account, as well as the pupil's profile (PIA) of the Educational Centres of the Dorothea Sisters and essential learning from the third and fourth grade, having in mind the pupil at the core of the learning process, so that he/she will be able to be the leading player in his/her own life and capable of changing reality.

Keywords:

Education for Interiority; Curriculum; Pupil's profile; Coordination; Pedagogical Innovation.

INTRODUÇÃO

“Educar a interioridade consiste em fornecer ferramentas aos alunos que lhes sirvam hoje e sempre para abrir bons alicerces na vida.”

Nos últimos anos, com o projeto Bússola 21, da Congregação das Irmãs Doroteias, surgiu um percurso com um dinamismo comum, definindo-se melhor os perfis do aluno e do educador. Fomentam-se momentos de partilha, reflexão e formação, assim como uma mudança, com incidência na sala de aula, que coloca o aluno no centro da aprendizagem, para que possa ser protagonista da própria vida e agente transformador da realidade. Assim, delineou-se um horizonte, onde a Educação da Interioridade (EI) contribui para o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões, na relação consigo mesmo, com os outros e com Deus.

No âmbito do Bússola 21, a Oficina da Educação da Interioridade foi iniciada no ano letivo 2017-2018, tendo-se procurado conhecer e aprofundar conhecimento nos aspetos teóricos da interioridade e projetos implementados noutras instituições, bem como privilegiado a formação de alguns elementos da equipa. No Colégio do Sardão, após essa formação, deu-se início, paulatinamente, às sessões da Educação da Interioridade.

A equipa da EI, inicialmente, foi composta apenas por dois elementos: uma professora do 1º ciclo e a psicóloga

da instituição. Gradualmente, foi integrando novos elementos das duas valências (JI e 1º ciclo) e um elemento da direção.

No que respeita às sessões de EI, estas tiveram início com as turmas do 3.º e 4.º ano de escolaridade, abrangendo, atualmente, quase todas as faixas etárias da nossa instituição.

Com o intuito de partilhar uma nova forma de integrar a EI e o currículo, damos a conhecer a experiência vivida no Colégio do Sardão nas Jornadas de Inovação Pedagógica.

EXPERIÊNCIA

Ao planificar os projetos interdisciplinares, fez sentido incorporar a EI, concebida como complementar e enriquecedora, personificando uma nova forma de educar, ser e estar, permitindo ao aluno realizar o seu percurso, o seu próprio caminho, e, essencialmente, tocando (n) o seu coração.

No âmbito do Bússola 21, no ano letivo 2020-2021, os alunos dos 3.º e 4.º anos de escolaridade viveram o Projeto “Wake Up! - Conheço o meu Corpo”, abrangendo todas as áreas do currículo. Este projeto iniciou-se com uma sessão de EI, com o intuito de levar a criança a reconhecer-se como ser único e tomar consciência das suas emoções.

Esta sessão iniciou-se na mata, onde os alunos foram convidados a escutar, deitados, o chilrear dos pássaros. De seguida, em círculo, explorou-se a situação vivida e par-

tilhou-se o que sentiram ao ouvir esses sons. Foi narrada a história do “Pássaro da Alma” e foi solicitado que desenhassem um pássaro com o qual se identificassem. Na sala de interioridade, após o desenho, promoveu-se um tempo de diálogo e reflexão sobre as emoções sentidas ao longo da história. Foi dada a cada aluno uma chave para que fosse colocada na gaveta correspondente à emoção que sentiu, podendo partilhar com o grupo a opção feita.



Figura 1. Leitura da história “O Pássaro da Alma”

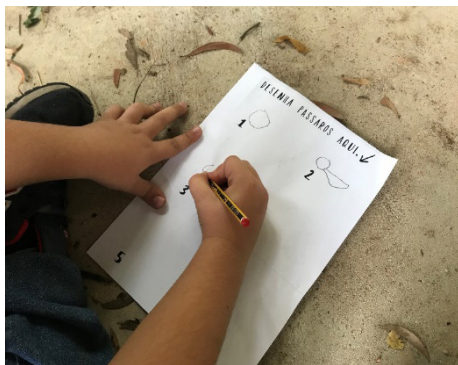


Figura 4. Identificação da emoção e colocação das chaves na respetiva gaveta



Figura 3. Identificação da emoção e colocação das chaves na respetiva gaveta

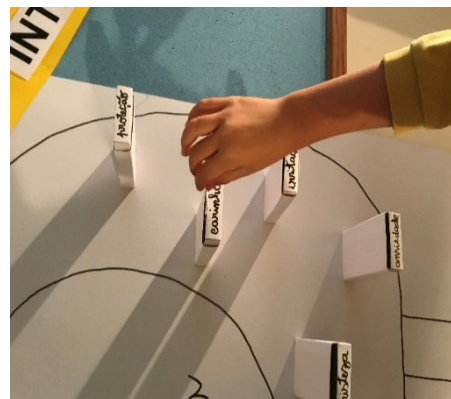


Figura 4. Identificação da emoção e colocação das chaves na respetiva gaveta

Na continuidade desta sessão, em contexto de sala de aula, a história “O Pássaro da Alma” foi alvo de interpretação e elaboração de um guião de compreensão.

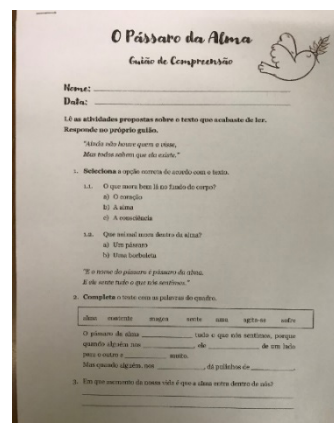


Figura 5. Preenchimento do guião de compreensão da história

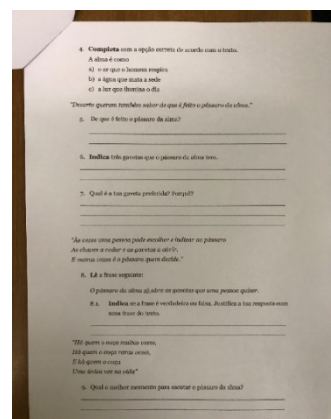


Figura 6. Preenchimento do guião de compreensão da história

Posteriormente, os alunos foram surpreendidos por um pássaro que encontraram na entrada das salas, com um enigma que tiveram de descodificar e que os levou até à mata do Colégio.



Figura 7. Chegada do enigma através do pássaro em origami

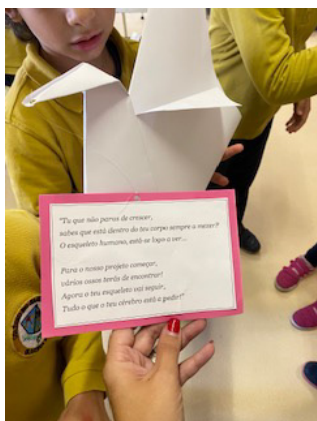


Figura 8. Chegada do enigma através do pássaro em origami

Esta atividade motivacional serviu como introdução à unidade de trabalho sobre o corpo humano. Depois, realizou-se uma atividade de compreensão e escuta ativa sobre o poema “O esqueleto”.

Posteriormente, os alunos cantaram a música “Da cabeça aos pés”, acompanhada por uma coreografia. De seguida, houve a oportunidade de legendar, em português e inglês, o esqueleto descoberto na mata.

Entretanto, foram elaborados dois cartazes, com material recolhido em casa pelos alunos, sobre os animais vertebrados e os invertebrados. Depois, procedeu-se à revisão da matéria sobre os ossos através de um vídeo.

Os alunos quiseram saber mais e foi improvisado um laboratório na sala de aula, questionando-se sobre a resistência dos ossos. Assim, realizaram-se experiências que permitiram observar e registar as evidências, ao longo do tempo, na carta de planificação, chegando-se à conclusão de que as substâncias ácidas desgastam o cálcio existente nos ossos, enfraquecendo-os.

De seguida, partiu-se à descoberta dos diferentes ossos do esqueleto humano que estavam escondidos na mata. Após a recolha dos ossos e já na sala de aula, os alunos construíram o seu esqueleto.

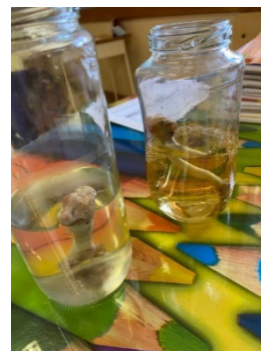


Figura 11. Experiência sobre a resistência dos ossos



Figura 9. Descoberta dos ossos enterrados

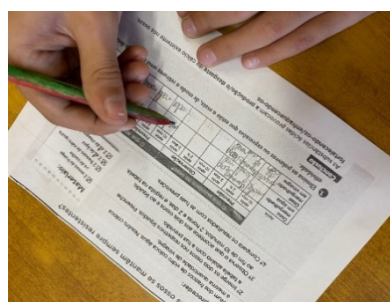


Figura 12. Guião de monitorização da experiência



Figura 10. Montagem do esqueleto e respetiva legendagem

Depois de se pesquisar sobre os alimentos que fortalecem os ossos, no Dia Mundial da Alimentação e, em conjunto, foi feito um batido saudável.

Para concluir o estudo do esqueleto, na aula de Educação Física, realizou-se o jogo de equilíbrio e deslocamentos “Mexe o esqueleto”.

METODOLOGIA

Aquando da planificação do projeto interdisciplinar e da criação dos cenários de aprendizagem, a EI foi pensada e incluída nesses cenários, com respetivos objetivos e dinâmicas da sessão a realizar. Procurou-se interligar as áreas curriculares e a EI, considerando o Perfil dos Alunos (Doroteias da Província Portuguesa, 2020). Através da história “O Pássaro da Alma”, proporcionou-se a escuta e reflexão sobre as emoções, levando a tomar consciência do ser pessoa inteira, tal como vem expresso no Perfil dos(as) Alunos(as), uma pessoa “unificada, reta, crítica, de discernimento, centrada no essencial”.

Deste modo, ao longo do projeto vivido, utilizou-se uma metodologia ativa, na qual se priorizaram as experiências pessoais, por um lado, e grupais, por outro. Os dinamizadores (professores) prepararam, aplicaram e despoletaram as dinâmicas que propiciaram ao(s) aluno(s) ser(em) o(s) protagonista(s). Valorizou-se, acima de tudo, o que aconteceu efetivamente, em termos de vivências experimentadas e vividas pelo grupo.

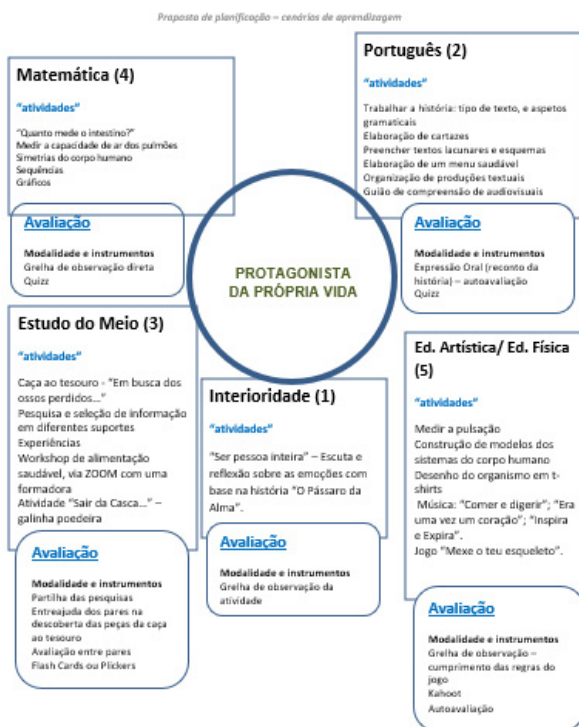


Figura 13. Planificação dos cenários de aprendizagem

RESULTADOS

A articulação da Educação da Interioridade com o currículo permitiu tornar as aprendizagens mais significativas e próximas dos alunos, o que favorece o seu envolvimento e motivação. Esta interligação (currículo e interioridade) facilitou o desenvolvimento de competências no aluno e influenciou a sua postura perante a aprendizagem. Como seres de relação, uns com os outros, foi necessário desenvolver ações de busca, com espírito de equipa entre pares. Constatou-se que surte maior efeito quando as competências são desenvolvidas de forma estruturada e interligada, contribuindo para a identidade de uma pessoa mais completa e conhecedora de si. Estas dimensões reforçam e sustentam o perfil do indivíduo educado nos centros educativos das Irmãs Doroteias, promovendo o crescimento harmonioso de todas as dimensões da pessoa, visando a formação integral dos alunos. Atendendo assim à finalidade da ação educativa que é “de modo personalizado, promover o desenvolvimento e o crescimento harmonioso de todas as dimensões (bio/psíquica/social/espiritual...), inteligências e dinamismo (corporeidade, intelecto, afetividade, vontade) constitutivas/os da pessoa”, (in Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias).

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Tendo por base os objetivos da EI, o Perfil dos(as) Alunos(as), e as Aprendizagens Essenciais (Direção Geral da Educação, 2018), convergiu-se para uma articulação entre currículo, tema do ano e dimensões da interioridade.

A equipa de EI considera que este é um caminho possível a percorrer. Assim, sempre que se considere oportuno, deve-se planificar de forma articulada as áreas curriculares com a Educação da Interioridade, tendo como horizonte o aluno no centro da aprendizagem, para que este possa ser protagonista da própria vida e agente transformador da realidade.

Referências Bibliográficas

- Direção Geral de Educação (2018). *As Aprendizagens Essenciais*. (disponível em <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>) [acesso em 1 setembro de 2020]
- Doroteias da Província Portuguesa (2020). *Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias*. (não publicado)
- Snunit, M. (2017). *O Pássaro da Alma* (6ª ed.). Lisboa: Editora Vega.

A Educação da Interioridade - Um Caminho

Externato do Parque

Ana Sofia Barbosa, Ana Sofia Nunes, Dina Sousa, Joel Carvalho, Tânia Santos, Teresa Figueiredo

Resumo

O texto que se segue, estruturado em três blocos, resume a experiência vivida e partilhada nas I Jornadas de Inovação Pedagógica. Naquele momento de partilha, a equipa da Oficina de Inovação Pedagógica da Educação da Interioridade do Externato do Parque, através de uma apresentação estruturada, apresentou e deu a conhecer a todos os Centros Educativos das Irmãs Doroteias o processo de implementação das sessões de Interioridade realizadas no próprio centro educativo e o modo como atualmente está a desenvolvê-las.

Esta comunicação foi ilustrada com algumas fotografias que a equipa foi recolhendo ao longo das sessões realizadas, que deram a conhecer tanto o espaço onde se efetuaram, como algumas estratégias/materiais utilizadas nessas mesmas sessões.

No final desta comunicação/partilha foram apresentados os resultados da avaliação recolhida junto dos alunos e dos professores do Externato do Parque, através de diversos gráficos simples e transcrição de algumas avaliações. Estas tiveram um impacto muito importante para todos os elementos desta Oficina, pois só assim foi possível afinar critérios e modificar algumas estratégias durante o processo que iria decorrer nas sessões seguintes.

Palavras-chave:

Sessões de Interioridade; Participação dos Professores; Avaliação.

Abstract:

The text below, structured in three blocks, summarizes the experience lived and shared in the *I Jornadas de Inovação Pedagógica*. In that moment of sharing, the team of the Pedagogical Innovation Workshop of the Interiority Education of *Externato do Parque*, through a structured presentation, presented and made known to all the Educational Centers of *Irmãs Doroteias* the process of implementing the Interiority sessions held at its educational center and the way they're being developed.

This communication was illustrated with some photographs that the team collected throughout the sessions, which made known both the space where they took place and some strategies/materials used in those sessions.

At the end of this communication, the results of the assessment collected from the students and teachers of *Externato do Parque* were presented, through several simple graphics and transcription of some opinions expressed in excerpts on the same assessment sheets. This evaluation had a very important impact on all elements of this Interiority Workshop, as it was a privileged way to validate criteria and modify some strategies during the process that would take place in the following sessions.

Keywords:

Interiority Sessions; Teacher Participation; Evaluation.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem como objetivo dar a conhecer o percurso realizado na Oficina de Educação da Interioridade, no Externato do Parque, durante o presente ano letivo (2020-2021) e a forma como se propõe realizar o desenvolvimento das mesmas num futuro próximo.

Segundo o trabalho de pós-graduação em EI pelas Irmãs Anabela Pereira e Irmã Ana Barrento, com o título "Projeto Educação da Interioridade dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias", entende-se que «... Educar ao estilo de Paula [onde] alunos, pais, professores e auxiliares formam uma comunidade educativa em que todos são, simultaneamente, sujeito e objeto do processo educativo (...).»

Assim, considerámos de extrema pertinência envolver todos os professores titulares/educadores na realização das sessões de Interioridade, fazendo-o de forma progressiva, construtiva/formativa. Num primeiro momento a equipa de interioridade reuniu com os educadores/professores explicitando as sessões a implementar e esclarecendo dúvidas. Num segundo momento, estes pro-

fessores assistiram a algumas sessões dinamizadas por um dos elementos da equipa. Com a confiança que foram adquirindo, estes educadores/professores começaram a ganhar autonomia e a dinamizar as suas próprias sessões aos seus grupos, sendo sempre apoiados pelos «peritos» desta Oficina.

Foi notória e visível a autonomia alcançada por todos os docentes envolvidos, o que deixou os elementos da equipa muito felizes e orgulhosos.

EXPERIÊNCIA

No ano letivo anterior (2019-2020), os elementos da equipa da Interioridade planificaram e realizaram sessões trimestrais com todas as turmas dos 1º, 2º e 3º anos, com as respetivas professoras titulares a assistir. Foi uma experiência inovadora e uma dinâmica absolutamente nova na rotina do Externato do Parque.

A adesão a estas sessões foi fantástica! Alunos e docentes aderiram muitíssimo bem a este tempo que estava a ser implementado no horário das turmas. O feedback foi che-

gando às famílias que nos questionavam de forma curiosa e entusiasta sobre o que era a Interioridade.

Estávamos a caminhar no bom sentido e no rumo certo, pois estas sessões estavam a ser levadas para o exterior e a chegar também às famílias dos nossos alunos, o que nos deixou muito satisfeitos.

Este ano letivo (2020-2021), a equipa reuniu-se diversas vezes para planificar as sessões de Interioridade já para todas as turmas do 1º Ciclo e do Jardim de Infância, com uma periodicidade mensal. Excetuou-se o grupo dos 3 anos que, por se encontrar em fase de adaptação no início do ano letivo, apenas começou a participar nas sessões a partir do final do 1º trimestre.

A equipa teve também como principal objetivo começar a promover e a implementar momentos de Interioridade junto de toda a Comunidade Educativa (Irmãs, Professores, Educadores, Assistentes Operacionais e outros Colaboradores), sendo estes momentos calendarizados e realizados no início e no fim do ano letivo.

METODOLOGIA

No 1º Ciclo, a equipa da Interioridade reuniu, planificou e assegurou a preparação do espaço, que foi criado para o efeito (sala de Interioridade) e dos materiais para a realização das sessões. A equipa facultou a todos os professores titulares as planificações para que estas se realizassem com as suas turmas. No entanto, por haver ainda alguma insegurança da parte dos docentes que não faziam parte da oficina, alguns professores assistiram às sessões de elementos da equipa ou então um elemento da oficina conduziu a sessão de outras turmas.

Posteriormente, optou-se por realizar com os professores, previamente, a sessão a desenvolver com os alunos, de modo a permitir que os mesmos se sentissem mais confiantes na sua realização, uma vez que já a tinham vivenciado.

Após cada sessão havia sempre espaço e abertura para os elementos da equipa esclarecerem dúvidas aos colegas.

Esta foi, sem dúvida alguma, a forma que encontrámos para deixar os professores mais seguros e confiantes para se sentirem à-vontade e para implementarem as sessões com as suas turmas. A pouco e pouco, todos os professores começaram a incorporar o espírito das sessões de Interioridade.

No caso do Jardim de Infância, foram as educadoras da equipa que implementaram e dinamizaram todas as sessões realizadas aos diferentes grupos. Porém, pela experiência vivida no 1º Ciclo, é intenção da equipa da Interioridade, no próximo ano letivo (2021-2022), seguir o mesmo processo experiencial com as educadoras para cada sessão programada.

Aos poucos, com o crescimento da equipa, o trabalho tem vindo a ser organizado de forma mais estruturada e completa. Assim sendo, é possível ir melhorando e desenvolvendo rotinas que vão fazendo parte do dia-a-dia da escola: chegar a todos os alunos e todos os colaboradores com pequenos gestos que fazem da Interioridade, mais do que uma prática, uma realidade que acontece naturalmente.

Tem sido manifestamente visível a alegria e o entusiasmo das nossas crianças e de todos os elementos da comunidade educativa do Externato do Parque, sempre que há uma sessão de Interioridade.

RESULTADOS

Foi através dos instrumentos de avaliação criados que foi possível perceber o caminho a seguir, os passos a corrigir, os sucessos alcançados e as barreiras a ultrapassar. Partindo do documento de trabalho facultado pela Oficina, a equipa do Externato do Parque decidiu adaptar o modelo de avaliação proposto para uma versão mais simplificada, mais apelativa e intuitiva aquando do seu preenchimento, tendo em conta a realidade do nosso centro educativo e a faixa etária da nossa população escolar. Para além disso, considerámos extremamente importante deixar um campo aberto para a manifestação das diversas opiniões e sugestões por escrito.

Na maioria das turmas (e com a generalidade dos professores), ainda que não mensuráveis ou expressáveis em gráficos, foi através destas observações escritas nas folhas de avaliação que conseguimos tomar uma maior consciência do que estava a resultar melhor e aquilo que era necessário aperfeiçoar.

Os professores manifestaram o seu enorme gosto e maior confiança na realização das sessões e os alunos expressaram absoluto agrado pelo espaço e pelas dinâmicas propostas em cada sessão. As crianças disseram ainda que devia haver mais sessões de Interioridade por trimestre.

Durante e no final de cada sessão é notória a paz e calma que se fazem sentir no ambiente da turma.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

No final desta apresentação realçamos a importância de começar com pequenos passos para que se possa construir um caminho sólido e seguro. A oficina da Interioridade considera que cada vez mais os alunos e os colaboradores têm vontade de participar nestes momentos fortes. Com a vida agitada que se faz sentir na globalidade deste mundo em que vivemos, consideramos que esta oficina é essencial e deve ser levada cada vez mais a sério, fazendo

parte integrante do currículo de todos os centros educativos das Irmãs Doroteias.

Educar os nossos alunos de forma integral passa também por desenvolver neles a sua inteligência emocional, hoje em dia tão falada, tão necessária, mas tantas vezes tão esquecida.

Eu e o outro

Obra Social Paulo V

Eunice Gomes, Fátima Albuquerque, Sara Niego

Resumo

As sessões de Interioridade com adultos na Obra Social Paulo VI têm vindo a crescer ao longo dos anos, fazendo parte da rotina e planificação anual de atividades. Têm como objetivo primordial desenvolver o autoconhecimento, proporcionando um momento de pausa e reflexão. Assim como nas sessões destinadas às crianças, o recurso a diferentes linguagens como a música, o movimento, a imagem, torna-se essencial para trabalhar a integralidade do ser. O aprofundar o conhecimento de nós próprios ajuda-nos na perceção do eu, do outro e do mundo que nos rodeia, facilitando a tomada de consciência de si mesmo e dos outros e potenciando a formação do colaborador enquanto educador de crianças e jovens.

Palavras-chave:

Interioridade; Eu; O outro; Relação; Integralidade.

Abstract:

The sessions of Interiority with adults in Obra Social Paulo VI have been growing over the years, being part of the routine and annual planning of activities. Their primary purpose is to develop self-knowledge, providing a moment of pause and reflection. As in sessions aimed at children, the use of different languages such as music, movement, image, becomes essential to work the integrality of being. Deepening the knowledge of ourselves helps us in the perception of the self, the other and the world around us, facilitating the awareness of oneself and others and enhancing the formation of the collaborator as educators of children and young people.

Keywords:

Interiority; Myself; The other; Relationship; Integrality.

INTRODUÇÃO

A oficina de Interioridade tem como principal objetivo desenvolver o autoconhecimento, seja das crianças, seja dos adultos. Iremos neste artigo cingir-nos aos adultos, uma área desenvolvida na nossa instituição e que tem vindo a crescer ao longo dos anos. A importância da formação do educador/colaborador revela-se fundamental na formação integral do ser e da pessoa que educa as crianças e jovens. Trabalhar a interioridade nos locais de trabalho pretende estreitar relações, desenvolvendo o conhecimento de si, dos outros e do mundo que os rodeia. A interioridade deve ser, e tem sido cada vez mais, compreendida como uma área interdisciplinar onde podemos relaxar, dançar, ouvir música, cantar, desenhar, escrever... atividades do nosso quotidiano, mas que exigem um parar. Temos que, como em tudo na vida, ter tempo. O tempo de parar e refletir é fundamental para a descoberta, construção e compreensão do nosso ser. Nos tempos de hoje, cada vez mais se pretende flexibilidade e interdisciplinaridade num profissional, quanto mais num educador que deve ser o despoletador e gerador de experiências e descobertas. Sabemos que estimular determinadas áreas sensoriais ajuda ao desenvolvimento global da criança/jovem/adulto. E é precisamente neste tipo de estímulos e abertura a diferentes linguagens que o nosso Centro Educativo se tem debruçado amplamente, fundindo todas as linguagens e criando uma linguagem comum.

Neste artigo iremos abordar o trabalho desenvolvido numa das sessões de interioridade realizada no nosso centro educativo no ano 2021, intitulada: Eu e o Outro. Um exercício de mergulho e observação interior, onde várias componentes do nosso ser serão abordadas, recorrendo a diferentes sensações e sentidos (estímulo sonoro, visual, táctil).

EXPERIÊNCIA

Esta sessão de interioridade integrou diferentes momentos que serão descritos de seguida:

1º momento - Relaxamento:

Após conversa inicial à porta de uma sala polivalente da Instituição, explicando um pouco a sessão, os colaboradores entram, descalços, sem batas, para uma sala que se encontra na penumbra com esteiras colocadas pela sala, o som de uma música calma a ecoar (cd *Amélie*, Yann Tiersen). Após um breve momento de relaxamento, tentando que mantenham a respiração longa e controlada, para mergulharem na sessão e no que se irá pedir, cada adulto é conduzido por um dos elementos da equipa da Interioridade para uma cabine criada para este efeito. A partir deste momento, a voz *off* do elemento condutor da sessão faz-se ouvir ao longe, enquanto o professor de música toca melodias ao piano, geradoras de sentimentos tristes, alegres, conforme o texto-guia.

2º momento - Encontro com o «Eu» (observação ao espelho):

O confronto comigo mesmo, o mergulhar na minha imagem e tentar descobrir o que vejo. A minha visão geralmente não corresponde à imagem que tenho de mim mesmo. É o outro eu, não o alter ego, mas sim um eu que formei na minha cabeça e que geralmente não o questionamos. O parar para se observar tem muito que se lhe diga e requer tempo. Olhar nos olhos do próprio reflexo no espelho e descobrir ou ver verdadeiramente aquele ser que temos diante implica um mergulhar profundo. Nem todos estamos preparados para isso em todos os momentos. Obrigar-nos a parar e olhar fundo implica tempo e disponibilidade. Se nos deixarmos verdadeiramente entrar, poderemos abanar alguns alicerces. Mas esse abanar terá que ter continuidade. Não posso apenas abanar e não trabalhar o que foi mexido. Se algo me incomodou, me fez pensar, então aí está um ponto a trabalhar. Neste caso específico, terei que aprender a gostar do EU refletido e aceitar o que vejo (com rugas, sem rugas, mais cheio, menos cheio, olhos tristes...) e não nos referimos apenas ao aspeto físico, apesar de esse ser o mais imediato que esconde as verdadeiras marcas do EU.



Figura 1 - Encontro com o Eu

3º momento - Autorretrato (desenhar-se no espelho):

O simples facto de pegarmos numa caneta ou num pincel para nos desenharmos, implica uma observação mais atenta, para não dizer profunda, porque posso não querer «entrar e mergulhar» no espelho e esboçar apenas uma silhueta, sem perdurar nos pormenores e no que vejo do outro lado do espelho.

Uma tarefa aparentemente simples que pode ter vários níveis de profundidade e entrega.



Figura 2 - Autorretrato

4º momento - Encontro com o «Outro» (observação através do acrílico):

Este encontro poderá ser, para a maioria, constrangedor. Tenho que confrontar o outro e olhá-lo nos olhos, assim como o outro terá que me olhar. Será que consigo observar o outro, deixando-me observar em simultâneo? Terei vontade de desviar o olhar? Quero que me vejam? O que vejo no outro e o que vê o outro no eu/ego/me/mim?

5º momento - «Desenhar» o outro:

Desenhar, escrever o outro. Como poderei descrever, comunicar algo sobre o outro, sem recorrer à linguagem oral. Apenas posso usar as canetas e os pincéis e uma paleta de cores. Bastará para descrever o outro que tenho diante e que irá trabalhar lado a lado comigo para o ano? Será que conheço esse outro? Posso parar para o observar mais cuidadosamente: a sua expressão, a sua postura... Estará bem? Confortável? Feliz? Parei alguma vez este ano para o observar? E conhecer?

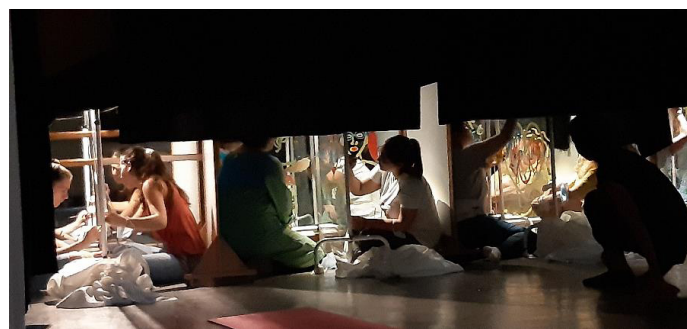


Figura 3 - Desenhar o outro

6º momento - Jogo do espelho na Sombra:

Um jogo de sombras chinesas duplas em que o Eu vê a sua sombra e a do Outro e vice-versa. Ao som de *La Valse d'Amélie*, os pares que têm trabalhado juntos são conduzidos, uns para detrás do pano branco que ocupa um lado da sala e os restantes para a frente, numa tentativa de encontrar e não perder o seu par. Um momento de maior descontração e de encontro na sombra, mas onde o movimento do corpo é bem marcado, ficando registado na sombra. O objetivo é identificar o seu par através do movimento e das características que se tornam únicas. Primeiro, um grupo dança ou movimenta-se ao som da música atrás do pano e é imitado como um reflexo pelo seu par do outro lado do pano; em seguida, os papéis invertem-se. Acabam num gesto de agradecimento (gratidão) que gostariam de levar para o próximo ano letivo e, já sem pano ou barreiras físicas, encontram-se e continuam a movimentar-se, mantendo o gesto de gratidão até darem as mãos e se acomodarem num colchão. A sombra chinesa facilita a desinibição, mas continuamos na sombra.

7º momento - Encontro com o outro (sem acrílico e sem pano):

Frente a frente, de mãos dadas, sentam-se no colchão e observam-se. Olham-se nos olhos e, mantendo esta sensação de gratidão, partilha e entrega, irão permanecer uns segundos assim, simplesmente. Após este momento, um dos elementos da equipa de interioridade, distribui uma bola a cada par e um de cada vez irá proceder à massagem do colega, mantendo esta calma e sensação de dar ao outro, sabendo que há uma partilha.

8º momento: O Reencontro com o «Eu» e reflexão escrita sobre a experiência.

Após a massagem, cada um se acomoda num colchão e deita-se de forma confortável (de preferência de barriga para cima) e, tal como no início da sessão, inspiram fundo e relaxam. É-lhes entregue um pequeno espelho 10cmx15cm e novamente irão confrontar-se com o EU. Olhando de novo para o reflexo do espelho, a primeira pergunta que surge é: Veem-se da mesma forma que no início da sessão? O que sentem? Qual foi o momento mais difícil, se houve, da sessão? Após um breve momento de observação ao espelho, é-lhes entregue uma folha e canetas onde irão fazer uma pequena reflexão/avaliação da sessão. É-lhes informado de antemão que a folha ficará para cada um, mas que seria bom que registassem o que sentiram. Ao som de uma música calma, cada participante tem tempo de registar as suas sensações. Após esse tempo de reflexão e escrita, os elementos são convidados a verbalizar em voz alta no pequeno grupo (8 colaboradores + 3 elementos da equipa de interioridade) impressões da sessão. E finda esta avaliação, lentamente, cada um sai da sala e retoma o seu trabalho.

METODOLOGIA

A preparação desta sessão de interioridade implicou vários encontros da equipa de interioridade, uma equipa composta por elementos com diferentes funções (desde assistentes operacionais a educadores e professores especialistas) no Centro Educativo. É de salientar que estes momentos de Interioridade são vivenciados em pequenos grupos, mantendo-se as rotinas do Centro Educativo e diversificando-se os espaços onde estas dinâmicas ocorrem.

O espaço, os materiais, a música, todos os recursos foram previamente pensados e preparados para potenciar os diferentes momentos descritos anteriormente.

A avaliação desta sessão foi feita através de um formulário online com carácter anónimo.

RESULTADOS

Com a análise do formulário online, constatámos que os colaboradores do Centro Educativo mostraram uma grande satisfação com a sua participação nesta sessão de interioridade. A maioria dos colaboradores manifestou o desejo de tornar estes momentos mais frequentes.

1. Gostou de participar na sessão de Interioridade “Eu e o Outro”?
21 respostas

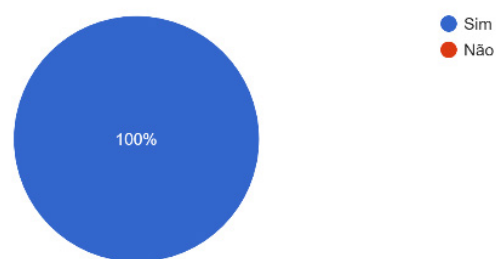


Figura 4 - Gráfico de avaliação 1

4. Que momento foi mais difícil para si realizar durante esta sessão?
20 respostas

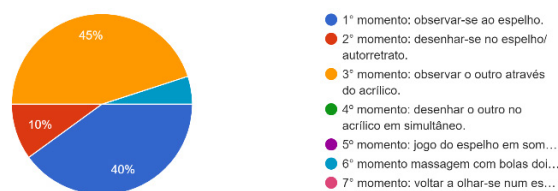


Figura 5 - Gráfico de avaliação 2

5. Esta sessão contribuiu, de alguma forma, para o seu autoconhecimento?

20 respostas

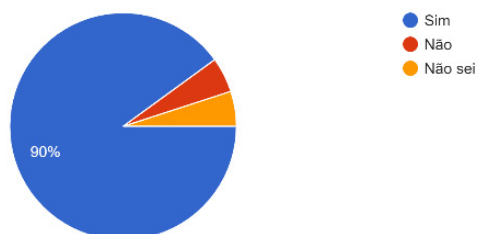


Figura 6 - Gráfico de avaliação 3

6. Como se sentiu no encontro com o outro?

21 respostas

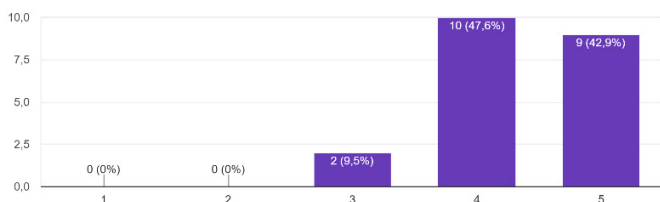


Figura 7 - Gráfico de avaliação 4

CONCLUSÃO

A análise dos resultados permitiu à equipa de Interioridade confirmar a importância destes momentos para a formação do Ser pessoa inteira e projetar as próximas sessões de Interioridade.

Com estes dados, reforçamos a ideia de que a educação da interioridade para os adultos pretende ser algo transversal, atuando como mais uma ferramenta na formação dos nossos colaboradores.

Desta forma, consideramos que se torna fundamental apostar, cada vez mais, numa interioridade transformada e abrangente, incluindo toda a equipa educativa, desde as crianças aos colaboradores.

Novos desafios – o poder da participação ativa

Instituto S. José, Vila do Conde

Adriana Moreira, Ana Patrícia Rodrigues, Dores Maciel, Sandra Esteves, Teresa Casal

Resumo

No âmbito da Oficina Participação das Crianças do Instituto S. José surgiram três projetos de inovação pedagógica conduzidos pela voz das crianças. Pretendemos partilhar os projetos de inovação em curso na Instituição no ano letivo 2020/2021, as práticas e iniciativas desenvolvidas no contexto de cada um e os dados obtidos com a aplicação dos instrumentos de avaliação, criados para monitorizar o nível de participação. Além disso, importa divulgar o impacto destas dinâmicas na Instituição, na equipa pedagógica, nas famílias e nas crianças. Intitulamos este artigo como o poder da participação ativa uma vez que os resultados destas ações permitem referir que as crianças têm parte ativa na Instituição e estamos a caminhar para uma equipa pedagógica mais alinhada e uniforme nas suas práticas educativas.

Palavras-chave:

Participação, crianças, projetos, inovação, voz

Abstract:

In the frame of the program “Participação das Crianças” conducted at Instituto S. José three innovation projects arose from the children’s intent. This article shares the practice and activities performed in the context of each innovation project during the school year 2020/2021 and describes the results of the metrics and instruments used to assess and monitor the participation levels. Also, the impact of the outcome of these projects in all the stakeholders as Institution, families and children is also highlighted. The power of an active role was the drive for this article title inspired by the results of the projects that shows that the children have an important and active role in the Institution activities’ and the promising indication that the pedagogical team is evolving to be more aligned towards educational practices uniformization.

Keywords:

Participation, children, projects, innovation, voice

INTRODUÇÃO

A Oficina de Inovação Pedagógica Participação das Crianças do Instituto S. José é constituída por cinco elementos da equipa pedagógica e tem como objetivo promover e desenvolver boas práticas de participação das crianças.

É ainda intencionalidade da oficina uniformizar a intervenção educativa entre todos os elementos da equipa, considerando os referenciais disponibilizados no âmbito do Projeto Bússola 21. Deste modo, as diretrizes desenvolvidas no contexto da oficina abrangem as equipas das respostas sociais da Creche e Pré-escolar. Das ações da oficina destacamos: a partilha constante de objetivos, a promoção de reuniões pedagógicas semanais para reflexão, partilha, trabalho colaborativo, avaliação e a orientação que é partilhada de forma regular com todos os educadores da Instituição para gerar mudança e inovação na ação pedagógica. Sempre nesta perspetiva de potenciar-mos cada vez mais a participação das crianças nas suas vivências diárias.

A ação da oficina também está muito centrada no envolvimento de toda a equipa, na projeção dos projetos a desenvolver com a participação das crianças. Considerando que na prática educativa importa validar os seus interesses, motivações e promover a sua participação nas vivências do contexto escolar. “As crianças possuem capacidades e competências para dar um contributo inovador

para melhorar os espaços sociais em que vivem e por isso necessitam de ser ouvidas.” (Tomás e Gama, 2011, citadas por Cortesão e Jesus, 2020, p. 4).

Numa fase inicial do ano e, na expectativa de identificar quais os projetos que seriam desenvolvidos, foram realizadas entrevistas aos grupos de crianças de forma a fazer um levantamento de ideias e opiniões. Deste modo, no ano letivo 2020/2021 surgem os projetos de inovação que envolveram 42 crianças da Creche e 125 do Pré-Escolar. As dinâmicas promovidas são da sua inteira responsabilidade.

EXPERIÊNCIA

O projeto “A minha voz, a nossa voz” promove estratégias de participação das crianças nas rotinas de sala e Instituição através da utilização de instrumentos de pilotagem para organização social dos grupos. Esta documentação pedagógica tem como intencionalidade potenciar a participação das crianças na organização do dia, no planeamento de atividades e avaliação das dinâmicas e iniciativas que desenvolvem. A aplicação destes instrumentos é diária e os dados que integram são o resultado de uma participação ativa e representam, seguramente, uma forma de incentivo à criatividade, responsabilidade e autonomia. Diariamente são incentivadas a dialogar em grupo, refletir e a avaliar de forma crítica. Além disso, desta prática surgem importantes sugestões, iniciativas,

projetos de sala e realizam-se atividades pensadas e planejadas pelas próprias crianças. Deste modo, vêm os seus interesses considerados e participam em momentos de onde retiram inúmeras aprendizagens significativas. No contexto deste projeto também realizamos assembleias de grupo (semanais) e assembleias de Centro (trimestrais). A intencionalidade é criar momentos de debate, de apresentação/discussão de ideias e tornar a vivência das crianças cada vez mais interventiva em todos os assuntos que lhes dizem respeito.

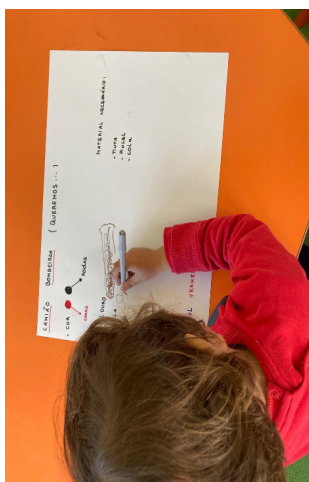


Fig.1 – Projeto “A minha voz, a nossa voz”
Projeto de sala – Momento de planificação com as crianças.



Fig.2 – Projeto “A minha voz, a nossa voz”
Planificação com as crianças – Assembleia de Centro.

O gosto e a motivação pelas atividades no exterior são características transversais às crianças dos vários grupos das respostas sociais da creche e pré-escolar. Nas suas vivências propõem, de forma espontânea, dinâmicas e experiências no espaço exterior. Deste interesse surge o projeto “Brincar é o nosso mundo” que tem como objetivo assegurar a participação das crianças no planeamento das suas iniciativas de exploração do espaço exterior. Da concretização deste projeto destacamos dinâmicas promovidas pelas crianças ao ar livre: brincar na chuva, mexer na terra, observar a natureza, a cozinha das brincadeiras (localizada no jardim da Instituição). O contacto com

a natureza potencia um conjunto de experiências importantes para a saúde, bem-estar, autonomia, concentração, felicidade e para o crescimento equilibrado e harmonioso das crianças. Numa segunda dimensão, este projeto também integra a dinamização dos parques da Creche e Pré-escolar. Os vários grupos envolveram-se em momentos de tomada de decisão conjunta (assembleias de centro) para decidir quais os novos materiais que os parques deveriam ter. Cada grupo ficou com uma tarefa: organizar os materiais escolhidos e apresentar um plano de execução com as suas estratégias de organização/construção. As crianças responsabilizaram-se por organizar os materiais sugeridos e foi possível criar novas oportunidades de brincadeira livre: pistas para carros, trotinetes, motas, instrumentos musicais, bebés, louça para cozinhar...



Fig.3 – Projeto “Brincar é o nosso mundo”
Atividade “Mexer na terra”



Fig.4 – Projeto “Brincar é o nosso mundo”
Atividade “Brincar na chuva”

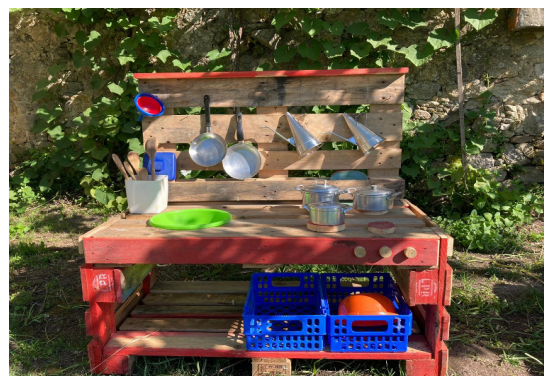


Fig.5 – Projeto “Brincar é o nosso mundo”
Cozinha das brincadeiras



Fig.6 - Projeto "Brincar é o nosso mundo"
Cozinha das brincadeiras



Fig.7 - Projeto "Brincar é o nosso mundo"
Cozinha das brincadeiras

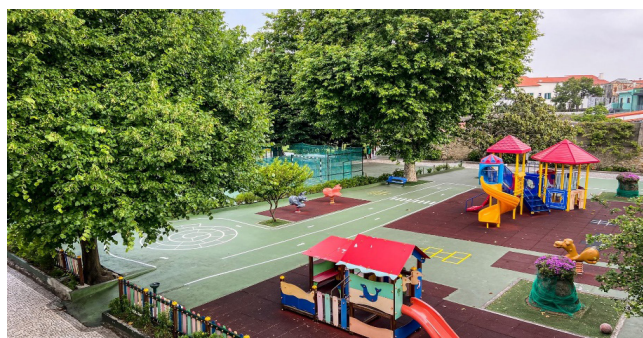


Fig.8 - Projeto "Brincar é o nosso mundo" - Dinamização do parque Pré-Escolar

as nossas conquistas, dinamizamos espaços em dias especiais. As assembleias de Centro são estratégias de incentivo à participação da criança em vivências da Instituição e também permitem cooperar na gestão de saberes entre os vários grupos. É uma forma de crescer com o outro.



Fig.9 - Projeto "Crescer com o outro"
Exposição em espaços comuns

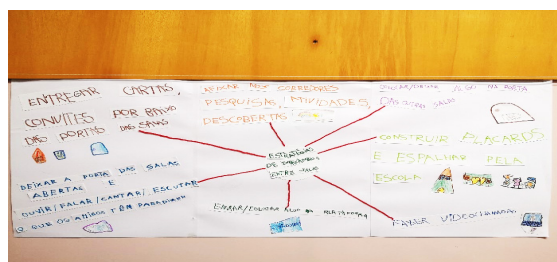


Fig.10 - Projeto "Crescer com o outro"
Planificação com as crianças



Fig.11 - Projeto "Crescer com o outro"
Desenho realizado pelas crianças - Assembleias de Centro

No projeto "Crescer com o Outro" demos continuidade às boas práticas de partilha e intercâmbio de aprendizagens, que temos desenvolvido entre os vários grupos das duas respostas sociais da Instituição. Contudo, neste ano letivo, com novas estratégias de proximidade e partilha entre grupos. A gravação de vídeos e divulgação entre salas foi uma forma de mantermos o contacto e a atitude de partilha que este projeto promove. Deixamos mensagens nas portas das salas, realizamos vídeo chamadas entre grupos com a intenção de partilhar aprendizagens e descobertas, organizamos exposições em espaços comuns para divulgar experiências, deixamos desafios, desenhos que apresentam

A intencionalidade destas práticas será sempre otimizar as potencialidades das crianças, através da escuta consciente das suas vozes, permitindo-lhes mobilizar grandes iniciativas e experiências pedagógicas. Segundo Formosinho-Oliveira, Lino e Niza (2013) a participação contribui para a formação de sujeitos reflexivos, críticos e observadores. As crianças desde cedo devem ser incentivadas a participar nos contextos escolares onde estão inseridas para que desenvolvam uma maior atitude crítica e interventiva. Competências que a longo prazo serão benéficas para a inserção na sociedade enquanto cidadãos ativos. Na concretização dos três projetos a equipa da oficina

construiu documentação pedagógica para ser utilizada em todas as faixas etárias. A intenção é que cada educador registre, de acordo com as experiências que as crianças organizam, as dinâmicas e iniciativas vivenciadas, considerando indicadores de participação das crianças. Na perspectiva de refletir sobre as ações desenvolvidas no contexto do seu grupo e o nível de participação.

METODOLOGIA

No decorrer de cada um dos projetos a observação foi a metodologia principal no processo e recolha de dados. Dos diálogos individuais/grande grupo, interações criança-adulto/criança-criança e de todos os momentos de planificação, fomos recolhendo ideias como forma de planificar, documentar e avaliar as experiências de inovação pedagógica.

As assembleias de grupo/Centro também foram uma estratégia para planificar com as crianças e envolvê-las em momentos de decisão para traçar o caminho a percorrer em cada um dos projetos. Na perspectiva das crianças e a propósito destas estratégias de participação: “Temos que continuar porque temos as coisas mais organizadas e melhor feitas.”, “Somos nós que temos todas as ideias na nossa assembleia.”, “Os grandes ouvem as crianças. Todos ouviram as ideias”.

Aplicamos instrumentos de avaliação para recolha de dados que contemplam critérios de qualidade para avaliar o nível de participação das crianças e documentam as suas vozes. Construímos materiais para avaliar projetos/atividades, assembleias de Centro/grupo. Na recolha das perceções das crianças quanto ao seu nível de participação nas atividades conseguimos recolher dados nas seguintes dimensões: aprendizagens, autonomia, implicação na tarefa, cooperação com adultos e pares. Às crianças foram dirigidas questões (implícitas nestes materiais) e agrupadas nas várias dimensões/critérios de qualidade. Também as perceções do educador são essenciais nesta intenção de monitorizar a envolvimento no contexto escolar. Os instrumentos criados permitem um levantamento das perspectivas dos educadores em vários níveis: aprendizagem, espírito crítico, autonomia, cooperação, inovação, eficácia e negociação.

Esta documentação criada por toda a equipa pedagógica permite documentar a voz das crianças quando questionadas sobre vários aspetos da sua participação. Importa salientar que, considerando a aplicação que foi feita destes instrumentos de avaliação neste ano letivo, claramente que potenciaram uma atitude reflexiva por parte da equipa e geraram um maior conhecimento sobre o ponto de vista das crianças em relação às dinâmicas e iniciati-

vas que dinamizaram. Consideramos que foi essencial incluir nestes registos de avaliação a transcrição das vozes das crianças. Permitiu uma recolha real das suas opiniões quanto aos projetos e à sua vivência diária no contexto escolar.

RESULTADOS

Estas dinâmicas de inovação tiveram um impacto muito positivo no Centro Educativo, na ação pedagógica dos profissionais, nas famílias e nas crianças (felizes e participativas). Também as crianças têm voz na avaliação das atividades. Recolhemos vozes (através da aplicação dos instrumentos de avaliação) que documentam a perceção que têm quanto ao seu nível de participação nestes projetos e o resultado das experiências que elas próprias criaram e dinamizaram.

A propósito do projeto “Brincar é o nosso mundo”: este projeto foi importante para ti? “Sim!” (todos ao mesmo tempo), “Porque nós brincamos felizes!”, “Assim brincamos com mais diversão!”. E à questão: conseguiste assumir responsabilidades? As crianças responderam: “Sim, muita responsabilidade... fomos nós que construímos a pista!”

Relativamente a uma atividade com lama, organizada pelas crianças, refere uma educadora: “Confesso que eu e a M. também adoramos a nossa manhã. Foi daqueles dias maravilhosos em que sentimos: estou na profissão certa! Um privilégio ter partilhado estes momentos e ver os sorrisos e alegria das crianças.”

Partilhamos o comentário de uma criança quando questionada sobre o Dia da Criança (planeado e decidido entre todos numa assembleia de centro). ““Foi o melhor dia de sempre, adorei os balões e música, o piquenique com os amigos!!! Se mudava alguma coisa? Nãooooo!!! Foi um dia fantástico!”

Também as famílias vão acompanhando o caminho que temos percorrido no que diz respeito à inovação na ação educativa e às oportunidades que criamos às crianças de participarem e de organizarem as suas iniciativas e projetos. Foi possível documentar comentários de familiares que se depararam com reações espontâneas dos seus filhos/as ao verbalizarem as interações diárias/experiências/atividades. Deste modo, a propósito de uma atividade organizada pelas crianças também as famílias reconhecem o impacto/poder que a participação tem: “A G. vinha radiante”, “Foi muito giro, o dia mais fixe de sempre - Comentário da F. antes de dizer olá mamã.”

A concretização destas iniciativas permitiu potenciar a atitude participativa no contexto escolar: “Nesta escola escutam as crianças e fazem tudo o que nós pedimos.”

CONCLUSÕES

As crianças têm voz na planificação e avaliação de atividades, projetos. Com estas práticas, considerando as vozes das crianças, acreditamos que o envolvimento no processo de aprendizagem promove inúmeras competências nas *várias áreas de desenvolvimento*.

O que sentem as crianças quando as suas vozes são escutadas? (Questões dirigidas aos grupos do Pré-Escolar). “Sentimos que escutam o que nós queremos fazer e ficamos felizes.” “Quando nos escutam e fazem o que pedimos conseguimos aprender mais coisas.”

Com práticas de participação ativa promovemos a sua motivação no processo de aprendizagem. Quando são envolvidas em momentos de tomada de decisão ficam mais motivadas, criam e organizam experiências significativas.

Estes projetos contaram com o impulso e dedicação da Direção, de toda a equipa pedagógica e com a vontade de ser/fazer de todas as crianças das respostas sociais da Creche e Pré-Escolar.

Referências Bibliográficas

- Oliveira-Formosinho, J., Lino, D. & Niza, S. (2013). Modelos curriculares para a educação de infância (itálico). Porto : Porto Editora.
- Cortesão, I. & Jesus, P. (Orgs). (2020). *Guia Participação Das Crianças E Jovens, Centros Educativos Das Irmãs Doroteias*. (não publicado)

Vamos explorar o nosso Jardim

Fundação Imaculada Conceição, Covilhã

Fátima Tarouca, Filomena Fiadeiro, Raquel Lourenço, Sara Afonso

Resumo

A observação das crianças sobre um espaço inativo da Instituição foi o mote para o arranque deste projeto “Vamos Explorar o nosso Jardim”. Este projeto possibilitou a participação de toda a comunidade educativa no sentido de dinamizar um espaço que permite às crianças usufruírem de um conjunto de vivências benéficas ao seu desenvolvimento (experiências sensoriais através do contato com a terra, cultivo, brincadeiras exploratórias bem como outras competências como a autonomia, iniciativa, interajuda).

Palavras-chave:

Crianças; Participação; Jardim; Sentidos.

Abstract:

The observation of the children on an inactive space of the Institution was the base for this project “Lets explore our garden”. This project enabled the participation of the entire educational community with the aim to dynamize a space that allows children to take advantage of a series of beneficial experiences to their growth (sensorial experiences through the contact with land, farming, exploratory playing, as well as other competences such as autonomy, initiative and mutual help).

Keywords:

Children; Participation; Garden; Senses.

INTRODUÇÃO

O projeto “Vamos explorar o nosso Jardim” nasceu da vontade que as crianças tinham de ter um espaço exterior diferente, onde pudessem brincar e tivessem a oportunidade de transformar ao seu gosto/interesse.

Os objetivos deste projeto prendem-se com a forma como as crianças se envolvem e participam na proposta de atividades relacionadas com a dinamização do jardim, uma vez que foi depois das suas sugestões que este espaço, antes utilizado apenas pelas irmãs, passou a ser utilizado por todos os grupos.

Assim, durante estes dois anos, o jardim tem sido transformado ao sabor das sugestões, da colaboração e da escuta ativa de todos as crianças, respeitando e valorizando as suas opiniões/ideias.

É imprescindível o papel do educador na medida em que aceita cada criança como ser único.”(...)ouve-a e valoriza-a, ajudando-a a situar-se no grupo, a comunicar, a ouvir os outros e a colocar as suas experiências individuais no contexto coletivo” (Folque, 1999,p.10).

De um espaço esquecido e “abandonado” renasceu um espaço vivo, com cor onde as crianças brincam, cultivam/semeiam, mexem na terra e exploram livremente os sentidos.

EXPERIÊNCIA

Em 2019 iniciamos o projeto do jardim com crianças dos 4 e 5 anos. Foram eles os mentores desta iniciativa, pois foram eles que sentiram necessidade de reestruturar um espaço do jardim que estava descuidado. Tudo começou quando um grupo de crianças da sala 5 foi ao parque dos bebés visitar os “afilhados” que tinham sido sorteados previamente na festa do acolhimento. Da observação do

jardim e mediante assembleia de sala, começaram a surgir as ideias que deram início ao projeto.

Posteriormente as ideias foram levadas à direção pelas próprias crianças e a mesma aceitou e tomou medidas para tornar o espaço seguro. Depois de ter sido intervenção o espaço, começou a ser utilizado pelas crianças das salas dos 4 e 5 anos. Numa primeira fase as crianças tiveram de fazer a limpeza dos talhões e preparar a terra para cultivo. A par destas vivências surgiram nas salas projetos paralelos que envolveram a colaboração das famílias: casas de pássaros, hotel para insetos, espantalho e uma maquete do jardim.

O projeto ficou parado devido ao primeiro confinamento em março de 2020.

Em setembro de 2020, com o início do ano letivo, retomamos o plano de ação e as atividades relacionadas com o projeto do jardim, que haviam sido iniciadas no ano anterior. As crianças das salas dos 4 e 5 anos começaram por fazer a limpeza dos talhões, retirando as ervas e revolvendo a terra. Posteriormente, as mesmas crianças iniciaram os trabalhos de preparação da terra para semear diversos hortícolas.

A par disso, ao longo do mês de setembro e outubro as crianças das duas salas dos 3 anos usufruíram do espaço lúdico do jardim, brincando com a terra e tomando banhos de mangueira. Foi durante estas brincadeiras no espaço lúdico, que as crianças disseram que queriam “comer à mesa”. Então, surgiu a necessidade de satisfazer o seu desejo. Em grupos, as crianças deram sugestões sobre como se poderia conseguir o material necessário, com a condição de ser material já existente no colégio.

O artigo 12, da Convenção dos Direitos da Criança (CDC) (Unicef, 2019), ratificada em Portugal em 1990, considera que as crianças devem participar, quando as decisões to-

madam lhes dizem respeito e que os adultos devem considerar o que dizem. A CDC sublinha também que para que as crianças possam começar a desenvolver a capacidade de tomar decisões por si mesmas, devem ser incentivadas e a colocar-se em posição de fazê-lo.

Em pequenos grupos, as crianças foram a todas as salas procurar mesas que não estivessem a ser utilizadas e que pudessem ser levadas e mantidas no jardim.

Mais tarde, após novas idas ao jardim, as crianças sentiram falta de mais utensílios de cozinha, principalmente pratos e talheres. Então, em assembleia de sala, as crianças decidiram que podiam pedir aos pais utensílios que já não utilizassem para poderem trazer para o jardim.

Ao longo do primeiro trimestre as crianças desfrutaram deste espaço exterior e dos novos materiais que foram sendo acrescentados.

A participação infantil na organização escolar, tal como afirma Sarmiento *et al.* “é um desiderato político e social correspondente a uma renovada concepção da infância como geração constituída por sujeitos ativos com direitos próprios (não mais como destinatários passivos da ação educativa adulta) e um eixo de renovação da escola pública, das suas finalidades e das suas características estruturais” (2007, p.197).

Com o início do novo trimestre (janeiro), e com o regresso às brincadeiras no exterior, as crianças da sala dos 3/4 anos manifestaram que queriam usufruir de um espaço mais organizado, onde pudessem guardar os utensílios de cozinha e todo o material que pertence ao espaço lúdico. A partir do momento em que demonstraram essa vontade, foi-lhes proposto que explicassem o que gostavam de ver alterado e o que poderia ser melhorado, com a sua participação.

Em assembleia de sala manifestaram as suas ideias e registaram a informação (“Como está a cozinha do jardim?” e “O que precisamos para melhorar a cozinha?”) para depois poderem apresentar as suas sugestões na assembleia de centro, uma vez que o jardim é um espaço de todos.

Entretanto, a 21 de janeiro surgiu um novo confinamento que durou até 15 de março e, mais uma vez, o projeto ficou interrompido.

No dia 30 de abril realizou-se, então, a nossa assembleia de centro. Assembleia essa da qual saíram diversas decisões em relação ao nosso jardim. As crianças da sala dos 3 anos continuavam a querer pratos, taças e travessas para colocar na cozinha. Então as outras salas de pré-escolar ficaram de fazer loiças em papel reciclado.

Como vem mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE) O reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo que possa desenvolver todas as suas potencialidades.

Já no meio de maio foi-nos oferecido troncos grandes dos quais fizemos uma mesa e vários bancos para as crianças usufruírem das suas brincadeiras.

Duas salas de creche desenvolveram um espaço sensorial no jardim, espaço esse privilegiado para descobertas e experiências com elementos naturais, diversificados na sua textura, cor e tamanho.

O espaço do jardim é uma mais-valia para todas as crianças da instituição, visto que além de proporcionar brincadeiras, aprendizagens e experiências também proporciona situações desencadeadoras de projetos de sala.

Cabe ao educador continuar a ouvir as crianças ao longo do dia, nos momentos de partilha e nas assembleias de sala. Este também deve estar atento às conversas entre crianças para perceber o que estas pretendem e ajudá-las, a partir de experiências, a perceber o que é viável ou não, ajudar a escolher o material adequado às atividades inerentes ao projeto do jardim e outros projetos que vão surgindo. O Educador também deve dinamizar a troca de saberes entre pares através de apresentações nas diversas salas.

Tomás e Gama (2011), a participação não só permite a uma criança ter voz; é igualmente valioso por permitir que as crianças descubram os direitos dos outros de terem as suas próprias vozes, por vezes muito diferentes das suas. Porque estão envolvidos em projetos reais, o diálogo e a negociação com outros jovens e adultos é inevitável.

São vários os indicadores que avaliam estas experiências/aprendizagens, como o número de idas ao jardim, as salas que estão envolvidas, a forma como as salas se articulam entre si para desenvolver o projeto do jardim, esta articulação é feita através de uma tabela onde a sala tem que apontar o dia em que foi ao jardim e o que fez.

METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia utilizada, no contexto deste trabalho não foi seguida uma abordagem única, mas sim uma abordagem que procurou articular diferentes propostas, retirando destas o que pareceu adequar-se melhor à realidade vivida. Neste sentido, a Metodologia de Trabalho de Projeto foi uma das que utilizamos, pois um dos objetivos principais é organizar a construção do saber da criança em redor dos seus interesses próprios, ajudando-a a traçar metas, objetivos, delineando estratégias, contando com a colaboração do seu grupo de pares e do seu educador, família e comunidade educativa. Outra das metodologias que está implícita neste projeto é a High Scope: Pois valoriza a interação entre o adulto-criança, que assenta na partilha, na confiança e respeito mútuos. Neste ambiente, nós educadores trabalhamos como um apoio, para que a criança seja mais autónoma e independente, para que consiga resolver os problemas/desafios que lhe vão sendo colocados. A metodologia Construtivista estimula a criança a tirar as suas próprias conclusões baseadas na experimentação e observação

direta. A metodologia Waldorf faz muito sentido neste projeto, uma vez que o nosso projeto do jardim se desenvolveu na natureza e no contacto direto com os seus elementos.

RESULTADOS

São vários os indicadores que avaliam os resultados destas experiências/aprendizagens. O envolvimento de toda a instituição e pais na construção e desenvolvimento deste projeto foi muito notório, as próprias crianças entusiasmadas levaram os pais a colaborarem em tudo o que lhes era pedido, no sentido de enriquecer o projeto.

A Instituição ganhou um espaço exterior vivo e com cor e movimento, que pode e deve ser transformado consoante a vontade e ideias das crianças. É um espaço de aprendizagens múltiplas transversal a todas as áreas de conteúdo mencionadas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar.

As crianças exploraram os sentidos não só no espaço sensorial mas também nas brincadeiras lúdicas. Fizeram descobertas e experiências como se fossem pequenos cientistas (diferentes tipos de raízes, folhas e classes de animais).

Um espaço onde as crianças brincam ao faz de conta e desenvolvem também valores como : a partilha, socialização e interajuda.

Outro dos indicadores que avaliam os resultados são o número de idas ao jardim, as salas envolvidas e a forma como as salas se articulam entre si. Tudo isto é registado numa tabela onde cada sala aponta o dia em que foi ao jardim e o que fez.

DISCUSSÃO

De acordo com o que foi referido realçamos a importância da disponibilidade da Direção da cedência do espaço para o desenvolvimento do Projeto bem com a intervenção que foi feita no sentido de o tornar seguro para as crianças.

Percebemos então que todos beneficiamos desse projeto apesar dos constrangimentos causados pelos dois confinamentos e ainda alguma falta de tempo, recursos humanos e materiais para que o projeto fosse executado conforme as ideias iniciais sugeridas pelas próprias crianças.

CONCLUSÃO

Para as nossas crianças este projeto foi sem dúvida uma experiência muito positiva. Gradualmente foram ganhando maior capacidade para falarem por si mesmas e exporem as suas ideias, ou seja, tiveram um papel cada vez mais ativo no processo educativo. Nós, adultos, tivemos a preocupação de criar um ambiente educativo propício à expressão individual, um local onde a criança se sentisse à vontade para partilhar experiências, e desenvolver as suas capacidades criativas. Como vem referido nas

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (...) “Cabe ao/à Educador/a apoiar e estimular esse desenvolvimento e aprendizagem, tirando partido do meio social alargado e das interações que os contextos de educação de infância possibilitam, de modo a que, progressivamente, as escolhas, opiniões e perspetivas de cada criança sejam explicitadas e debatidas. Deste modo, cada criança aprende a defender as suas ideias, a respeitar as dos outros e, simultaneamente, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem de todos (crianças e adultos)”. Este projeto permitiu também, que as crianças tivessem um contacto próximo com a natureza, e ajudou-as a criarem hábitos de respeito, e uma maior consciência e responsabilidade ambiental. Também foi importante verificar que quando a criança se envolve, e é parte ativa de um projeto, isso facilita a sua curiosidade natural e a sua vontade de descobrir e saber mais.

Foi também de salientar a participação ativa das famílias sempre que foram solicitadas pelas próprias crianças.

Referências Bibliográficas

- Folque, M. A. (1999). A influência de Vygotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Revista Escola Moderna*, 5(5), 5-12.
- Lopes da Silva, I. (Coord.) (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Direção-Geral da Educação.
- Niza, S. (2012). *Escritos sobre Educação*. Lisboa: Tinta da China.
- Percy-Smith, B., e Thomas, N. (2010). *A Handbook of Children and Young People's Participation*. London: Routledge
- Sarmiento, M., Fernandes, N. e Tomás, C. (2007). Políticas Públicas e Participação Infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, 25, 183-206.
- Unicef (2019). *Convenção sobre os Direitos das Crianças*. [Disponível em https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf]

A Contribuição da Escuta Ativa e da Documentação na Projeção da Ação Pedagógica - Uma Forma de Participação da Criança

Obra Social Paulo VI, Lisboa
Mary Katherine Martins e Silva

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o trabalho que tem sido desenvolvido por um grupo de educadoras de infância, tendo como foco a escuta ativa das crianças e a documentação como ferramentas essenciais para a projeção de uma ação pedagógica verdadeiramente conectada com os interesses das crianças.

Ao longo deste texto é apresentada a forma como se organiza esta dinâmica no nosso Centro Educativo e os instrumentos que foram desenhados para a monitorizar de forma a garantir a efetiva participação das crianças.

Para além do processo, o texto evidencia um posicionamento das educadoras face à cultura da infância, sendo as crianças observadas como seres competentes e capazes de tomar nas suas mãos o rumo da ação educativa.

Palavras-chave:

Documentação Pedagógica; Escuta Ativa; Participação.

Abstract:

This paper aims to present the work that has been developed by a group of kindergarten teachers, focusing on active listening to children and documentation as essential tools for the projection of a pedagogical action truly connected with children's interests.

Throughout this text, the way in which this dynamic is organized and the instruments that were designed to monitor it in order to ensure the effective participation of the children is presented.

In addition to the process, the text highlights the educators' position in relation to childhood culture, with children being observed as competent beings capable of taking the course of the educational action in their own hands.

Keywords:

Pedagogical Documentation; Active Listening; Participation.

INTRODUÇÃO

O nosso caminho no trilho da Escuta Ativa e da Documentação Pedagógica começou há já alguns anos, ainda antes do projeto Bússola 21 se ter iniciado, traduzindo-se numa preocupação da Direção Pedagógica em documentar os processos de aprendizagem das crianças, o que pressupunha uma escuta e observação atentas da sua ação por parte das educadoras, sendo o grande objetivo dar visibilidade à cultura da infância. Este era o pressuposto teórico, alicerçado na Abordagem Reggio Emilia¹, embora na prática, nessa altura, não tivéssemos avançado tanto quanto desejado.

Com a chegada do projeto de Inovação Pedagógica Bússola 21 aos Centros Educativos da rede das Irmãs Doroteias e com a implementação da Oficina da Participação, criou-se a oportunidade de desenvolver dinâmicas inovadoras de uma forma mais fundamentada, abrindo-se uma nova oportunidade para que a questão da Escuta Ativa e da Documentação Pedagógica ganhassem um novo impulso.

Nesse primeiro ano desenhámos a matriz para um projeto que dava pelo nome de "Documentação Pedagógica", que para além de incluir os processos de documentação da ação da criança incluía ainda a criação de espaços de

exposição (galerias) exclusivamente dinamizados pelas crianças. Na altura sentíamos que estávamos no caminho certo. Havíamos colocado as paredes do nosso Centro a dialogar mais com quem nos observava, dando maior visibilidade às produções e aos projetos que as crianças desenvolviam.

Foi no início do ano letivo passado, em outubro de 2020, quando se estavam a redesenhar as matrizes, que concluímos que a documentação e as galerias dinamizadas pelas crianças se encontravam em campos diferentes. Se por um lado, as galerias partiam de uma ação direta das crianças, por outro a documentação pedagógica, associada à escuta ativa, emergia cada vez mais como uma ação e posicionamento concreto dos adultos, o que até poderia levantar questões sobre a sua permanência como projeto da Oficina da Participação das crianças.

No entanto, a utilização da escuta ativa e da documentação por parte dos adultos, surgia como garantia da participação das crianças na planificação da ação pedagógica, assumindo-se como ferramentas valiosas para observar a criança em ação, captar os seus verdadeiros interesses e, a partir daí, projetar uma ação significativa e contextualizada. Logo, não podia deixar de ser observada como uma

1 - A Abordagem Reggio Emilia nasceu em Itália após a segunda guerra mundial, pelas mãos dos pais que queriam uma escola diferente para os seus filhos. Loris Malaguzzi, pedagogo, assume-se como o mentor desta abordagem que combina princípios como protagonismo infantil, participação, pedagogia da escuta, pensamento crítico, arte e documentação.

dinâmica inserida no âmbito da Oficina da Participação das Crianças e assim se manteve.

Desenhava-se assim um novo projeto, cuja pertinência assenta: no desejo de *dar voz* a todas as crianças, mesmo aquelas que não falam (expressão do indizível); porque através da escuta e da documentação é possível tornar visíveis aspetos antes ocultos e ter um conhecimento mais aprofundado sobre as crianças, sobre a forma como constroem o conhecimento e sobre os seus interesses; porque os contextos de aprendizagem que se oferecem às crianças a partir dessa escuta e documentação vão de encontro aos seus interesses; porque através desta dinâmica é possível dar visibilidade a todas as crianças.

É sobre esse projeto e sobre a forma como o mesmo se desenvolve que falaremos neste artigo.

A EXPERIÊNCIA

Importará começar por contextualizar a Escuta Ativa e a Documentação Pedagógica, pois só a partir da clarificação destes termos nos será possível sublinhar o seu papel e importância na planificação participada das atividades.

Os conceitos da Escuta Ativa e Documentação Pedagógica emergem da Abordagem Reggio Emilia, funcionando em sintonia, sucedendo-se e entrelaçando-se entre si, culminando na *Progettazione*² como veremos ao longo da nossa narrativa. Project Zero (2014, p.14) refere que “aprender a escutar, a ver e a interpretar as ações, os pensamentos, as lógicas interrogativas e construtivas das crianças (...) permite aprender a arte de estar e conversar com elas, entender quais processos e procedimentos escolhem para ganhar afeto e conhecimentos.”

Este conhecimento, que nasce a partir da observação (escuta), permite ao educador aprender sobre as crianças, sobre a forma como se relacionam, como aprendem e quais os seus grandes interesses e curiosidades.

Será aqui que surge a Documentação. Mais do que um simples registo, a Documentação Pedagógica traz consigo a possibilidade de “dar sentido às ideias e forma de pensar das crianças”, fazendo emergir um educador-investigador, que procura significado na ação das crianças e que as quer compreender. Ele documenta, e nesse processo investiga os processos de aprendizagem das crianças, interpretando-os e dando-lhes visibilidade

Diz-nos Rinaldi (2012, p.239) que “a documentação pode ser vista como uma escuta visível: ela garante ouvir e ser ouvido pelos outros”. A mesma autora acrescenta ainda que esta ação de documentar significa que o adulto está

atento àquilo que as crianças têm para lhe dizer e está recetivo em relação às suas teorias, aqui entendidas como construção de conhecimento.

Desta forma as crianças sentem-se únicas e valorizadas pelos adultos, que se interessam genuinamente por aquilo que elas pensam, fotografando, filmando e interpretando aquilo que elas dizem e fazem. De referir ainda que esta documentação não aparece apenas no final do percurso, mas antes vai acompanhando e retroalimentando os processos em que as crianças estão envolvidas.

Nesta perspetiva, a escuta e a documentação permitem projetar a ação futura, emergindo aqui o conceito de *Progettazione*. Diz-nos Fochi (2015, p.83) que “a documentação pedagógica implica uma dimensão processual que gera o conteúdo e também se utiliza do conteúdo para sua própria continuidade.” Ou seja, partindo daquilo que é documentado, o educador consegue encontrar novas pistas para o que vem a seguir, de forma contextualizada e de acordo com os verdadeiros interesses da criança.

Assim, ocupando uma posição distante da educação tradicional, com os seus programas rígidos e planos concebidos previamente, em Reggio Emilia, o termo *progettazione* anuncia, sobretudo, uma atitude pedagógica dos educadores, que se distingue das outras por não se prever à partida o que vai acontecer e por se observar as crianças como parceiros nesse processo de descoberta do caminho a seguir.

Iluminados por esta abordagem, que há muito acarinhámos, começámos por observar a forma como era feito o planeamento da ação educativa no nosso Centro Educativo. O grupo socorria-se de vários instrumentos (greijas de planificação), mas estes apenas referiam as atividades que se pretendiam realizar, não havendo menção à sua origem (se eram propostas das crianças ou se eram propostas do adulto). Por outro lado, a Documentação dava os passos iniciais e ainda não havia um cruzamento claro entre aquilo que era documentado e aquilo que era planeado. Aliás, muito do que era documentado era referente aos projetos realizados e não tanto à observação da ação livre das crianças.

Subsistia ainda a preocupação em garantir que era dado seguimento aos verdadeiros interesses das crianças e que a planificação era construída a partir dos mesmos.

Nesse sentido, começámos por redesenhar as nossas tabelas de planificação semanal. Abraçando uma nova forma de pensar a ação educativa, alterámos o nome para *projeção*, afirmando assim o desejo de um novo posicionamento. De acordo com Hoyuelos (2006) citado por

2 Termo italiano, que não tendo tradução direta para o português, se refere ao planeamento das atividades/contextos de aprendizagem, a partir da escuta e da documentação pedagógica.

Fochi (2015, p.88) “construir pedagogia é sonhar com a beleza do inesperado, maneira pela qual conseguimos encontrar sentido e pistas para o trabalho com crianças pequenas.” Projetar a partir do que se observa e documenta, ao invés de fechar uma ação em algo que é definido pelo adulto, abre inúmeras possibilidades e prepara-nos para a surpresa e para o deslumbramento.

Na tabela para o efeito (figura 1) constam quatro colunas. A primeira coluna é utilizada para registrar aquilo que se escuta, é documentado ou é verbalizado pelas crianças. A segunda coluna traduz-se no planejamento que é feito a partir dessa escuta, documentação ou verbalização. Surge assim a projeção de contextos de aprendizagem e de atividades que parte daquilo que foi manifestado como interesse por parte das crianças. A terceira coluna diz respeito às propostas do adulto, inserindo-se as mesmas nas diferentes áreas curriculares e a última coluna às competências que estão a ser trabalhadas a partir dessas atividades no âmbito do Perfil do Aluno.

PROJEÇÃO SEMANAL			
Semana de _____ a _____ de 2021			
Escuta ativa das crianças <small>(observações realizadas pelas educadoras; propostas verbalizadas pelas crianças)</small>	Projeção da educadora <small>(Projeção das atividades sensíveis a partir das propostas; visita/observação das crianças)</small>	Propostas dos adultos <small>(desafios, tarefas propostas pelo adulto)</small>	Perfil do Aluno <small>(objetivos para cada atividade, que competências estão a ser desenvolvidas)</small>

Figura 1: Tabela de Projeção Semanal

Em paralelo com a nova tabela, procurou-se documentar aquilo que se observava, de forma a detetar pistas e a procurar sentido para os passos que viriam a seguir e que dariam continuidade à experiência das crianças. É de referir que esta observação e documentação mudaram o foco, não se centrando apenas nas produções das crianças ou ilustração de projetos, mas nos processos de relação das crianças com os outros, com os materiais e com o contexto. A seguir podemos observar um exemplo prático desta dinâmica, passado na valência de Creche, que ilustra um processo investigativo de uma criança, documentado por uma educadora (figura 2), a projeção que foi elaborada a partir dessa documentação (figura 3) e algumas das atividades realizadas (figura 4).



Enquanto algumas crianças estavam na casa de banho, um pequeno grupo encontrava-se sentado à porta. Junto a esse grupo encontrava-se uma estrutura branca de madeira. O R., ao mudar de posição, apercebeu-se da sua sombra projetada nessa mesma estrutura e iniciou uma exploração: entre balbucios e risos, levantava-se e baixava-se, esticava um braço, observava as tranças do cabelo... A certa altura a C. apercebeu-se do que ele estava a fazer e juntou-se à exploração: os dois riem-se ao observar as sombras.

Figura 2: Documentação a partir da observação/escuta de uma situação do Quotidiano


ESCUTA ATIVA DAS CRIANÇAS	PROJEÇÃO DA EDUCADORA
<p>Num dos momentos de transição, o R. descobriu a sua sombra projetada numa superfície branca. Durante algum tempo explorou aquela situação, usando o seu corpo, parecendo compreender que a mudança de posição altera a posição da sua sombra. Outras crianças do grupo manifestaram curiosidade pela exploração que o R. estava a desenvolver.</p> 	<p>Compor alguns contextos de exploração da luz e sombra na sala de atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilização do retroprojetor - Exploração do corpo - Introdução de materiais translúcidos de várias cores - Introdução de objetos do quotidiano das crianças

Figura 3: Projeção feita a partir da Documentação

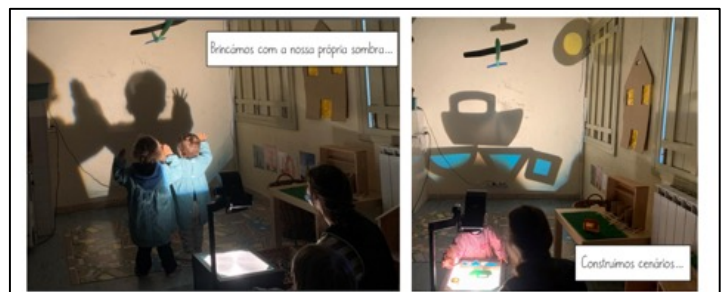


Figura 4: Atividades realizadas

Observemos ainda um outro exemplo, desta vez ocorrido no contexto de Jardim de Infância (figuras 5, 6 e 7).


ESCUTA ATIVA DAS CRIANÇAS	PROJEÇÃO DA EDUCADORA
<p>Na área do ateliê, a A. Junta várias folhas, utilizando cola para as prender umas às outras. Ao longo de vários dias vai compondo várias estruturas idênticas, que incluem pequenos desenhos e marcas como escrita. São livros, diz a A. Contagiadas pelas suas produções, várias crianças começam a manifestar interesse por construir livros. Procuram folhas, colando-as ou agrafando-as, concebendo depois pequenas narrativas.</p> 	<p>Introduzir na área do ateliê novos materiais que ampliem esta experiência e interesse das crianças:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coleção de livros com diferentes formatos - Cartões de várias dimensões - Folhas e gramagem e cores diferentes - Materiais riscadores e de pintura - Materiais aglutinadores

Figura 5: Projeção a partir da Escuta Ativa das crianças



Figuras 6 e 7: Atividades realizadas



Figura 8: Partilha de Experiências entre as educadoras

METODOLOGIA

Paralelamente à introdução das novas tabelas de projeção, demos continuidade a uma dinâmica que já vinha dos anos anteriores, mas conferindo-lhe um novo foco e uma nova estrutura. O novo modelo tinha como objetivo promover encontros periódicos entre todas as Educadoras do Centro Educativo, num formato idêntico a um clube de leitura, no âmbito do qual seriam partilhados e discutidos textos sobre a escuta, sobre a documentação e sobre a projeção de atividades centrada no interesse das crianças.

O objetivo final consistia na elaboração de um guia da documentação que incluísse textos e reflexões das educadoras, o registo das experiências realizadas e as aprendizagens alcançadas.

Embora na prática não nos tenha sido possível conferir sistematização a esta dinâmica de partilha e de leitura, foi possível organizar vários encontros, onde para além de se partilharem alguns textos, se colocaram em comum experiências de escuta e documentação preconizadas pela equipa, dúvidas ou formas de fazer, o que se revelou extremamente rico para as educadoras.

De referir ainda que, nestas reuniões que ocorreram ao longo do ano, a utilização da nova tabela de projeção foi motivo para se levantarem questões importantes sobre a prática, sobre aquilo que é verdadeiramente *input* da criança e sobre as dificuldades sentidas em organizar a ação pedagógica a partir daquilo que se escuta e observa.

Já anteriormente referimos a metodologia utilizada na própria dinâmica e a forma como esta foi organizada no âmbito da Oficina da Participação, e que se traduz em:

- Experiências práticas que implicam a tríade escuta-documentação-projeção com o foco nos processos de investigação e de relação das crianças;
- Partilha de práticas e leitura de textos sobre a temática da Escuta e da Documentação;
- Criação conjunta de um guia da participação.

No final do ano letivo foi nosso objetivo avaliar esta dinâmica, procurando aferir se a prática da escuta e da documentação contribuíram para um planeamento pedagógico verdadeiramente engajado com os interesses das crianças. Para além disso, interessava saber se a nova tabela ajudava no processo e se espelhava a preocupação das educadoras em planear de forma participada, o que se traduziria numa mudança de posicionamento.³

Nesse sentido, para além da recolha e observação de tabelas de projeção das salas de atividade elaboradas ao longo do ano, foi lançado um questionário *online* a todas as educadoras que elencava uma série de questões, centrando-se as mesmas na importância atribuída pelas educadoras à Escuta e Documentação Pedagógica; o seu contributo na garantia da participação das crianças; a utilização da nova grelha de projeção e a alteração de posicionamento em relação à prática pedagógica e às crianças.

³ - Nove das onze educadoras do Centro Educativo responderam ao questionário.

RESULTADOS

Pela análise das várias tabelas e das respostas ao questionário pudemos verificar que todas as educadoras reconhecem a importância da Escuta e da Documentação na sua prática, fazendo esforços para as utilizar como ferramentas para projetar uma ação pedagógica que parte dos interesses manifestados pelas crianças. No que diz respeito à nova grelha de projeção, as educadoras referem que a mesma ajuda a dar visibilidade à forma como surgem as propostas, contribuindo assim para que se tome uma maior consciência da prática que é desenvolvida. Algumas educadoras referem as alterações que sentem na sua atitude, revelando-se mais atentas à ação e sinais das crianças. Pela análise dos mesmos dados, podemos ainda referir que as educadoras apontam algumas fragilidades no processo, como é o caso da dificuldade em dar visibilidade a todas as crianças e projetar a partir da escuta, mostrando necessidade de aprofundar mais os conhecimentos teóricos sobre o assunto.

Também dos vários encontros entre as educadoras no âmbito desta dinâmica podem tirar-se algumas ilações, que de certa forma vão de encontro aos dados recolhidos através da observação das tabelas e do questionário. Apesar de persistirem dúvidas, incertezas e de ainda não se ter alcançado a sistematização ideal, as educadoras atribuem grande importância à escuta e à documentação, recorrendo a elas para conhecer melhor as crianças e para projetar a ação pedagógica de acordo com o que escutam e observam. É de sublinhar que o fator tempo para documentar o que se escuta e observa pesa na rotina das educadoras, que nem sempre conseguem chegar ao que se deseja.

CONCLUSÕES

Ao longo desta dinâmica fomos consolidando práticas que nos foram ajudando a garantir a efetiva participação das crianças no rumo da ação educativa, recorrendo a ferramentas que consideramos inovadoras e que nos ajudam a focar verdadeiramente o olhar na criança, dando-lhe o protagonismo que merece.

Escutando e documentando, vamos refletindo, vamos aprendendo muito sobre as crianças, sobre a forma como se relacionam, como se colocam no mundo e como desenvolvem o seu conhecimento. Nesse caminho tornamo-nos, também nós adultos, verdadeiros aprendizes e nesse movimento alteramos o nosso posicionamento e focamos o nosso olhar. Diz-nos Rinaldi (2012: p.246) que: *“os materiais de documentação que usamos atestam não apenas o nosso caminho de conhecimento em relação às*

crianças, mas também o nosso caminho de conhecimento quanto à criança e à humanidade e quanto a nós mesmos. Eles também atestam quando à nossa ideia do professor como pesquisador, da escola como lugar de pesquisa e elaboração cultural, um lugar de participação, em um processo de construção de valores e significados. A escola de pesquisa é uma escola de participação.”

Estamos conscientes que ainda há muito para andar, muito para aprender e que ainda estamos no início do percurso. Começamos há uns anos num ponto diferente e agora estamos prontos para *regressar por outro caminho*. Ou não fosse essa a missão do Bússola 21.

Bibliografia

- Edwards, C., Gandini, L., & Forman, F. (2012). *As Cem Linguagens da Criança* (Vol. 2). Porto Alegre: Artmed.
- Project Zero (2014). *Tornando visível a aprendizagem*. São Paulo: Phorte Editora.
- Fochi, P. (2015) *Afinal, o que fazem os bebês no berçário?* Porto Alegre: Penso Editora.

A Participação das Crianças na Reestruturação dos Espaços do Centro Educativo: Uma Experiência Real, O Comboio

Obra Social Paulo VI

Daniela Martinho, Débora Andrade

Resumo

Este documento apresenta um projeto desenvolvido na Obra Social Paulo VI que se desenrolou no âmbito de uma das dinâmicas da Oficina da Participação da Criança: reestruturação dos espaços exteriores do Centro Educativo. O mesmo surgiu numa Assembleia de Centro, onde um grupo de crianças de 3 anos manifestou interesse em ter um comboio no jardim. A ideia foi aprovada com o consenso de todos os representantes e projetada e concretizada por um grupo de crianças de 5 anos.

Palavras-chave:

Participação; Envolvimento; Consenso; Negociação; Concretização.

Abstract:

This document presents a project developed in Obra Social Paulo VI that took place within the scope of one of the Children Participation Workshop dynamics: restructuring of the outdoor spaces of the Educational Center. Arose a group of 3-year-old children expressed interest in having a train in the garden. The idea was approved with the consensus of all participants and designed and implemented by a group of 5-years-old children.

Keywords:

Participation; Involvement; Consensus; Negotiation; Realization.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo partilhar um projeto desenvolvido com um grupo de crianças de uma sala de 5 anos. O projeto, que se desenrolou no âmbito de uma das dinâmicas da Oficina da Participação das Crianças, refere-se ao envolvimento ativo das crianças na reestruturação dos espaços exteriores do Centro Educativo.

Este projeto teve o seu início nas Assembleias de Centro, outra das dinâmicas inserida na mesma oficina, onde as crianças começaram a sentir que as suas ideias podiam ser concretizadas em diversas dimensões da vida escolar. Foi nesse contexto que surgiram propostas para a inclusão de novas áreas e/ou materiais nos espaços exteriores e, neste caso concreto, a construção de um comboio de grandes dimensões.

Consideramos que esta dinâmica de envolvimento das crianças na reestruturação dos espaços do Centro Educativo se reveste de grande importância, pois sendo o espaço o palco onde se desenrola toda a ação educativa e sendo as crianças consideradas como protagonistas ativos nesse processo, o mesmo deve espelhar e ir ao encontro dos seus interesses. Como refere Tomás e Gama (2011, p.) “as crianças e os jovens possuem capacidades e competências para darem um contributo inovador para melhorar os espaços sociais em que vivem e por isso necessitam de ser ouvidos”.

O desenvolvimento deste projeto constituiu uma experiência globalmente positiva, na medida em que as crianças não só ampliaram o seu envolvimento em projetos de participação, envolvendo-se e revelando grande iniciati-

va, como sentiram que as suas propostas são escutadas e concretizadas, para além de todas as outras competências e conhecimentos adquiridos ao longo de todo o processo.

EXPERIÊNCIA

Numa das assembleias de centro, um grupo de crianças da sala de 3 anos manifestou interesse em ter um comboio no jardim. Levou o seu registo gráfico do comboio e explicou a todos as suas ideias. Esta sugestão desencadeou nas crianças presentes um grande entusiasmo e todos concordaram que seria uma boa ideia para avançar.



Figura 1 Apresentação da proposta na Assembleia de Centro

As crianças representantes de uma das salas de 5 anos propuseram-se a concretizar o projeto. Os restantes presentes votaram nesta proposta e por unanimidade ficou então decidido que esta sala ficaria responsável por avançar. Os representantes da Sala 6 expuseram ao seu grupo as decisões tomadas na assembleia. Partilharam também a tarefa que lhes ficou atribuída: concretização do projeto do Comboio.



Figura 2 Elaboração do plano gráfico do projeto

De seguida apresentaram o plano ao carpinteiro da escola e em conjunto negociaram e encontraram um equilíbrio entre aquilo que pretendiam e o que seria viável de concretizar.

Reuniram também com o grupo que apresentou inicialmente a proposta na assembleia de centro, apresentando o projeto aos respetivos membros. Nesta pequena reunião foi discutido o projeto gráfico e foram negociados pormenores que as crianças da Sala 1 sugeriram, chegando-se a um consenso entre todos.

O Carpinteiro da escola ficou encarregue de construir o comboio a partir do projeto gráfico elaborado pelas crianças e estas foram sempre acompanhando o processo de construção do tão desejado comboio.



Figura 3 Encontro entre os grupos responsáveis pelo projeto

O momento de montagem do comboio, contou depois com a participação das crianças da Sala 6. O Carpinteiro mostrou ao grupo as várias partes que compunham o comboio e as crianças ajudaram a transportá-las para o local onde viria a ficar montado. Ajudaram ainda a segurar as placas de madeira enquanto o Carpinteiro as ia fixando.



Figura 4 Montagem do Comboio

Montado o Comboio, seguiu-se o momento de inauguração e foi visível o entusiasmo das crianças ao verem concretizado o seu projeto.

METODOLOGIA

Ao longo deste texto foram sendo descritas e explicadas as várias fases do projeto e de que forma as crianças participaram nos mesmos.

Foram realizados vários momentos de encontro, nos quais as crianças foram incentivadas a expor as suas ideias, participar na resolução de problemas e tomar decisões.

Para a construção do comboio as crianças também recorreram à metodologia de trabalho de projeto na medida em que fizeram investigações sobre o tópico, elaboraram o projeto gráfico e tomaram decisões para a construção física do mesmo.

De forma a avaliar o impacto deste projeto nas crianças foram aplicadas grelhas de avaliação com grau de complexidade adequado à faixa etária. Também foram realizadas no final do projeto entrevistas às crianças de forma que estas pudessem verbalizar como se sentiram ao longo do processo.

Foram ainda aplicadas grelhas de avaliação e entrevistas aos adultos envolvidos. Desta forma foi possível analisar o envolvimento das crianças através das observações realizadas pelos adultos. Como adultos temos consciência que a participação das crianças nesta dinâmica foi maior do que aquilo que as crianças destas idades conseguem verbalizar.

RESULTADOS

No decorrer do projeto da Construção do Comboio as crianças tiveram oportunidade de participar ativamente com as suas propostas, envolvendo-se nas várias fases. No final do projeto foram aplicadas grelhas de avaliação e realizadas entrevistas, quer às crianças quer aos adultos envolvidos.



Figura 6 Gráfico de Avaliação do Projeto (crianças)

Analisando a grelha de avaliação aplicada às crianças (Figura 6) podemos aferir que as crianças se sentiram efetivamente envolvidas e que participaram ativamente nas várias fases deste projeto. Podemos verificar também que as várias crianças tiveram diferentes níveis de envolvimento nas várias fases do projeto. Isto deve-se ao fato de as várias tarefas terem sido distribuídas pelas várias crianças. Por exemplo, uma criança que participou menos na assembleia, pode ter participado mais elaboração do projeto.

Nas entrevistas realizadas às crianças também foi visível esta participação. A título de exemplo, as crianças verbalizaram: “Conversámos e votámos!”, “Todos deram ideias, mas nem todos fizeram o mesmo.”; “Aprendemos a organizarmos o que queríamos fazer.”

Pela análise das respostas das crianças podemos verificar que estas demonstram consciência do seu papel ativo no desenrolar do projeto. De uma forma geral, todas as crianças apontam como muito positiva a sua participação nesta dinâmica.

Através da análise das grelhas de avaliação preenchidas pelos adultos, é possível aferir a grande participação das crianças nesta dinâmica. Pelos exemplos dados podemos perceber a consciencialização por parte dos adultos em relação ao envolvimento das crianças nas várias fases deste projeto. Contudo, podemos verificar que a participação das crianças nesta dinâmica revela diferentes níveis, por ser uma dinâmica com várias fases e tarefas e partilhada entre duas salas.

A título de exemplo, os adultos envolvidos referiram: “As crianças expuseram a sua opinião e, após consenso, deram início ao projeto”; “As crianças participaram de forma autónoma tendo sido apenas acompanhados pelo adulto no processo que decidiram fazer”; “Mantiveram o empenho e entusiasmo ao longo da elaboração do projeto”; “Demonstraram orgulho pelo resultado alcançado”;

Para além da participação as crianças desenvolveram outro tipo de competências como é o caso da cooperação, iniciativa, comunicação, representação gráfica, autonomia, negociação, capacidade de decisão e responsabilidade. Revelaram ainda um maior sentido crítico e capacidade de colaboração, negociação e decisão com os pares. Passaram a estar mais despertas para a possibilidade que têm de intervir diretamente na estruturação dos espaços exteriores.

CONCLUSÕES

Citando Hart (1992, p.5), “o termo participação pode ser definido como o processo de partilha de decisões que afetam a vida de alguém e a vida da comunidade em que se vive, os meios através dos quais se constrói uma democracia, um padrão em relação ao qual as democracias devem ser medidas. A participação é, assim, o direito fundamental da cidadania.”

Pelos resultados obtidos através do desenvolvimento que este tipo de posicionamento da escola no que respeita à participação das crianças nas várias vivências do centro promove, nas mesmas, confiança e competências de participação e de reflexão crítica.

Como referem Tomás e Gama (2011, p.16), “discutir as questões de participação das crianças implica repensar e ressignificar o papel das escolas na promoção dos seus direitos, nomeadamente, a consideração da sua agência e ação nos contextos educativos, ou seja, os seus direitos de participação.”

Consideramos estes projetos de participação uma forma de expandir as oportunidades de as crianças participarem no seu próprio processo educativo. De se sentirem capazes de falar por si mesmas, ouvidas e envolvidas na vida escolar.

Como sublinham Tomás e Gama (2011, p.3) “a participação é um processo gradual, mas seguro, que se prende, pela experiência e pela aprendizagem da participação das crianças, seja um valor em si mesmo e um direito fundamental da infância no reforço dos seus valores democráticos.”

Bibliografia

Hart, R. A. (1992). *Children's Participation: From tokenism to citizenship*. Florence: UNICEF Innocenti Research Centre.

Tomás, C. & Gama, A. (2011). *Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. Educação, Territórios e (Des)Igualdades. II Encontro de Sociologia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

COMUNICAÇÕES PARALELAS II



Alunos em exploração do solo na horta pedagógica, Cenário de Aprendizagem "Shrinking my footprint",
Gestão do Currículo, Colégio da Imaculada Conceição, Viseu

CHECK-IN

Colégio de Santa Doroteia, Calvanas, Lisboa

Luísa Leitão, Beatriz Almeida, Elisa Amado, Susana Anastácio, Maria da Luz Huffstot, Cátia Almeida, Helena Marques, Cristina Leal, João Moreno (ilustração), Susana Nunes (encenação)

Resumo

Pretendeu-se estimular e motivar os alunos a aprenderem de forma autónoma e envolverem-se mais ativamente nas disciplinas de Geografia, História e Religião, através de Aprendizagem baseada em Projeto, em grupo, com o foco nas Aprendizagens Essenciais destas disciplinas. Partindo de um guião orientador, fizeram projeção cartográfica das regiões das Civilizações dos Grandes Rios, pesquisaram símbolos e património artístico das três Religiões Monoteístas (Templos e Cidades Sagradas) e encenaram diálogos onde mobilizaram esse conhecimento. Mostraram ter realizado aprendizagens significativas, o que ficou patente nos resultados obtidos numa questão-aula sobre o poder sacralizado do Faraó e nos questionários de auto e heteroavaliação dos alunos. Conclui-se que alunos e docentes valorizaram este Trabalho de Projeto na aprendizagem.

Palavras-chave:

Aprendizagem baseada em Projeto (AbP); Aprendizagem autónoma; Projeção cartográfica; Civilizações dos Grandes Rios; Religiões monoteístas.

Abstract:

This project aimed at stimulating and engaging students to learn more independently, and to become more actively involved in the disciplines of Geography, History, and Religion, through Project-Based Learning in groups, focusing on the Essential Learning of these subjects. Using a working guide, they made cartographic projections of the regions of the River Valley Civilizations, researched symbols and artistic heritage, such as Temples and Sacred Cities of the three Monotheistic Religions, and reenacted dialogues where they could mobilize this acquired knowledge. The students conveyed they had significant learning experiences, which was quite evident in the results obtained from a class question about the sacralized power of the Pharaoh, and in the self- and hetero-evaluation questionnaires answered by the students. In sum, it is concluded that this Project Work was indeed valuable, both to students and teachers, for the learning process.

Keywords:

Project-based Learning (PbL); Autonomous learning; Cartographic projections; River Valley Civilizations; Monotheistic religions.

INTRODUÇÃO

No âmbito da Oficina de Gestão do Currículo, pretendeu-se que os alunos aprendessem de forma autónoma e se envolvessem mais ativamente, fazendo aprendizagens significativas nas disciplinas de Geografia, História e Religião, e mobilizando e desenvolvendo as seguintes competências do Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias (Doroteias da Província Portuguesa, 2020): a) protagonista do seu dia-a-dia, sendo mais autónomo, mais confiante, mais competente e b) transformador da realidade, sendo mais cooperante. No âmbito da Educação para a Cidadania pretendeu-se estudar a Interculturalidade e Diversidade Cultural.

EXPERIÊNCIA

Desenvolveu-se Aprendizagem baseada em Projeto (AbP) ao longo de quatro semanas do 1.º Período. Na Geografia, sob o domínio “Terra, estudos e representações”, o trabalho abordou e pretendeu desenvolver nos alunos as seguintes aprendizagens essenciais/Indicadores: aplicar as Tecnologias de Informação; reconhecer diferentes formas de representação do mundo de acordo com a po-

sição geográfica dos continentes e com os espaços de vivência dos povos, utilizando diversas projeções cartográficas (em suporte papel ou digital); selecionar as formas de representação da superfície terrestre, tendo em conta a heterogeneidade de situações e acontecimentos observáveis a partir de diferentes territórios (Direção Geral da Educação, 2018).

Na História, sob o tema “Contributos das Primeiras Civilizações (Civilizações dos Grandes Rios), o trabalho abordou e pretendeu desenvolver as seguintes aprendizagens essenciais/Indicadores: destacar contributos das Primeiras Civilizações (Civilizações dos Grandes Rios) para a civilização ocidental e identificar a permanência de alguns deles na atualidade (*ibid.*).

Na Religião, no subdomínio “Politeísmo e Monoteísmo”, o trabalho pretendeu desenvolver as aprendizagens essenciais/indicadores: distinguir monoteísmo de politeísmo; identificar exemplos relevantes do património artístico criados com base nas religiões das várias regiões estudadas (símbolos, templos e cidades sagradas) (*ibid.*).

Para desenvolvimento destas aprendizagens, os alunos do 7.º ano cartografaram, num mapa-mudo em *K-line*, as regiões das Civilizações dos Grandes Rios e sua localização nos continentes: Europa, Sul e Sudeste Asiático, Mé-

dio Oriente e Norte de África. Em seguida, cartografaram três mapas em folhas de acetato: um mapa político com as fronteiras dos países atuais, um mapa físico com o relevo e rios desses locais e um mapa com a distribuição das religiões atuais de cada uma destas regiões, de acordo com o número de fiéis. Através de pesquisa em fichas previamente elaboradas e sites disponibilizados pelas professoras, na *classroom* de cada disciplina, os alunos identificaram as religiões monoteístas e politeístas e diversos símbolos e cidades sagradas, compilando a informação no guião individual (em suporte de papel). Posteriormente, em grupo, construíram uma encenação sobre as três religiões monoteístas estudadas com a informação pesquisada, com duração máxima de quatro minutos, que apresentaram *on-line* aos colegas, envergando vestuário típico e símbolos representativos dessas religiões.

METODOLOGIA

O lançamento do Trabalho de Projeto iniciou-se com uma pequena encenação pela professora de Teatro, caracterizada de “um explorador” viajado e conhecedor do mundo (motivação) (Figuras 1 e 2). Após a motivação, fizeram-se grupos de três a quatro alunos de acordo com as “bolhas”¹ de Educação Física, em cada turma. Inicialmente, previa-se fazer pequenos grupos pela intervenção dos alunos, no entanto, tal não foi possível. Os alunos decidiram os seus papéis de entre quatro: gestor de trabalho, de ideias e participação, gestor de tempo e espaço, gestor de som. O trabalho decorreu de forma contínua ao longo de uma manhã ou tarde, num dos dias da semana, durante quatro semanas, na sala de aula de cada turma, em cinco tempos de 45 minutos cada. Os alunos de cada grupo puderam ter alguma proximidade, apesar de se lhes ter dado indicações precisas de ação e de afastamento, resultantes dos aspetos decorrentes da pandemia (Figura 3).

Cada um recebeu um guião em papel, que foi avaliado, por disciplina, ao longo e no final do processo (Figura 4). O decorrer do projeto baseou-se no guião previamente elaborado pelas professoras envolvidas.

No final, os alunos fizeram a auto e heteroavaliação de todo o trabalho, indicando ainda o que tinham gostado, onde se tinham superado, o que tinha sido difícil e o que seria necessário melhorar.

RESULTADOS

Os alunos envolveram-se nas atividades, trabalhando de forma autónoma e em grupo. Cartografaram o mapa mudo em K-line (Figura 5), partindo de uma fotocópia que lhes foi facultada, e os outros mapas em acetatos sobreponíveis. Após desenharem os contornos dos países nos três acetatos, desenharam os limites das grandes civilizações e rios e coloriram, no outro assinalaram as religiões atuais e percentagem de fiéis, de acordo com legendas previamente determinadas. Fizeram uma barra cronológica com as datas de aparecimento da Civilização do vale do rio Indo, da Civilização Suméria, da Civilização Egípcia e da Civilização do vale do rio Amarelo e responderam a questões sobre a religião no Antigo Egito. No gráfico 1, pode verificar-se que, quando questionados numa questão-aula sobre o poder sacralizado do Faraó, um dos assuntos pesquisados durante o trabalho de projeto, responderam de forma correta 82,7% (23 alunos) a 100% dos alunos (27 alunos) das 4 turmas.

Turma	Classificação das Respostas	Percentagem de alunos
7º A (27 alunos)	Resposta Correta Resposta Incompleta Resposta Errada	100% 0% 0%
7º B (28 alunos)	Resposta Correta Resposta Incompleta Resposta Errada	89,3% 3,5% 7,2%
7º C (28 alunos)	Resposta Correta Resposta Incompleta Resposta Errada	85,7% 0% 14,3%
7º D (28 alunos)	Resposta Correta Resposta Incompleta Resposta Errada	82,7% 10,4% 6,9%

Gráfico 1 - Resultado das respostas dos alunos numa questão-aula sobre o poder sacralizado do Faraó no Antigo Egito.

Os alunos pesquisaram símbolos de cada uma das religiões indicadas no guião (Judaísmo, Cristianismo, Islão, Hinduísmo e Budismo) e identificaram-nas como monoteístas ou politeístas. Elaboraram o guião de uma encenação sobre as religiões estudadas, com três a quatro personagens (conforme o

1 - Durante o contexto de Pandemia, devido ao SARS-Cov2, foram elaborados pequenos grupos de maior proximidade na Educação Física aos quais se chamaram “bolhas”.

número de pessoas no grupo), referindo os símbolos, templos e cidades sagradas (Figuras 6 a 8) e apresentaram-nas *online*. Por fim, compilaram-se as respostas dadas pelos alunos ao questionário de avaliação no final do processo sobre o Trabalho de Projeto realizado, bem com as da avaliação dos docentes de modo a tirar conclusões da experiência. Pela análise das respostas de 48 alunos, conclui-se que 93,6% dos alunos concordam que o trabalho permitiu mudanças significativas no modo de aprendizagem (Gráfico 2) e que 97,8% concordam que o projeto permitiu aprender vários conhecimentos de diferentes disciplinas (Gráfico 3). Todos os alunos concordaram que o tema do Projeto era interessante (Gráfico 4), pelo que se pode afirmar que os alunos valorizaram este Trabalho de Projeto na sua aprendizagem (Gráfico 5).

O Projeto permitiu mudanças significativas no modo como aprendemos

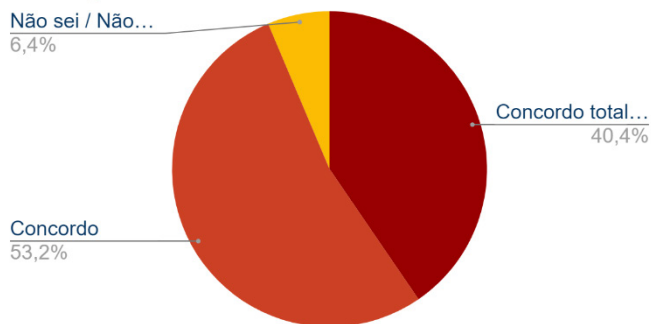


Gráfico 2 - Análise da resposta de 48 alunos sobre mudanças significativas no modo de aprendizagem

O Projeto permitiu aprender vários conhecimentos de diferentes disciplinas

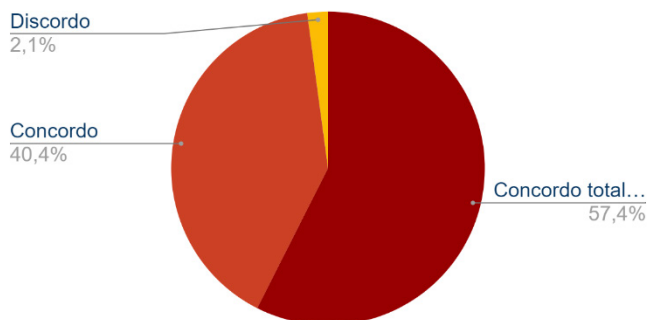


Gráfico 3 - Análise da resposta de 48 alunos à afirmação "O projeto permitiu aprender vários conhecimentos de diferentes disciplinas"

O Projeto abordou um tema interessante

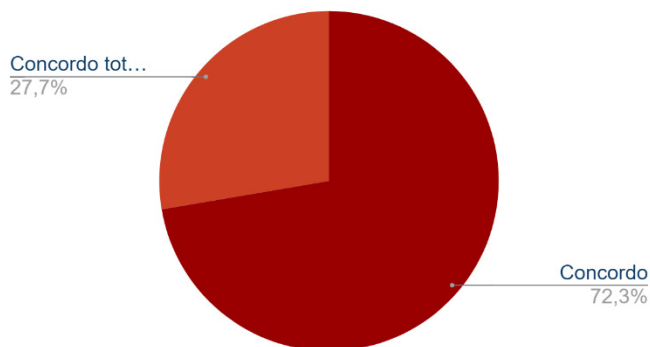


Gráfico 4 - Análise da resposta de 48 alunos à afirmação "O projeto abordou um tema interessante"

Avaliação global: Com este Projeto fiquei...

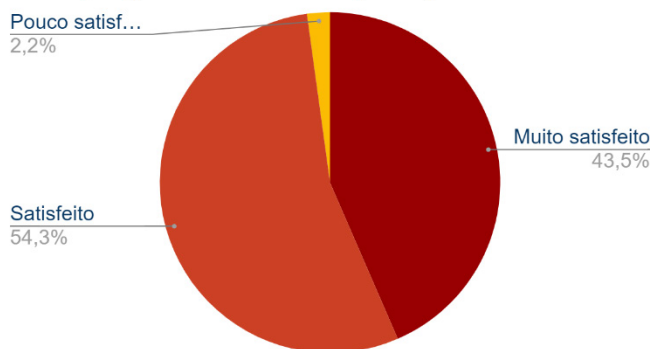


Gráfico 5 - Análise da resposta de 48 alunos à afirmação "Com este Projeto fiquei..."

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Na Geografia, os alunos implicados na elaboração da cartografia desenvolveram conhecimento dos diferentes lugares ou regiões, associados às grandes civilizações e dominam os sistemas de projeção cartográfica. Na História, mostraram ter adquirido aprendizagens significativas, bem como na Religião, o que ficou patente nas encenações apresentadas. Pela análise das respostas da auto e heteroavaliação, conclui-se que os alunos valorizaram este Trabalho de Projeto na sua aprendizagem. As docentes concluíram que os alunos se motivaram e envolveram no projeto e fizeram aprendizagens significativas de forma autónoma nas disciplinas envolvidas.

Referências Bibliográficas

- Direção Geral de Educação (2018). *As Aprendizagens Essenciais*. [Disponível em <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>] (consultado em 1 setembro de 2020).
- Doroteias da Província Portuguesa (2020). *Perfil dos(as) alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doro-*

teias. (não publicado)

Lovato, F. Michelotti, A. & Da Silva Loreto, E. (2018). Metodologias Ativas de Aprendizagem: Uma Breve Revisão. *Acta Scientiae*, 20 (2), 154-171. https://www.researchgate.net/publication/327924688_Metodologias_Ativas_de_Aprendizagem_Uma_Breve_Revisao

FIGURAS



Figuras 1 e 2. Encenação - motivação pela professora de Teatro no início do trabalho.



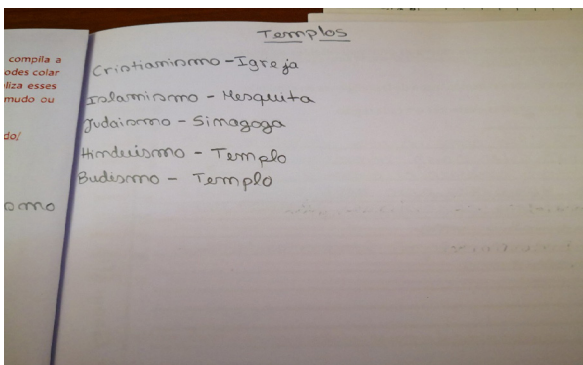
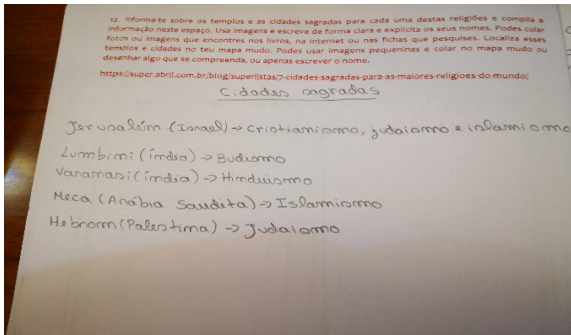
Figura 3. Decorrer do trabalho de Projeto em aula; utilização do guião por aluno; disposição das mesas em grupos de três a quatro alunos



Figura 4. Capa do guião facultado aos alunos



Figura 5. Mapa-mudo das Primeiras Civilizações em K-line



Figuras 6, 7 e 8. Pesquisa dos Símbolos, Cidades Sagradas e Templos inscritos no guião de um aluno.

Gerir a Gestão do Currículo - Dos Projetos Interdisciplinares aos Cenários de Aprendizagem

Colégio Nossa Senhora da Paz
Anabela de Sá Correia

Resumo

No atual contexto de mudança e inovação pedagógica, somos desafiados a assumir decisões de gestão do currículo que potenciem diferentes modos de aprender, de organizar os espaços e os tempos de trabalho nas escolas. Neste artigo, procura-se partilhar de forma sucinta o trabalho desenvolvido no Colégio Nossa Senhora da Paz pelo grupo de docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no sentido de desenhar projetos interdisciplinares que promovam aprendizagens significativas e relevantes nas crianças que frequentam a instituição. Posteriormente, num contexto de partilha e reflexão da equipa de professoras titulares e a perita da Oficina de Inovação Pedagógica de Gestão do Currículo (OIP_GC), Professora Doutora Daniela Gonçalves, sobre as práticas pedagógicas e como forma de responder às tendências sociais, educativas e tecnológicas, este grupo de docentes passou a desenhar cenários de aprendizagem.

Palavras-chave:

Gestão do Currículo; Projetos Interdisciplinares; *Cenários de Aprendizagem*

Abstract:

In the current context of pedagogical change and innovation, we are challenged to take curriculum management decisions that enhance different ways of learning, of organizing spaces and working times in schools. In this paper, we seek to briefly share the work developed at Colégio Nossa Senhora da Paz by the group of teachers from the 1st Cycle of Basic Education in order to design interdisciplinary projects that promote meaningful and relevant learning in children who attend the institution. In a context of sharing and reflection by the team of teachers and the expert of Oficina de Inovação Pedagógica de Gestão do Currículo (OIP_GC), Professora Doutora Daniela Gonçalves, on pedagogical practices and as a way to respond to social, educational and technological trends, this group of teachers started to design learning scenarios.

Keywords:

Curriculum Management; Project Methodology; Learning scenarios

INTRODUÇÃO

A equipa de professoras do 1.º Ciclo do Colégio Nossa Senhora da Paz integrou, em 2019/2020, a Oficina de Inovação Pedagógica de Gestão Curricular (OIP_GC), do Projeto Bússola 21. Neste contexto, esta equipa foi inspirada/desafiada a fazer uma reflexão conceptual sobre o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC) e a desenvolver e operacionalizar os seus próprios Projetos, alterando práticas pedagógicas.

A Metodologia de Projeto surgiu como estratégia fundamental da gestão do currículo, pelo modo como estimula o protagonismo, a inteligência, a autonomia e as competências relacionais do aluno.

É neste contexto de desafio e reflexão que a equipa de docentes do 1.º Ciclo e a perita de OIP_GC, a Professora Doutora Daniela Gonçalves, decidem desenhar cenários de aprendizagem, nos quais é possível demonstrar a visão da inovação e das abordagens pedagógicas, discutindo a necessidade efetiva de envolver os alunos no processo de aprendizagem, uma vez que há evidências na literatura que mostram claramente que os estudantes aprendem melhor “quando se envolvem e participam ativamente na sua aprendizagem” (Prince, 2004).

EXPERIÊNCIA / METODOLOGIAS

Inicialmente, no Colégio Nossa Senhora da Paz foram pensados e concebidos Projetos Interdisciplinares, em que os professores planificaram o contributo e o momento de intervenção de cada disciplina nesses mesmos projetos, que foram pensados e desenvolvidos em função de temáticas comuns às várias disciplinas envolvidas, das Aprendizagens Essenciais (AE) do ano de escolaridade e tendo em conta as características do grupo/turma.

Utilizámos, como instrumento de planeamento dos Projetos, a matriz de planificação elaborada pelos participantes da OIP_GC e as peritas para os Projetos do 2.º e 3.º ciclos. No entanto, esta estrutura de planificação revelou-se desadequada face às especificidades do 1.º Ciclo.

Por isso, semanalmente, durante dois meses, a equipa de professoras titulares e a perita de OIP_GC, Professora Doutora Daniela Gonçalves, refletiram em conjunto, procurando encontrar uma abordagem diferente que se coadunasse com as dinâmicas do 1.º Ciclo. É neste contexto de partilha de experiências e reflexão que surgiram os Cenários de Aprendizagem.

Matos (2014) definiu o conceito de cenário como “...uma situação hipotética de ensino-aprendizagem (puramente imaginada ou com substrato real) composta por um

conjunto de elementos. Cada cenário deve descrever (i) o contexto em que a aprendizagem tem lugar, (ii) o ambiente em que a mesma se desenrola e que é condicionado por fatores relacionados com a área/domínio de conhecimento, (iii) os papéis desempenhados pelos diferentes agentes ou atores (e pelos seus objetivos), organizados numa história/narrativa.”

Assim, um cenário de aprendizagem é uma descrição narrativa de ensino e de aprendizagem que pretende mostrar a visão da inovação e das abordagens pedagógicas centradas no aluno que vão ser colocadas em prática por um determinado grupo de professores junto dos seus alunos, durante algumas aulas ou num projeto mais longo. Não se tratam de planos de aula. Os cenários descrevem, num contexto mais alargado e abrangente, as ideias gerais do que vai acontecer. Numa fase posterior, os professores podem utilizar as ideias definidas no cenário para criarem os planos de aula para as atividades de aprendizagem que definiram.

Os cenários de aprendizagem podem ser criados de raiz ou adaptados a partir de outros já existentes, tendo sempre o cuidado de os adequar às características da escola, dos alunos e à intencionalidade pedagógica do docente. O modelo utilizado no Colégio da Paz para a construção de um cenário de aprendizagem é composto pelos seguintes tópicos:

- Título do cenário: atribuir um título adequado, indicador das ideias inovadoras que contém e de alguma forma apelativo e motivador.
- Nome do(s) autor(es): identificar as pessoas envolvidas na criação do cenário.
- Tendência(s) relevante(s): indicar a tendência ou tendências a que o cenário procura responder. (As tendências são mudanças e desafios, tanto podem ser ao nível do ensino, como mudanças na sociedade. A título de exemplo o uso da tecnologia na educação).
- Objetivos de aprendizagem e competências: quais são os principais objetivos? Que competências irá o aluno desenvolver e demonstrar, no âmbito do cenário? Identificar áreas de competências elencadas no Perfil dos Alunos.
- Papel do aluno: em que tipo de atividades irá o aluno estar envolvido?
- Ferramentas e recursos: que recursos serão necessários? Como é que irão ser usados? (Por exemplo, indicar tecnologias, ferramentas e recursos necessários.)
- Espaço de aprendizagem: onde decorrerá a aprendizagem? (Por exemplo, sala de aula, biblioteca local, museu, ao ar livre, num espaço *online*, etc.).
- Narrativa do cenário de aprendizagem: descrever as principais ideias do cenário, em formato de narrativa/ história, num máximo de 10 frases.

Em contexto de Pandemia, foram desenhados Cenários de Aprendizagem para todos os anos de escolaridade do 1.º Ciclo, utilizando a Metodologia de Projeto, quer para implementação no ensino presencial, quer para ensino a distância. Estes foram pensados e desenvolvidos após uma análise do Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias (PACEID), tendo em conta as áreas de competência a promover em cada grupo, procurando proporcionar uma aprendizagem ativa, em que os alunos fossem levados a trabalhar em grupo e a colaborar uns com os outros, a pesquisar, selecionar e organizar a informação, dentro e fora da sala de aula, bem como incentivados a criar e a apresentar um produto final. Por exemplo, o Cenário de Aprendizagem “Vamos à descoberta dos animais” foi implementado no 1.º ano de escolaridade, no segundo semestre. Para este Cenário de Aprendizagem, a equipa de docentes das áreas disciplinares implicadas no projeto decidiu priorizar as áreas de competência do Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias: Cooperante e Criativo, uma vez que no 1.º semestre, como já prevíamos um novo confinamento, optamos pelo conhecimento de si e pela autonomia, pois queríamos que fossem para casa já com um espírito de grupo de turma e que conseguissem realizar as atividades e tarefas propostas sem dependerem do auxílio dos pais. Consideramos que, no regresso ao presencial, depois de tanto tempo isolados, tínhamos mesmo que trabalhar a cooperação, a relação como os pares, o espírito de ajuda e a criatividade. Desta forma, identificamos as tendências relevantes, selecionamos quais seriam as Aprendizagens Essenciais para cada disciplina, clarificamos o papel do aluno e do professor, construímos a narrativa do Cenário de Aprendizagem, estruturando as atividades e definindo estratégias de avaliação, criando um guião que orientou todas as etapas do projeto. Este Cenário, e todos os outros que foram desenhados no Colégio Nossa Senhora da Paz, estão disponíveis no Moodle do Projeto Bússola 21, na área da Gestão Curricular (2020-2021).

RESULTADOS

A equipa de docentes do 1.º Ciclo do Colégio Nossa Senhora da Paz considerou que planificar atividades de ensino e aprendizagem através de Cenários de Aprendizagem é o modo mais adequado às especificidades deste contexto, pois possibilita que o professor desenhe e antecipe situações de aprendizagem nas quais cria as condições necessárias para que estas se concretizem com sucesso, com envolvimento efetivo dos alunos. Com a implementação de Cenários de Aprendizagem foi notório o envolvimento dos alunos na discussão e partilha de ideias, existindo momentos para darem e receberem *feedback* e para comunicarem os resultados da sua investigação, com vista à produção e apresentação de um produto final.

DISCUSSÕES/CONCLUSÕES

Neste momento, esta equipa está a refletir sobre a forma como vai potenciar, através dos Cenários de Aprendizagem, a utilização de dispositivos de aprendizagem pessoais como *netbooks* e *tablets*, que permitem o acesso a conteúdos de aprendizagem *online*, bem como, a ambientes de aprendizagem virtuais, seja em casa ou no Colégio. A equipa tem optado sempre pela Metodologia de Projeto, mas neste momento é imperativo procurar aplicar nos Cenários de Aprendizagem outras Metodologias Ativas de Aprendizagem. Não se trata de alterar metodologias, mas de as diversificar, uma vez que, em determinado momento, o docente pode considerar mais vantajoso utilizar a Metodologia de Projeto, mas noutro momento julgar mais pertinente e oportuno aplicar a sala de aula invertida ou a aprendizagem por descoberta guiada.

Referências bibliográficas:

- Cosme, A (2018). *Autonomia e Flexibilidade Curricular: Propostas e Estratégias de Ação*. Porto: Porto Editora.
- Cosme, A., Ferreira, S., Sousa, A., Lima, L., & Barros, M. (2020). *Avaliação das Aprendizagens: Propostas e Estratégias de Ação*. Porto: Porto Editora.
- DGE (2015). Laboratórios de Aprendizagem: Cenários e histórias de aprendizagem. [Disponível em: https://erte.dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos/Laboratorios_aprendizagem/magazine_la_final.pdf] (Acesso em 14 de julho de 2021)
- Matos, J. F. (2014). Princípios orientadores para o desenho de Cenários de Aprendizagem. [Disponível em: http://ftelab.ie.ulisboa.pt/tel/gbook/wpcontent/uploads/2017/05/cenarios_aprendizagem_2014_v4.pdf] (Acesso em 14 de julho de 2021)

Eu Construo, Tu Jogas, Nós Aprendemos!

Externato do Parque

Carolina Castelo-Branco; Mafalda Frazão

Resumo

A escola, vista como um dos elementos principais capazes de estabelecer transformação e inovação, tentando dar resposta às mudanças da sociedade, vê-se perante o desafio de ir ao encontro de cada um dos alunos, com as suas diferentes necessidades e interesses. Procurando compreender o aluno como ser holístico, os professores veem-se perante a constante necessidade de reorientar a bússola do seu modo de trabalhar e posterior definição do caminho a trilhar com cada aluno, com cada turma. Numa primeira fase apresentar-se-á a experiência realizada com uma turma do 3º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico, de uma instituição de ensino privado no centro da cidade de Lisboa, que irá ser aprofundada na metodologia.

Por fim, dar-se-á enfoque aos resultados que advieram da criação de jogos pelos alunos, que originaram um aumento do envolvimento e motivação por parte dos mesmos, promovendo um consequente desenvolvimento das competências do Perfil dos(as) Alunos(as).

Palavras-chave:

Trabalho cooperativo; Motivação; Envolvimento.

Abstract:

As one of the prime elements capable of inducing transformation and innovation, and therefore bringing answers to changes in society, school must try to provide a response to the challenge of acknowledging each student, with his(her) different needs and interests.

In the interest of helping develop their students as holistic beings, teachers see themselves before the constant need to recalibrate the compass of their methodology and thereafter define the way to go with each student, with each class. In a first stage we will present an intervention with a class of 3rd graders of a private institution located in Lisbon, which will be further discussed in methodology.

Finally, we will present the discussion of results that were patent through the creation of games by the students, which originated an increase of involvement and motivation on their part, promoting a consequent development of the pillars of the Students Profile.

Keywords:

Cooperative learning; Motivation; Involvement.

INTRODUÇÃO

Hargreaves (2003) refere-se à sociedade do conhecimento como uma sociedade da aprendizagem. Na perspetiva do autor, a produção do conhecimento, depende da “capacidade dos seus membros de se adaptarem às mudanças continuando a aprender de forma autónoma e uns com os outros” (Coutinho e Lisboa, 2011, p.11). A escola tem, assim, uma grande responsabilidade no desenvolvimento desta sociedade em que os valores que fazem diferença e determinam o sucesso numa economia globalizada e altamente competitiva são o conhecimento, a criatividade e a inovação.

Esta procura tem desafiado os docentes a inovar, a mudar o rumo do seu trabalho inúmeras vezes, procurando promover aprendizagens significativas que se adaptem aos desafios da sociedade em que vivemos proporcionando “diferentes formas de aprender conteúdos, processar ou entender diferentes ideias e desenvolver soluções de modo que cada aluno possa ter uma aprendizagem eficaz” (Tomlinson, 2008, cit. por Machado, 2016, p. 16)

Ao professor cabe, assim, pensar, (re)agir e criar, para os alunos e com os alunos. O aluno pode também fazer par-

te do desenho e estruturação das suas aprendizagens, multiplicando o seu envolvimento na construção do saber, levando a um aumento da motivação para aprender e consequente construção de aprendizagens significativas.

EXPERIÊNCIA

Numa turma do 3.º ano com 20 alunos que gostavam de ser desafiados e de ajudar os outros, mas cuja responsabilidade, criatividade e trabalho em equipa eram competências ainda a necessitar de trabalho, foi lançado o repto de criar para ajudar.

Promovido como um desafio, a turma recebeu em mãos o convite de, em pequenos grupos, criar atividades sobre diversas aprendizagens para aplicar à outra turma do mesmo ano.

METODOLOGIA

Numa primeira fase, foram apresentados os temas que poderiam ser escolhidos. Dentro de cada tema, os alunos tiveram hipótese de consultar as aprendizagens essenciais já trabalhadas sobre as quais teriam de incidir as suas atividades.

Seguidamente, foi pedido a cada aluno que identificasse os três temas que teria mais interesse em trabalhar.

Após a recolha destes dados, a professora organizou os grupos de trabalho articulando as escolhas feitas pelos alunos com as potencialidades ou dificuldades de cada um, tanto a nível das aprendizagens como a nível de trabalho cooperativo. Assim, a docente procurou que cada grupo incluísse elementos com características diferentes, mas complementares, baseando-se nos seus perfis de aprendizagem que espelham a forma como cada um aprende e revela mais facilidade em aprender.

Após a criação dos grupos, os alunos reuniram com o objetivo de definirem, dentro do tema, qual(is) o(s) conteúdo(s) que iriam desenvolver. Um segundo objetivo dessa reunião foi pensar como iriam testar, de uma forma lúdica e motivante, os conhecimentos dos colegas sobre o(s) conteúdo(s) selecionado(s).

Os grandes temas propostos foram os animais, os astros, as situações problemáticas, as frações e a gramática.

Dentro do tema dos animais, os alunos optaram por criar adivinhas partindo de características como o filo e a classe a que pertencem, o revestimento, o tipo de alimentação, a locomoção e a reprodução.

Relativamente ao tema dos astros, o grupo responsável criou uma pequena maquete do sistema solar à qual associou um *quiz* que incidia sobre conhecimentos respeitantes aos planetas e às estrelas.

As situações problemáticas foram trabalhadas sob a forma de uma caça ao tesouro em que era necessário, para a obtenção da pista seguinte, resolver uma situação problemática com sucesso.

As frações, trabalhadas em conjunto com as coordenadas, resultaram num jogo inspirado numa fusão entre o bingo e a batalha naval.

Por fim, na gramática, os alunos criaram um jogo de tabuleiro, inspirado no jogo da glória, com categorias e desafios relativos à classe e família de palavras bem como à classificação da palavra quanto à posição da sílaba tónica e ao número de sílabas.

Durante o processo de construção dos jogos, os alunos tiveram oportunidade de consolidar as suas aprendizagens bem como de esclarecer as questões que foram surgindo, tanto com a professora, como também com os seus pares, uma vez que precisavam de ter os seus conhecimentos alicerçados a fim de criarem questões pertinentes e claras e serem capazes de esclarecer eventuais dúvidas.

A fim de testarem as suas criações, os grupos aplicaram-nas à sua turma onde, numa dinâmica de espírito crítico e construtivo, todos os grupos puderam contribuir com sugestões de melhoria que enriqueceram ainda mais as

atividades. Após este enriquecimento, os grupos estavam aptos para aplicar aos colegas, da outra turma, as suas criações.

RESULTADOS

Ambas as turmas se demonstraram motivadas para aprender. A turma que criou os jogos estava orgulhosa do trabalho realizado e entusiasmada por partilhar e desafiar os colegas da outra turma. Por outro lado, a turma para quem foram criados os jogos não só se demonstrou surpreendida pela capacidade de conceção que os seus amigos tiveram, como também se demonstrou motivada e curiosa para jogar e testar os seus conhecimentos.

Este caminho permitiu que os alunos trabalhassem nos seus pontos de interesse e que, dentro destes, se conseguissem autoavaliar e desafiar a saber mais de forma a poderem criar jogos dinâmicos. A construção deste conhecimento, ao ser relevante para o aluno, permitiu-lhe edificar uma aprendizagem significativa ancorada a conhecimentos prévios.

Ao mesmo tempo, os alunos que demonstravam uma menor competência de trabalho cooperativo, encontraram neste desafio uma ajuda para superarem as suas dificuldades e alargarem as suas aprendizagens. Esta competência foi sujeita a uma heteroavaliação dentro dos respetivos grupos de trabalho que incidiu em descritores como a participação ativa na construção dos jogos, o respeito pela opinião dos membros do grupo e o ritmo de trabalho.

CONCLUSÕES

Finda esta experiência, pudemos constatar um aumento da motivação dos alunos que foi possível alcançar pelo desafio lançado pelo(s) professor(es), uma vez que estes “can nurture intrinsic motivational resources when they create opportunities for challenges, student initiative, build activities around students’ interests, curiosity and personal goals” (Näkk e Timoštšuk, 2016, p.1).

Quando as atividades são demasiado fáceis ou demasiado exigentes, não ocorre desenvolvimento, para tal, de acordo com Vygotsky, a criança tem de funcionar no limite das suas capacidades, na zona de desenvolvimento proximal. Laevers (1994) considera que quando um professor consegue criar no aluno um elevado grau de envolvimento, este demonstra concentração, construindo as suas aprendizagens intensamente, sentindo-se motivado e fascinado, experienciando uma grande quantidade de satisfação estando completamente envolvido na tarefa - “this because the activity is geared to his urge to explo-

re and his particular pattern of needs, and lies only just within his particular capabilities, and therefore generates growth” (p. 245).

Não obstante, a construção e consolidação das aprendizagens em dinâmica de trabalho cooperativo, permitiu, também, desenvolver competências e atitudes necessárias ao seu desenvolvimento holístico indo, assim, ao encontro das competências do Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias (Doroteias da Província Portuguesa, 2020). Desta forma, foi possível continuar a promover nos alunos a autonomia e a cooperação tendo como propósito o crescimento do aluno como um todo. Estas competências, ao se cruzarem e interligarem, permitiram o desenvolvimento dos alunos nos dois eixos principais do Perfil dos(as) Alunos(as) levando os mesmos a serem protagonistas da sua própria vida enquanto se tornam agentes de transformação da realidade. Deste modo, alunos e professor tornaram-se parceiros no desenho e estruturação da aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento da capacidade de autorregulação dos primeiros, aumentando as suas capacidades de reflexão e de autoconhecimento, viabilizando escolhas que elevassem a sua aprendizagem. Em conjunto, professor e alunos, planearam, definiram objetivos, acompanharam o progresso, analisaram o sucesso e as falhas e procuraram multiplicar os sucessos e aprender pelas falhas. “They do not quest for sameness, but they search for the sense of triumph that comes when they are respected, valued, nurtured, and even cajoled into accomplishing things they believed beyond their grasp” (Tomlinson, 1999, p.10).

A inovação, a experimentação, a cooperação e a competição são pilares estruturantes nas sociedades contemporâneas e, a escola enquanto formadora de cidadãos, deve, cada vez mais, centrar-se na formação de pessoas ativas, responsáveis, críticas, participativas, cooperantes, competitivas e solidárias (Capucha, 2006). Assim, torna-se necessário que a escola crie oportunidades para que o aluno aprenda, possa pensar de forma crítica e agir de forma empreendedora.

Em suma, foi possível criar uma oportunidade para que “os alunos se tornem mais capazes de aprender a construir conhecimento, desenvolvendo em simultâneo a autoconfiança, a responsabilidade e a autonomia” (Veiga et al., 2012, p.39), no processo de desenvolvimento de atividades diferentes, igualmente interessantes, igualmente importantes e igualmente cativantes (Tomlinson, 1999).

Referências bibliográficas

- Capucha, L. (2006). *Guião de Educação para o Empreendedorismo*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Coutinho, C., & Lisboa, E. (2011). Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: Desafios para Educação no Século XXI. *Revista de Educação*, 18(1), 5-22.
- Doroteias da Província Portuguesa (2020). *Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias*. (não publicado)
- Laevers, F. (1994). *Defining and assessing quality in early childhood education*. Leuven: Leuven University Press.
- Machado, E. (2016). Inovação e Aprendizagem : Um Duetto Eficaz no Processo de Ensino. Tese de mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2399>
- Näkk, A., & Timoštšuk, I. (2016). Relationship between teachers’ classroom practices and learning engagement in primary school. In L. Gómez Chova, A. López Martínez, & I. Candel Torres (Eds.), *10th International Technology, Education and Development Conference Proceedings* (pp. 6596-6602). IATED Academy.
- Tomlinson, C. A. (1999). *The Differentiated Classroom: Responding to the Needs of All Learners*. Alexandria: Association for Supervision and Curriculum Development.
- Veiga, F. H., Festas, I., Taveira, C., Galvão, D., Janeiro, I., Conboy, J., Carvalho, C., Caldeira, S., Melo, M., Pereira, T., Almeida, A., Bahía, S., & Nogueira, J. (2014). Envolvimento dos alunos na escola: conceito e relação com o desempenho académico - sua importância na formação de professores. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 46-2, 31-47. https://doi.org/10.14195/1647-8614_46-2_2

Webinar Metodologias Ativas

Colégio Nossa Senhora da Paz
Inês Pereirinha

Resumo

No âmbito do plano de ação do Colégio Nossa Senhora da Paz, iniciou-se, em 2020-2021, o processo de implementação das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem, cujos objetivos eram motivar e capacitar os docentes, através de formação sobre as metodologias ativas significativas. Apresenta-se, neste artigo, essa parte inicial do processo de implementação das metodologias ativas, desde a sua conceção à realização do webinar. Todo este trabalho foi concebido e organizado pelos elementos da Oficina Gestão flexível do Currículo deste ano letivo.

O webinar decorreu nos dias 15 e 16 de julho de 2021 e contou com a participação de especialistas em algumas metodologias ativas selecionadas e diversos participantes. O feedback foi positivo e foram atingidos os objetivos pretendidos.

Palavras-chave:

Metodologias Ativas; Processo; Formação; *Webinar*.

Abstract:

Under the action plan of Colégio Nossa Senhora da Paz, in 2020-2021, the process of implementing active methodologies in the teaching-learning process began. This process initially intended to motivate and train teachers, through training on significant active methodologies. This paper presents this initial part of the process of implementing active methodologies, from their conception to the realization of the webinar. All this work was conceived and organized by the elements of the Oficina Gestão flexível do Currículo for this school year.

The webinar took place on the 15th and 16th of July 2021 and was attended by experts in selected active methodologies and several participants. The feedback was positive, and the intended objectives were achieved.

Keywords:

Active Methodologies; Process; Training; Webinar.

INTRODUÇÃO

No Colégio Nossa Senhora da Paz, à semelhança de todos os Centros Educativos da Rede Educativa das Irmãs Doroteias, foi desenvolvido um Plano de Ação com vista à implementação das áreas de inovação Bússola 21 (Gestão flexível do Currículo, Participação das Crianças, Educação da Interioridade), em associação com a implementação do Perfil dos(as) Alunos(as) no Currículo e com o Trabalho Colaborativo. Este Plano de Ação tem sido desenvolvido, implementado, avaliado e revisto sucessivamente pela Equipa de Inovação Pedagógica do Colégio Nossa Senhora da Paz. O Plano previa que a promoção de aprendizagens significativas para os alunos fosse feita através da Aprendizagem baseada em Projetos ou Cenários de Aprendizagem e da utilização de Metodologias de Aprendizagem Significativa.

Relativamente à Aprendizagem baseada em Projetos, verificou-se uma evolução significativa de 2018 a 2021, no número de projetos, alunos abrangidos, professores participantes e disciplinas envolvidas.

No entanto, a formação em Metodologias de Aprendizagem Significativa foi sendo adiada, sobretudo devido à pandemia. Como integrávamos a Equipa de Inovação Pedagógica do Colégio, percebemos que as Metodologias de Aprendizagem Significativa eram um ponto de melhoria no nosso plano de ação e assim tivemos a ideia de propor que a dinamização

da formação em Metodologias Ativas fosse feita pela Oficina Gestão flexível do Currículo.

EXPERIÊNCIA / METODOLOGIAS

E assim começamos a desenvolver um plano de implementação e promoção das Metodologias de Aprendizagem Significativa, junto dos restantes docentes do nosso centro educativo.

O primeiro passo consistiu numa partilha de ideias entre os elementos da oficina de Gestão flexível do Currículo, tendo em conta que era essencial perceber o que pretendíamos, os nossos objetivos, as diversas opções que tínhamos, as condicionantes a que estávamos sujeitos, a importância de motivar os docentes e agilizar e facilitar todo este processo num ano tão atípico e cansativo. O passo seguinte passou por conhecer as diversas metodologias ativas e fazer um estudo sobre as mesmas, através de pesquisas, análises de uma panóplia de materiais, bem como através do contacto com diversos especialistas, no ensino e nas metodologias ativas, de modo a planear todo o processo e estruturar a sua implementação com vista a alcançar os objetivos pretendidos. Surgiu assim a ideia da Criação de uma Turma na *Classroom* para divulgação das Metodologias Ativas selecionadas. Cada metodologia foi apresentada através de recursos escolhidos tendo em conta a sua pertinência, clareza e interesse, como por exemplo, vídeos ou documentos.

Depois de ter sido explicado a todos os professores o nosso intuito, estes tiveram acesso à Turma da Classroom de modo a conhecerem/aprofundarem conhecimentos sobre as metodologias apresentadas.

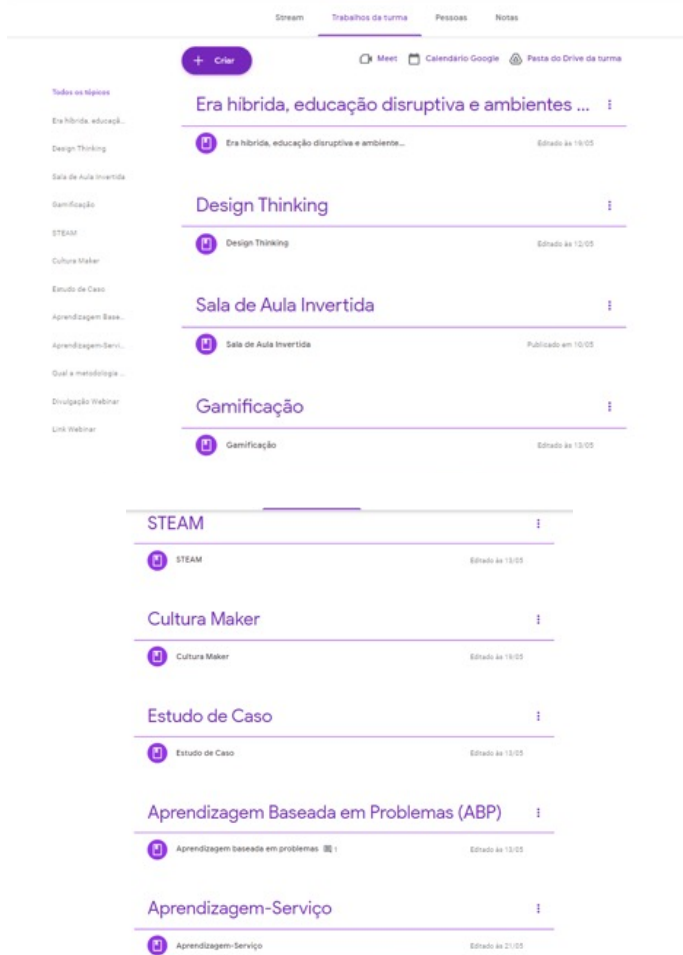


Figura 1. Imagens da Turma da Classroom

No final, os professores responderam a um inquérito, indicando aquela que mais interesse lhe suscitou, ou seja, aquela sobre a qual gostariam de ter uma abordagem mais específica e mais prática.

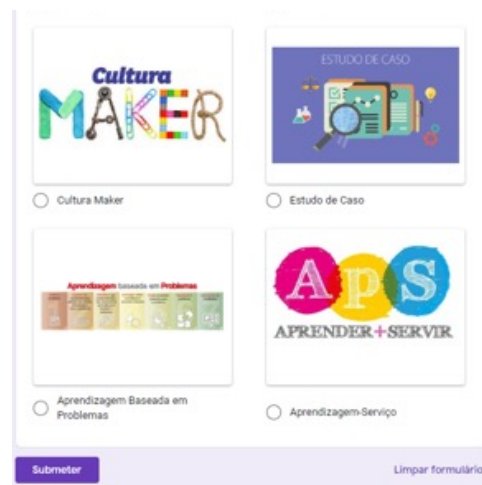
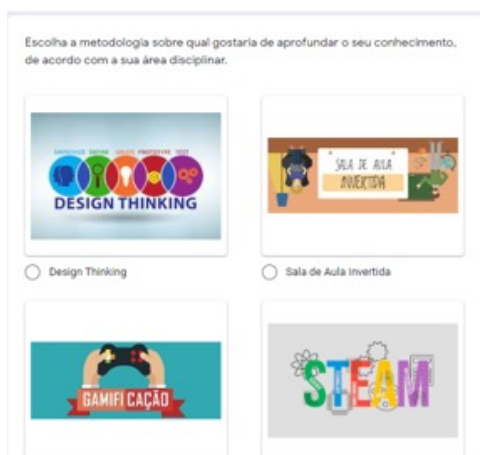


Figura 2. Imagens do Google Forms

A escolha das metodologias a aprofundar foi feita através da análise dos resultados do inquérito e permitiu-nos fazer uma seleção, mais adequada e mais coerente de acordo com a necessidade dos docentes, das metodologias ativas para as quais seriam apresentados os casos práticos.

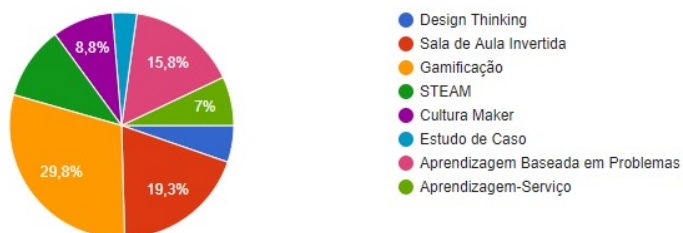


Figura 3. Gráfico com os resultados do inquérito

Chegamos assim a mais uma etapa do processo, que necessitou de mais partilha de ideias e de decisões agora relativas ao produto final. Para decidir, era importante responder de forma pertinente às questões: “Como fazer a apresentação? Onde? Quando?”.

E optámos por um *webinar*, por ser atual, interativo, motivante, diferente e permitir, neste tempo de pandemia, a presença e a segurança de todos. Ao mesmo tempo, o *webinar* permitiu criar um recurso digital a que poderemos sempre que necessário voltar a recorrer.

A seguir veio a fase da escolha dos oradores de acordo com as metodologias selecionadas. Pretendia-se que os oradores fossem especialistas nas metodologias a apresentar e que fossem capazes de fazer uma abordagem não só teórica, mas essencialmente prática, mostrando aplicações concretas das metodologias em causa. Através de pesquisas e diferentes contactos conseguimos encontrar um rico painel de participantes.

No *webinar* contámos com a participação da Dra. Susana Almeida, especialista da metodologia S.T.E.A.M. (Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics), o responsável sobre a metodologia pedagogia invertida foi o Dr. Marco Bento e a apresentação sobre Gamificação ficou a cargo da Dra. Louise Lima. E terminámos o *webinar* com a palestra do Dr. António Moreira sobre a importância e a pertinência da aplicação das metodologias ativas significativas no ensino atual.



Figura 4. Cartaz do webinar com os oradores

RESULTADOS

O balanço do *webinar* é positivo, tendo todos os participantes referido que foi uma mais-valia, uma vez que contribuiu para um maior conhecimento sobre algumas metodologias ativas significativas e que os motivou para a utilização das mesmas nas suas práticas educativas. Para melhor apresentar os resultados, partilhamos o testemunho de alguns docentes do Colégio Nossa Senhora da Paz:

“O processo de divulgação e apresentação das diferentes metodologias ativas foi inovador. Através do Classroom foram disponibilizadas pequenas apresentações sobre o tema e fomos desafiados a indicar qual a metodologia ativa que gostaríamos de conhecer melhor respondendo a um questionário no Google Forms. Como resultado deste processo tivemos o privilégio de assistir e participar num webinar com quatro oradores inspiradores, que aprofundaram conceitos e deram exemplos muito claros das metodologias que apresentaram. Três dos pilares mencionados que considero fundamentais foram a intencionalidade pedagógica, a clareza na comunicação e o trabalho colaborativo. No final, sentimo-nos desafiados a fazer parte ativa da era híbrida na educação e não só a sermos espectadores.”

Benedita Brandão, professora de inglês do 2.º e 3.º ciclos *“A escola é de facto um dos palcos da sociedade com maior relevo para a vida de cada um de nós. Na atualidade, muito se tem debatido sobre a função da escola, qual a escola que queremos para o futuro e como integrar todos nessa mesma escola. Esta visão de escola de massa veio sem dúvida transformar as sociedades ao longo do último século e nesta primeira década do novo século. Para Nóvoa, a Escola define novas formas de organização da vida familiar e social. Tomando como exemplo alguns projetos e iniciativas que transparecem metodologias ativas é sem dúvida importante dotar os docentes de ferramentas para um melhor processo de planificação, de docência, de gestão, de decisão e de avaliação. O uso da pedagogia invertida, da gamificação ou mesmo das tecnologias em sala de aula são de facto reveladores da transformação do trabalho levado a cabo pelos docentes.”* Filipe Vilar, professor de geografia do 3.º ciclo e secundário *“Esta formação em MAS surge na altura ideal, estamos num contexto de mudança e de procura pela inovação pedagógica. Com as MAS apresentadas neste webinar podemos estruturar e adequar práticas pedagógicas que permitam tornar os alunos cada vez mais envolvidos. Com este webinar reforçamos a ideia de que precisamos de continuar a planificar de forma interdisciplinar, usando estas estratégias e metodologias de modo a promover o conhecimento individual e coletivo, o desenvolvimento da autonomia, a promoção da proatividade dos alunos em relação ao conhecer e aprender, a capacidade de solucionar problemas e aumentar o uso das tecnologias como facilitadoras do processo. Concluimos que já foi um avanço no conhecimento geral das MAS, mas falta ainda uma abordagem mais específica de construção e elaboração dos materiais.”*

Rita Coimbra, professora do 1.º ciclo

CONCLUSÕES

O processo de implementação das metodologias ativas no processo ensino-aprendizagem está longe de terminar. Depois deste *webinar*, estamos na fase inicial de aplicação, de poder recorrer também às metodologias ativas significativas, para enriquecer ainda mais as aprendizagens dos nossos alunos. No entanto, precisamos de continuar a aprofundar o conhecimento sobre as metodologias ativas significativas, de modo a encontrar aquela ou aquelas com as quais mais nos identificamos e que mais se adequam à nossa disciplina e à nossa prática pedagógica. É importante também conhecer estratégias de planificação, de gestão e de avaliação das metodologias ativas significativas, para que todo

o processo cumpra a sua intencionalidade pedagógica e contribua para a formação integral do aluno.

É este o caminho que iniciámos e que continuaremos a percorrer, sabendo que é o caminho necessário nos dias atuais, tendo sempre em conta as palavras de Santa Paula Frassinetti, “Deus não quer mais do que aquilo que podemos fazer, segundo o caminho que nos abre.”

Bibliografia

Doroteias da Província Portuguesa (2020), *Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias*. (não publicado)

Martins, G. O. et al. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação.

Dar Voz aos Alunos: Participação das Crianças em Contexto Escolar

Externato do Parque

Alexandra Gonçalves, Dulce Miranda, Teresa Castro

Resumo

A participação das crianças nas rotinas e decisões da escola tem sido um assunto inquietante nos últimos anos. As investigações realizadas têm mostrado benefícios e resultados positivos na evolução da escola, como instituição, bem como no desenvolvimento integral do aluno. Considerando crucial o envolvimento dos alunos na tomada de decisões na escola para a realização deste trabalho, foi aplicado um inquérito por questionário a 196 alunos do 1º ciclo do Ensino Básico. Esse instrumento teve como objetivos: conhecer a opinião dos alunos sobre o funcionamento, a estrutura e a importância das Assembleias de Turma (AT); conhecer a sua perceção quanto às contribuições e sugestões dadas sobre o espaço e as dinâmicas escolares; saber de que outras formas gostariam de participar mais e melhor na vida, nas decisões e nas dinâmicas da escola. Os dados recolhidos permitiram-nos efetuar uma análise sobre as opiniões dos alunos e verificámos que estes têm uma perceção positiva face ao seu papel na dinâmica escolar. Além disso, verificámos que as AT continuam a ser o meio revelador para encontrar, em conjunto com todos os intervenientes da escola, soluções inovadoras e significativas. Com este trabalho parece-nos importante refletir sobre as considerações feitas pelos alunos, uma vez que são aspetos reveladores de uma crescente maturidade do conceito de participação das crianças e confirmamos a importância da sua voz nas diversas vertentes das dinâmicas escolares.

Palavras-chave:

Participação das Crianças; Inovação Pedagógica; Democratização do Ensino; Assembleias de Turma.

Abstract:

Children's participation in school routines and decisions has been a disturbing issue in recent years. The investigations carried out have shown positive benefits and results in the evolution of schools, as an institution, as well as in the integral development of the student. Considering the involvement of students in decision-making in school to perform this work, a questionnaire survey was applied to 196 primary education students. This instrument aimed to: know the students' opinion about the functioning, structure and importance of Class Assemblies (TA); to know their perception of the contributions and suggestions given about the space and school dynamics; know what other ways they would like to participate more and better in life, decisions and school dynamics. The data collected allowed us to carry out an analysis of the students' opinions and we found that students have a positive perception of their role in school dynamics. In addition, we have seen that TA continues to be the revealing means of finding, together with all school stakeholders, innovative and meaningful solutions. With this work it seems important to reflect on the considerations made by the students since they are revealing aspects of a growing maturity of the concept of participation of children and we confirm the importance of their voice in the various aspects of school dynamics.

Keywords:

Children's Participation, Pedagogical Innovation, Democratization of Education, Class Assemblies.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, os jovens têm vindo a participar progressivamente na organização e gestão das escolas, nomeadamente a partir de Associações de Estudantes. E as crianças?

Investigações realizadas nesta área têm exaltado a valorização da participação das crianças e a sua escuta ativa, transformadora da realidade escolar. De acordo com Amorim e Azevedo (2017), as instituições de ensino devem considerar os alunos elementos centrais da vida da escola, atores e autores do palco educativo. Além disso, consideram que escutar os alunos significa criar oportunidades para que possam partilhar opiniões sobre diferentes assuntos, desde os mais simples, como as infra-estruturas da escola e as atividades em sala de aula, até

aos mais complexos, como mudanças no currículo e na organização escolar (*ibid.*).

Os mesmos autores, e após uma revisão das normas da Unicef (2004) reconhecem três aspetos essenciais: a valorização do superior interesse da criança (artigo 3), a importância de ouvir a opinião da criança sobre os assuntos que lhe digam respeito (artigo 12) e o direito e liberdade de expressão (artigo 13) (Amorim & Azevedo, 2017). Este direito à liberdade de expressão abrange a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem consideração de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.

Também o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho), homologado em 2017, destaca, nas “implicações práticas”, a

importância de “promover de modo sistemático e intencional, na sala de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores” (p.31). Mais recentemente, o Conselho Nacional de Educação publicou em Diário da República a Recomendação n.º 2/2021 sobre “A voz da criança e dos jovens na educação escolar”, entendida como “a possibilidade e o direito das crianças e dos jovens terem oportunidade para exprimir as suas ideias e opiniões ao longo de todo o processo educativo, bem como de verem a sua participação ser respeitada e considerada em todas as opções que lhes digam respeito” (p.75).

EXPERIÊNCIA

No presente trabalho, centramos o foco na Assembleia de Turma (AT), momento de participação democrática direta, de organização e de regulação de toda a vida da turma (Grave-Resendes & Soares, 2002). É essencial escutar a voz dos alunos, tendo em conta as suas competências e capacidades para melhorar os espaços sociais e, neste caso, os espaços escolares (Tomás & Gama, 2011).

A AT é uma dinâmica semanal, em que professores e alunos reúnem para normalizar as relações sociais, avaliar e potencializar as evoluções e conquistas dos alunos, bem como resolver conflitos ou problemas que, eventualmente, possam surgir ao longo da semana. A par desta planificação, que tem por base os registos dos diferentes intervenientes no Diário de Turma (DT), a AT é uma oportunidade para debater ideias, sugerir alterações na sala de aula, sugerir novas atividades/desafios e planificar o trabalho da semana seguinte. No entanto, extraordinariamente, pode existir algum conflito não passível de esperar até à próxima AT e, nessa situação, a turma reúne para encontrar uma solução. Para que a AT seja um tempo e espaço verdadeiramente significativo para as crianças e espelho das suas vivências, é crucial a existência de um DT, onde os alunos registam os acontecimentos que, posteriormente, serão o ponto de partida para dar início ao debate. Segundo Niza (1991), um DT é como um “memorando”, um registo da vida da turma, entre o professor e os alunos, onde registam as ocorrências significativas das aulas, bem como os comportamentos mais relevantes da turma, entre outros acontecimentos valorizados pelos alunos no seu quotidiano. No entanto, o mesmo autor salienta o poderoso impacto que os professores têm na sua construção, sendo que este instrumento só se mantém no tempo quando os professores entendem o seu alcance e valor educativo no desenvolvimento pessoal e social.

METODOLOGIA

Esta investigação realça a importância da participação dos alunos nas rotinas e dinâmicas escolares. Pressupõe-se que a verdadeira participação dos alunos seja resultado de um trabalho de desconstrução, interpretação, devolução e, finalmente, de tomada de decisão conjunta entre alunos e adultos com diferentes níveis de responsabilidade na escola (Trevisan, 2012).

O estudo que aqui se apresenta tem por base a aplicação de inquéritos aos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico do Externato do Parque no início (novembro de 2020) e no final (junho de 2021) do ano letivo. O inquérito por questionário é habitualmente associado a metodologias de investigação quantitativas, apesar de procedermos aqui à interpretação e análise dos dados de forma qualitativa, uma vez que se tornou importante conhecer outras percepções dos alunos através de algumas questões de resposta aberta. Neste processo, houve a necessidade de adaptar os inquéritos aos diferentes anos de escolaridade. O inquérito por questionário foi aplicado às 11 turmas (196 alunos) do 1º ciclo do Ensino Básico do Externato do Parque, com os seguintes objetivos: conhecer a opinião dos alunos sobre o funcionamento, a estrutura e a importância das AT; conhecer a sua perceção quanto às contribuições e sugestões dadas sobre o espaço e as dinâmicas escolares; saber de que outras formas gostariam de participar mais e melhor na vida, nas decisões e nas dinâmicas da escola.

Assim sendo, o inquérito inicial aos 1º e 2º anos (6 turmas), composto apenas por questões abertas, foi realizado à turma, enquanto o aplicado aos 3º e 4º anos (5 turmas) foi respondido individualmente e compreendia questões abertas e fechadas. No inquérito final todos os alunos responderam individualmente, abrangendo o inquérito questões abertas e fechadas.

Embora diretamente relacionados e complementares para uma visão geral da participação das crianças na nossa escola, não foram considerados neste trabalho os dados relativos às avaliações semanais (realizadas pelos alunos) e trimestrais (realizadas pelos professores) das AT, os registos nos DT, ou as avaliações dos delegados de turma referentes às Assembleias de Delegados.

RESULTADOS

A comparação dos dados quantitativos (questões fechadas), recolhidos no início e no final deste ano letivo, não são conclusivos no que à valorização da participação individual dos alunos dos 3º e 4º anos nas AT diz respeito, no entanto ao nível dos 1º e 2º anos é notória a perceção

positiva dos alunos face a esta dinâmica e ao papel que têm nela (“resolução de problemas com a ajuda da professora”, “liberdade para expressar o que gostamos e o que não gostamos”, “sugestões de melhoria para a nossa escola”).

Por outro lado, pela análise dos dados qualitativos (quer referentes às questões abertas, quer provenientes do campo de sugestões), é possível constatar que os alunos, embora refiram a importância das AT na mediação de conflitos, começam já a considerar que a resolução de alguns problemas deve ser autónoma e entre pares (“podíamos resolver mais problemas no recreio, sozinhos”, “nas AT podíamos falar sobre outros temas, sem ser só resolver problemas”), evitando retirar à AT tempo útil que poderia ser dedicado a temas “mais interessantes”, o que nos parece revelador de estratégias que as crianças já interiorizaram e começam a colocar em prática autonomamente. É ainda notória uma crescente atenção a questões relacionadas com o processo de ensino-aprendizagem e com atividades curriculares diversas (“falar mais sobre o trabalho”, “ajudar as professoras nas aulas”, “decidir os horários”, “escolher as regras”, “ajudar mais os colegas que precisem”, “dar sugestões de visitas de estudo”), bem como uma necessidade de abertura das AT a outros intervenientes e a questões relacionadas não só com a vida e as rotinas da turma, mas também com a vida da escola como um espaço de e para todos (“auxiliares e outros professores / diretoras nas AT”, “mais dinâmicas na escola”, “semanas temáticas”, “falar com a direção mais vezes quando não gostamos de alguma coisa”).

Constatamos ainda que, no que aos 3º/4º anos diz respeito, as crianças referem uma melhoria nas relações interpares e, comparativamente, mais respeito pelo outro nas AT no 2º inquérito, embora continue a ser significativo o número de crianças que não considera a sua participação fundamental ou que ainda se sente pouco à-vontade para intervir. É ainda pertinente referir que, em todos os anos, no inquérito final, os alunos revelaram maior facilidade em dar sugestões concretas de alteração/melhoria às AT.

Consideramos que estes aspetos são reveladores de uma crescente maturidade do conceito de participação das crianças, que compreendem a importância da sua voz em várias vertentes das dinâmicas escolares. Parece-nos claro que esta evolução positiva e que esta vontade de contribuir para “melhorar a escola” está diretamente relacionada com a tomada de consciência de que as sugestões dadas, quer em AT, quer em Assembleia de Escola¹, foram escutadas (“sentimos que a direção nos ouviu”), tidas em

consideração e postas em prática sempre que possível; essas mudanças (“mudámos o mundo!”, “temos novas tarefas na sala”, “alterámos a ementa”, “fizemos a campanha das bolas de futebol”, “agora temos alternância dos espaços de recreio semanalmente”) parecem estimular e motivar a vontade de participar, dando origem a dinâmicas partilhadas de reflexão-ação sobre a realidade, o que nos parece fundamental para o desenvolvimento de competências sociais e para a formação integral de futuros cidadãos conscientes da importância e da responsabilidade da sua participação ativa e concreta na sociedade.

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

Podemos concluir, pela análise dos dados, que de uma forma geral os alunos consideram que as AT são importantes e que gostam de participar nesta dinâmica (embora nem todos se sintam ainda completamente à-vontade para o fazer de forma espontânea), que muitos alunos consideram necessário mais tempo para a realização das AT (“AT duas vezes por semana”, “é preciso mais tempo”) e que estas poderiam acontecer em diferentes espaços do nosso colégio (“AT no recreio, ao ar livre, no ginásio, na horta...”). Também as funções desempenhadas e a abertura das AT a outros intervenientes são pontos a ter em conta no futuro.

Assim, apesar de uma das questões fundamentais que nos levou à elaboração destes inquéritos – “De que outras formas gostarias de participar mais na vida, nas decisões e nas dinâmicas da escola?” – ter sido difícil de responder pelos alunos, uma vez que ainda conhecem apenas as formas de participação que colocámos ao seu dispor, consideramos estar no caminho certo para que reflitam e possam chegar juntos a novas formas de participação ativa, concreta e democrática.

O presente trabalho tem, portanto, efeitos positivos também na perspetiva de ser professor e de escutar os alunos. Os professores que fizeram parte deste processo, após a revisão, discussão e reflexão sobre estes resultados, continuam a assumir o papel de mediadores na participação das crianças no dia-a-dia escolar. Entendemos que este impacto não surge somente devido às mudanças que os alunos descreveram, mas também porque este processo desenvolve características elencadas no Perfil dos Alunos dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias. Todas estas conquistas a alcançar, devem começar a ser trabalhadas e desenvolvidas quando se escutam as crianças e jovens e quando se promovem dinâmicas onde os alunos ofe-

1 - Este ano letivo, devido às medidas implementadas no âmbito do Plano de Contingência, não tiveram lugar as habituais Assembleias de Escola, mas antes Assembleias de Delegados (1º e 2º anos / 3º e 4º anos).

recem os seus pensamentos, as suas ideias e as suas hipóteses. Com os resultados obtidos, podemos destacar a importância que as mudanças fazem na rotina dos alunos e, neste sentido, assume-se que os professores devem tomar decisões sobre as atividades e a forma como se organizam, tendo por base os interesses, motivações e curiosidades dos alunos. Na verdade, entende-se esta conclusão como uma nova visão do currículo, partindo da opinião fundamentada dos alunos, que lhes permite sentirem-se mais envolvidos, mais motivados e, desta forma, mais conscientes da sua importância na escola. Esta questão é ainda fundamental para que os alunos continuem a investir no seu percurso académico, ganhando mais e melhores competências pessoais e sociais. De acordo com Paulo Freire (2005), a própria relação pedagógica deve ser entendida numa relação dialógica, na qual “A educação autêntica não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B” (Freire, 2005, p.97).

Não basta apenas ouvir a voz do aluno. Os professores têm um imperativo ético de fazer algo a esse propósito com os alunos, e é por isso que o envolvimento significativo dos alunos é vital para a melhoria da escola (Fletcher, 2005).

Como professores, devemos ter outro olhar sobre o trabalho com os alunos e entender que o objetivo central do processo de ensino-aprendizagem não pode ser apenas a emissão de diplomas, mas a construção lenta e quotidiana, responsabilidade de todos, de formas superiores de vida em comum (Azevedo, 2007).

Com este trabalho, prosseguimos com a convicção de que é crucial continuarmos a estimular o olhar crítico e criativo das crianças, criando condições não apenas para uma escuta ativa dos seus pontos de vista, mas sobretudo para uma ação progressiva e conscientemente integradora da sua visão nas múltiplas dimensões do contexto escolar, transmitindo-lhes a certeza de serem agentes transformadores da realidade.

Referências Bibliográficas

- Amorim, J. P., & Azevedo, J. (2017). As lições dos alunos: o futuro da educação antecipado por vozes de crianças e jovens. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, 17, 61-97.
- Azevedo, J. (2007). Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos de Pedagogia Social*, 1, 7-40.
- Doroteias da Província Portuguesa (2020). *Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias*. (não publicado)
- Fletcher, A. (2005). *Meaningful Student Involvement Guide to Students as Partners in School Change*. Olympia: SoundOut.org.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Grave-Resendes, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Martins, G. (Coord.). (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Niza, S. (1998). A Organização social do trabalho de aprendizagem no 1º ciclo do Ensino Básico. *Inovação*, 11, 77-98.
- Trevisan, G. (2012). Cidadania infantil e participação política das crianças: interrogações a partir dos Estudos da Infância. <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2399>
- Tomás, C., e Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. *In Educação, Territórios e (Des)Igualdades, II Encontro de Sociologia da Educação*. Faculdade de letras da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10400.21/1116>
- Unicef (2019). *Convenção sobre os Direitos da Criança e Protocolos Facultativo*. https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Newsletter - “Notícias do Sardão”

Colégio do Sardão

Nicola Mendes, Patrícia Assunção, Paulo Silva, Sérgio Marante, Sónia Cunha

Resumo

O Projeto Newsletter (Notícias do Sardão) surgiu da necessidade de dar uma maior visibilidade às experiências realizadas pelas crianças tanto no contexto escolar, como familiar e, ao mesmo tempo, criar um espaço que possibilitasse a partilha com a restante comunidade educativa. Este teve a duração de um ano letivo, e comportou três edições, sendo que a última partiu da iniciativa dos alunos dos 4^{os} anos, cuja organização e execução foi da sua inteira responsabilidade.

Palavras-chave:

Participação das crianças; Newsletter; Currículo; Articulação; Inovação pedagógica.

Abstract:

The Newsletter Project (Notícias do Sardão) arose from the need to give greater visibility to the experiences made by children, both in the school and family context and, at the same time, create a sharing space addressed to the rest of the educational community. It lasted one school year and included three editions, the last of which was a 4th graders initiative, whose organization and execution was their responsibility.

Keywords:

Children participation; Newsletter; Curriculum; Coordination; Pedagogical innovation.

INTRODUÇÃO

“(…) É preciso reconhecer aos alunos o direito de interferirem na organização do seu próprio trabalho, em parceria com os outros (...)” (João Barroso,1998)

Este artigo teve por base a experiência vivenciada no ano letivo transato com os alunos do Colégio do Sardão. A partir da Oficina de Inovação Pedagógica (OIP) Participação das Crianças (PC) nasceu a Newsletter “Notícias do Sardão”. Assim, esta surgiu com o objetivo de reportar notícias sobre os principais acontecimentos experienciados pelos alunos, pretendendo, simultaneamente, dar confiança e competências para uma postura mais ativa, assim como permitindo a partilha das opiniões dos alunos da nossa escola.

Neste caso específico, o trabalho produzido foi feito exclusivamente pelos alunos do Colégio do Sardão. E tal como diz Gonçalves (2008, p. 5), o jornal escolar: “Aproxima alunos de professores, ultrapassando e abolindo barreiras, construindo um novo paradigma de relacionamento, promovendo e desenvolvendo a aprendizagem, a investigação, a leitura e a escrita”. Assim, nos últimos dois anos, com o desafio lançado aos Centros Educativos das Irmãs Doroteias (CEID), metemos mãos à obra e abraçamos com toda a garra este repto.

EXPERIÊNCIA

Os coordenadores da OIP PC reuniram com todos os delegados e subdelegados das turmas do 1^o ciclo, onde lhes foi lançado o desafio de elaborarem uma newsletter. Numa

segunda fase, e após a votação, por cada turma, os delegados dos terceiros e quartos anos reuniram para decidir quais os temas a ser tratados, bem como o título da newsletter. Estes delegados dos terceiros e quartos anos assumiram a responsabilidade total pelas tarefas que lhes foram lançadas. Recolheram, igualmente, os dados (textos e/ou desenhos) e organizaram as páginas da newsletter. Por fim, os coordenadores da OIP PC publicaram nas redes sociais e partilharam a newsletter com os Encarregados de Educação.



Figura 1. Edição n^o1



Figura 2. Edição nº2



Figura 3. Edição nº3

METODOLOGIA

Este projeto teve por base a pedagogia de Trabalho de Projeto, nomeadamente a aprendizagem baseada na resolução de problemas, que permitiu a construção e o desenvolvimento das várias etapas da Newsletter. Esta experiência permitiu que, em tempos pandémicos, se renovassem os estilos de aprendizagem, se aumentasse o

senso de responsabilidade dos alunos para organizarem e pesquisarem autonomamente. A redação das notícias promoveu o incentivo à leitura, o uso do raciocínio lógico e as discussões em grupo. Exigiu, igualmente, que as crianças investigassem mais a fundo os problemas encontrados a fim de descobrirem soluções práticas para eles. O trabalho em equipa, através da organização em grupo, permitiu a interlocução das diferentes áreas envolvidas e os seus respetivos conteúdos, bem como a troca de informações entre elas.

Nesta experiência, o papel do professor foi o de simplificador das aprendizagens, orientando e catalisando a evolução do processo de ensino/aprendizagem. Sendo que este deixou de ser o único detentor do conhecimento para se tornar um facilitador, atuando como mediador entre o conhecimento e as crianças, despertando essa interação e coadjuvando nas dificuldades. Colocou ainda a criança como principal agente de construção do conhecimento. Tal como defendiam Rousseau, Dewey e Freinet, no discurso pedagógico da modernidade, a participação das crianças na vida da escola não é somente estar presente nas atividades, mas é a forma como as crianças podem influir nas decisões e nos processos de negociação e concertação com os adultos. A criança deve ser considerada como ator social com direitos e este conceito de participação deve ser formalizado na escola, no estatuto do aluno e na ética escolar.

Ao longo deste processo, o aluno foi tendo, gradualmente, um papel mais ativo, na medida em que se tornou mais autónomo, ou seja, desde a escolha das temáticas, à redação das notícias/textos, quer à própria seleção das fotografias/desenhos.

Durante a execução das várias edições da newsletter, o professor limitou-se a orientar aptidões, competências e a autonomia das crianças com o propósito de descobrirem as aprendizagens. O foco dirigiu-se à aprendizagem das crianças, envolvendo-as, motivando-as e mantendo um diálogo contínuo.

RESULTADOS

Após o lançamento de três edições da "Notícias do Sardão", consideramos que os alunos, ao longo deste processo, fortaleceram as aprendizagens consideradas fundamentais: a aptidão de gerirem espaços de autonomia existentes no contexto do projeto; a aptidão de trabalhar em grupo e partilhar experiências e saberes; a aptidão de, isoladamente ou em pares/grupos pequenos, contribuírem para que sejam conseguidos resultados positivos; o sentimento de pertença e responsabilidade em relação ao

projeto que dinamizam, nomeadamente, no planeamento; a aptidão de lidar com diferentes opiniões, opções, problemas, situações conflituais ou outras incompreensões que possam surgir.

CONCLUSÕES

Este projeto terá continuidade no próximo ano letivo devido ao impacto positivo em toda a comunidade educativa e em especial nos alunos. Por outro lado, concluiu-se que seria mais proveitoso para os alunos se estes se envolvessem mais em todo o processo, tal como aconteceu na última edição da newsletter. Concluiu-se ainda que será necessário dar uma maior visibilidade a esta experiência, tentando ter um impacto fora da nossa esfera escolar. Seria interessante, uma vez que se trata de um artigo no âmbito da OIP PC, que estas conclusões refletissem essa temática.

Referências Bibliográficas

- Barroso, J. (1998). Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola. *Cadernos de Organização e Gestão Curricular*. Lisboa: IIE.
- Direção Geral de Educação (2018). *As Aprendizagens Essenciais*. [Disponível em <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>] (acedido em 1 setembro de 2020).
- Gonçalves, J. C. B. (2008). Jornal escolar: da periferia ao centro do processo educativo. In M. L. Martins & M. Pinto (Orgs.), *Comunicação e cidadania - Actas do 5º congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sop-com/article/view/175/171>

Participação dos alunos, o bem em semente

Colégio Nossa Senhora da Paz
Ana Monteiro Gomes

Resumo

No âmbito dos trabalhos desenvolvidos pela Oficina de Inovação Pedagógica (OIP) da Participação da Criança no Colégio Nossa Senhora da Paz, procurou-se, em 2020/2021, planejar, implementar e avaliar projetos que permitissem a escuta e a participação dos alunos nas diferentes áreas da vida escolar. Para percebermos como entendia a comunidade educativa a participação dos alunos na vida escolar, foi desenvolvido um inquérito aplicado a alunos, encarregados de educação e educadores. Apresentam-se, neste artigo, alguns dos seus resultados. Como exemplo de projeto de participação, que procura envolver os alunos na aprendizagem em serviço, apresentamos o projeto “O Bem em Semente, com as Sementes da Paz”, iniciado no ano letivo 2020/2021 e que esperamos manter para futuro.

Palavras-chave:

participação das crianças, alunos, cidadania, solidariedade, resolução de problemas.

Abstract:

Regarding the project works developed by OIP in Colégio Nossa Senhora da Paz in 2020/2021, efforts were made to plan, implement and evaluate projects that would allow students to be listened to and to participate in different areas of school life. In order to understand how the educational community understood the participation of students in school life, a survey was applied to students, parents and educators. In this article, some of its results are presented. As an example of a participatory project, which seeks to involve students in in-service learning, we present the project “O Bem em Semente, com as Sementes da Paz”, which began in 2020/2021 and which we hope to maintain for the future.

Keywords:

children's participation, students, citizenship, solidarity, problem solving.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresentará o resumo da apresentação da OIP do Colégio Nossa Senhora da Paz, nas I Jornadas de Inovação Pedagógica - “O Bússola 21 em 2021”, realizadas em julho de 2021.

A escuta da voz e a integração da participação dos alunos na vida quotidiana do colégio tem sido uma preocupação da instituição, que considera as suas ideias, sugestões e ações fundamentais para a construção e melhoria do percurso educativo dos seus alunos.

Seguindo o modelo da apresentação nas jornadas, este artigo abordará dois trabalhos distintos da OIP. Primeiro, apresenta alguns dos resultados obtidos da aplicação de um inquérito à comunidade escolar sobre a participação dos alunos nas diferentes áreas da vida escolar. Depois, dá-se a conhecer um projeto, desenvolvido ao longo do ano letivo 2020/2021, que atribui às crianças e jovens um papel fundamental, enquanto agentes transformadores da realidade.

INQUÉRITO À COMUNIDADE EDUCATIVA: METODOLOGIA E RESULTADOS

O inquérito aplicado à comunidade educativa, em junho e julho 2021, procurava perceber quais as perceções de alunos, encarregados de educação e educadores sobre a participação das crianças e jovens da vida do colégio.

As questões, apresentadas aos inquiridos através de um formulário *online*, foram adequadas a três grupos distintos: recolheram-se as respostas de 148 alunos do 5.º ao 9.º ano, de 109 alunos do ensino secundário e de 42 encarregados de educação e educadores.

O tratamento dos dados recolhidos permite perceber que o colégio é um espaço seguro em que os alunos se sentem, na sua maioria, confortáveis na partilha das suas opiniões sobre a escola (fig. 1).

1. Os alunos sentem que, no colégio, podem partilhar, com segurança, as suas opiniões sobre a escola?



Figura 1: dados recolhidos com a questão 1, colocada no inquérito online.

Esta maioria já não é tão expressiva, no entanto, quando a questão pretende saber se a opinião dos alunos é tida em conta pelos adultos no colégio (fig.2).

3. Os alunos sentem que a sua opinião é tida em conta pelos adultos no colégio?

5.º ao 9.º ano		E. Secundário		EE + Professores	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
40,7%	59,3%	69,4%	30,6%	78%	22%



Figura 2: dados recolhidos com a questão 3, colocada no inquérito online

Percebe-se, também, que a maioria dos participantes sente que os alunos ajudam na identificação e na resolução de problemas que afetam a sua comunidade escolar e que não sentem constrangimento em sugerir novos projetos e atividades aos adultos com que se relacionam, sejam eles professores, diretores de turma ou elementos da direção (fig. 3).

7. Os alunos sugerem novos projetos e atividades escolares aos professores, DT, à Direção?

5.º ao 9.º Ano		Secundário	
142 respostas		109 respostas	
Sempre	8,5%	Sempre	2,8%
Quase Sempre	14,1%	Quase Sempre	14,8%
Às vezes	42,3%	Às vezes	48,1%
Nunca	35,2%	Nunca	34,3%



Figura 3: dados recolhidos com a questão 7, colocada no inquérito online

Esta participação é tão efetiva que a maioria dos alunos consegue identificar projetos e atividades em que esteve diretamente envolvida desde a sua criação. Assim, os dados dos inquéritos parecem validar o levantamento feito previamente pela OIP sobre as áreas de participação da criança no Colégio da Paz. Neste momento, os alunos participam e constroem projetos nas diferentes áreas da vida escolar e em todos os níveis de ensino (fig.4).

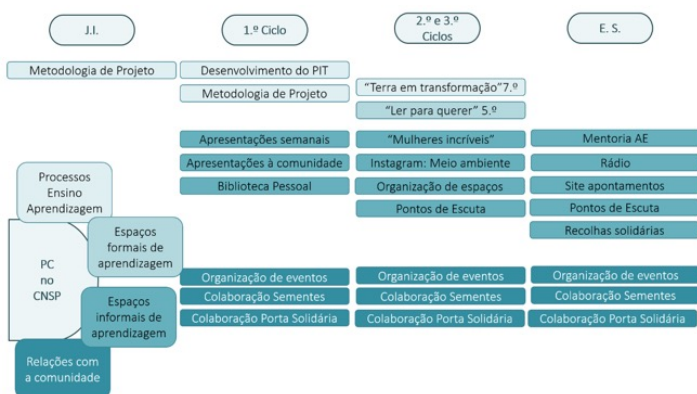


Figura 4: Projetos de PC por áreas de vida escolar e níveis de ensino no CNSP.

“O BEM EM SEMENTE, COM AS SEMENTES DA PAZ”

A par deste estudo e seguindo o plano interno de ação do Colégio da Nossa Senhora da Paz e os referenciais dos trabalhos da OIP (*Guia da Participação das Crianças e Perfil Identitário dos Alunos dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias*), a equipa da oficina procurou, ao longo do ano de 2020/2021, planear, implementar e avaliar projetos que permitissem a escuta e a participação das crianças nas diferentes áreas da vida escolar do colégio. É vontade da instituição incentivar a participação ativa de todos os alunos, dos mais jovens aos mais velhos, em decisões que envolvam melhorias nos espaços formais e informais de aprendizagem, na cultura escolar, na gestão escolar, nos processos de ensino-aprendizagem e nas relações estabelecidas com a comunidade. Parece-nos importante que as ideias, sugestões dos jovens se possam traduzir em ações e práticas que visem a melhoria concreta da vida coletiva do colégio. Pretende-se, ainda, que a promoção da sua participação permita aos jovens formar uma opinião, gerir diferentes pontos de vista e tomar decisões justas, tolerantes e adequadas em relação a problemas que identifiquem na comunidade escolar.

Considerando que queremos ajudar a educar os alunos para que se tornem pessoas inteiras, pessoas comunitárias e pessoas dom, que sejam protagonistas da própria vida e agentes transformadores da realidade, a OIP achou interessante que os alunos ajudassem o grupo de voluntariado “Sementes da Paz” a encontrar soluções para pedidos de ajuda recebidos quase diariamente. O grupo “Sementes da Paz” já existe no colégio desde 2013 e a sua missão é a de melhorar a qualidade de vida dos socialmente desfavorecidos. No início do ano letivo, os alunos, desde o jardim de infância ao ensino secundário, foram convidados a participar na ajuda à “Porta Solidária” (projeto solidário da Paróquia da Nossa Senhora da Conceição) e no auxílio às famílias e instituições que contactam as “Sementes da Paz”, pedindo ajuda para a aquisição de bens essenciais.

Num primeiro momento, um voluntário, numa aula de Formação Cívica, apresentava à turma a família ou instituição a ajudar e a(s) necessidade(s) a suprir. A partir daí, os alunos iniciavam um processo de reflexão e de troca de ideias e, através de estratégias variadas, recolhiam as sugestões do grupo que serviriam de solução(ões) para o(s) problema(s) apresentado(s). Depois, num processo de negociação entre alunos e entre alunos e professor, cada turma definia, autonomamente, formas de ação para solucionar os problemas da família ou instituição que escolheram ajudar. As soluções foram muito originais. Os alunos propuseram a criação de um mealheiro da turma, a venda de rifas ou de fotos de visitas de estudo para angariação de fundos, a organização de uma “Despensa da Paz”... Depois de traçado o plano, os grupos de alunos organizaram autonomamente a sua ação: estabeleceram calendários, elaboraram listas de necessidades, contactaram os voluntários responsáveis pelas famílias ou instituições ajudadas, organizaram escalas de participação de cada aluno, instalaram as “Despensas da Paz”, recolheram e organizaram os bens recolhidos para as entregas...

A OIP desenvolveu um conjunto de rubricas para que alunos e adultos pudessem avaliar a sua participação neste projeto. Estas rubricas seguiram a nomenclatura definida

para avaliação dos projetos na rede dos centros das Irmãs Doroteias, procurando avaliar a capacidade de implicação, de negociação, de cooperação, a autonomia e a eficácia de cada aluno ao longo da implementação do projeto. Criou-se, para cada um destes critérios, uma escala de 4 níveis que implicasse a reflexão e o posicionamento do aluno num deles e também foram incluídas questões abertas, de modo a permitir uma escuta mais efetiva do aluno e de modo a que eles exprimissem a sua opinião sobre a participação nestas ações solidárias de forma mais livre e abrangente. Estas rubricas seriam aplicadas no momento da planificação e no final da implementação do projeto.

No entanto, ainda não conseguimos garantir a aplicação destes instrumentos de avaliação. O facto deste projeto não estar associado a uma disciplina ou área curricular específica, com tempo letivo semanal, e de ter decorrido, de forma livre, nos tempos e prazos definidos pelos alunos, acabou por revelar-se um constrangimento. Não houve oportunidade para que o diretor de turma distribuisse, numa aula de formação cívica, estas rubricas aos alunos, pedindo o seu preenchimento. Além disso, é preciso ainda aperfeiçoar os critérios e permitir aos alunos uma maior apropriação deste referencial, para que os mecanismos de avaliação sejam mais eficazes.

Conclusões

Em retrospectiva, percebemos que o ano letivo 2020/2021 permitiu o estabelecimento de marcos importantes na participação das crianças na vida do Colégio da Paz. O projeto “O Bem em Semente”, alicerçou-se num conjunto de recursos (a solidariedade dos alunos, a organização rápida e simples dos processos, a ajuda incalculável do Coro da Paz, que doou as receitas dos seus concertos para ajudar os alunos) que permitiram o seu inegável sucesso.

Apesar das áreas de melhoria evidentes, no âmbito dos processos de avaliação das atividades, reconhecemos que este projeto abriu um espaço de verdadeira formação em serviço e que permite aos alunos resolverem problemas e encontrar soluções criativas, transformando verdadeiramente a realidade em que se inserem.

Bibliografia

- Cortês, I., & Jesus, P. (Orgs). (2020). *Guia Participação Das Crianças E Jovens, Centros Educativos Das Irmãs Doroteias*. (não publicado)
- Doroteias da Província Portuguesa (2020). *Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos Das Irmãs Doroteias*. (não publicado)
- Martins, G. (Coord.). (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação.

Alunos protagonistas no contexto das Assembleias de Turma

Colégio de Santa Doroteia

Liliana Verde, Maria do Carmo Gonzalez

Resumo

Os Centros Educativos das Irmãs Doroteias procuram promover, de acordo com o seu Perfil dos Alunos(as), a participação de crianças e jovens. As Assembleias de Turma são uma metodologia possível de desenvolvimento de competências várias integradas no pleno exercício de cidadania, em conformidade com uma visão humanista cristã da vida. Expõe-se neste texto o modelo desenvolvido, aplicado nalgumas disciplinas do 2.º Ciclo e do Ensino Secundário e ainda alargado a Assembleias de Delegados. A experiência apresentada, ainda reduzida e a que falta uma avaliação sistematizada, é, apesar de tudo, bastante positiva entre os alunos e professores. É o ponto de partida para uma aplicação sistemática e regular, com aprofundamento de vários aspetos.

Palavras-chave:

Perfil dos Alunos; Participação de Crianças e Jovens; Assembleia de Turma; Tomada de decisão; Magis inaciano.

Abstract:

According to their Students Profile, the Dorotheans's Educational Centers aim to promote the participation of children and young people. The Class Assemblies are a possible methodology for the development of different skills integrated in citizenship in accordance with a christian and humanist vision of life. The model developed, applied in some subjects of the Middle and Secondary Schools, and also extended to Assemblies of Student Delegates, is presented herein.

Despite being in an early stage and still missing a methodical assessment, the experiment is welcomed among students and teachers. It is a starting point for a systematic and regular application, deepening several aspects.

Keywords:

Students Profile, Childhood and Youth Participation; Class Assembly; Decision Making; Ignatian magis.

INTRODUÇÃO

O Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias (Doroteias da Província Portuguesa, 2020) promove a participação de crianças e jovens, enquanto protagonistas da própria vida e agentes de transformação da realidade:

A pessoa é assim convidada a ser protagonista da própria vida e agente de transformação da realidade, pautando a sua ação e crescimento pela mobilização de valores e competências que lhe permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, procurando sempre a valorização da dignidade humana e o respeito pela criação.

Uma das metodologias possíveis que implica essa participação é a Assembleia de Turma (A.T.), que integra, inclusivamente, uma recente recomendação do Conselho Nacional de Educação, n.º 2/2021, sobre «A voz das crianças e dos jovens na educação escolar».

EXPERIÊNCIA

No Colégio de Santa Doroteia, em Lisboa, alguns alunos tiveram a oportunidade de protagonizar Assembleias de Turma, em algumas disciplinas, como Direito, Economia, Português, Sociologia e Hora da Turma, pelo menos, duas ou três vezes no ano letivo 2020/2021, no 2.º Ciclo do En-

sino Básico e no Ensino Secundário, em regime presencial e *on line*. Decorreu, ainda, uma experiência de Assembleia de Turma, em todas as turmas do Colégio, do 2.º Ciclo ao Ensino Secundário, na disciplina de Formação Humana, Cidadania e Desenvolvimento, em regime presencial. O modelo acabou por se estender às Assembleias de Delegados de Turma.

METODOLOGIA

A A.T. assenta numa estrutura própria, sendo um espaço privilegiado de diálogo, reflexão, formação de consensos, com vista ao acordo e à tomada de decisões e vontade coletiva, com a finalidade de atingir o maior bem. Pode visar os mais diversos assuntos, privilegiando, no contexto escolar, as relações interpessoais e o trabalho académico. Porque pessoa implicada nas decisões tomadas, cada aluno, enquanto cidadão e cristão comprometido com o todo da vida, *em tudo amar e servir*, é levado a avaliar e a assumir as consequências das decisões tomadas, numa (co)responsabilização natural. Na mundividência e espiritualidade da vocação das Irmãs Doroteias, as A.T. constituem uma boa metodologia. Integrando a espiritualidade inaciana, permitem aos alunos potenciar-se e aprender a relacionar-se, aspirando sempre ao *magis*¹.

A assembleia escolar, neste caso, sob a forma de A.T., é um espaço em construção, uma ferramenta metodológi-

1 - Magis (o mais, o melhor) - Termo latino muito usado por Santo Inácio de Loiola, para designar o desafio humano e espiritual do desejo de buscar sempre o mais e o melhor, numa resposta de esforço constante de superação e crescimento.

ca e pedagógica, para melhorar os processos de ensino-aprendizagem, para promover uma formação abrangente e participativa, conduzindo a uma experiência reflexiva que nos leva da singularidade-individualismo à pluralidade-fraternidade e onde crescem os laços entre a escola e a comunidade.

Cada A.T. tem início com a preparação da convocatória com a ordem de trabalhos em que cada um deve pensar, para melhor intervir. Deste modo, a preparação prévia pode ser consolidada em formulário. Ora, a A.T. é pensada, refletida individualmente, para que, depois, seja mais fácil expor o que se pensa, escutar o ponto de vista do outro – pois só desta escuta/diálogo nasce o enriquecimento de todos. Na A.T. não se fala sozinho, dialoga-se com o outro. Decorre em ambiente formal dirigido pelos próprios alunos no exercício dos cargos que compõem o coletivo da A.T. (Presidente, I Vogal – assessor do Presidente, Vogal II – assessor da reunião, Secretário e outros que se considerem necessários, como Leitores – sistematizam as ideias das respostas ao formulário prévio à A.T., e Convidados). Estes cargos apoiam-se numa gestão formal dos tempos e dos trabalhos e em documentos que ajudam à prossecução da A.T. (com convocatória, registo de responsabilidades, folha de ata, registo de intervenções e outros). A formalidade da A.T. confere-lhe organização, credibilidade e seriedade.

Organizado o espaço em círculo, há um momento inicial, de boas-vindas e de lembrar os propósitos da Assembleia de Turma. Depois, segue-se a ordem de trabalhos. É importante fazer propostas bem discernidas, chegar a consensos, com votações comprometidas e responsáveis, pois vão implicar o coletivo da turma.

A A.T. finda com uma ronda de avaliações, pontos fortes e fracos, e sugestões de melhorias, sendo formalmente oficializada em ata.

Como suporte ao trabalho a ser desenvolvido pelos professores, no ano letivo 2020/2021, o grupo das Assembleias de Turma, enquadrado na Oficina de Participação das Crianças e Jovens, desenvolveu um guia (González & Verde, 2021) que procura definir e sistematizar as diversas etapas de uma A.T..

RESULTADOS

Ainda que de forma incipiente, a experiência das A.T. é anterior ao projeto Bússola 21. Contudo, essa experiência anterior circunscreveu-se a metodologias restritas às práticas didático-pedagógicas de alguns docentes, em modelos variados, de acordo com a formação e a experiência de cada um e quase sempre presididas pelo professor. Com a sua exploração e aprofundamento, a partir das formações, leituras e experiências que alguns professores tinham feito, e com muita reflexão, numa relação intrínca da no projeto educativo das Irmãs Doroteias e no projeto Bússola 21, foi possível um avanço grande, chegando-se a um modelo ajustado às necessidades, sem perder a exigência e a qualidade necessárias.

Os alunos que puderam experimentar esta prática pedagógica nas disciplinas avaliaram-na muito positivamente, desejando a sua continuação. Sobretudo, sentiram-se ouvidos e, para os professores, foi uma oportunidade de irem mais ao encontro das necessidades das novas gerações, mas também de proporcionar aprendizagens de comunicação, tomada de decisões, cidadania e ética.

Nas *1 Jornadas de Inovação Pedagógica*, quatro alunos do Colégio de Santa Doroteia apresentaram, numa gravação Zoom, a sua opinião sobre o trabalho realizado nas Assembleias. As intervenções foram mediadas pela aluna Madalena Paiva (12.º ano):

«Quando a professora sugeriu a ideia inovadora das Assembleias de Turma, eu pensei, imediatamente, que seria algo cansativo, como se fosse mais um trabalho como os outros que não me apetecesse lá muito fazer. No entanto, quando, de facto, a experienciei, a minha mentalidade mudou totalmente: não era, de todo, um trabalho “secante”, era algo que eu, efetivamente, tinha prazer em fazer, porque senti, pela primeira vez, que nos proporcionou situações em que o aluno pôde desempenhar um papel mais ativo e dinâmico no Colégio, sentindo-me, finalmente, ouvida, principalmente na Assembleia de Delegados, em que pudemos expor as nossas ideias e sugestões em frente aos membros da Direção, algo nunca antes feito. Foi uma experiência excelente e algo que eu considero que deva ser implementado em muitas outras escolas, uma vez que foi uma atividade muito bem conseguida e cheia de vantagens para o presente e para o futuro, não só do aluno, como da escola.» (Madalena Simões, 12.º ano)

«As Assembleias, nas quais estive presente, trouxeram sempre ao de cima um elevado nível de cooperação entre os alunos. Senti que os alunos tinham uma voz e que, desta forma, estavam a par dos processos de decisão e de novos tópicos abordados.» (José Valadas, 10.º ano)

«Sem dúvida que as Assembleias de Turma são um ótimo método de aprendizagem. Em primeiro lugar, porque, durante a preparação da mesma é muito mais fácil reter matéria e temas que vão ser debatidos. É uma forma “supercriativa” de aprender e conhecer conceitos e ideias contrárias às nossas, o que, muitas vezes, em metodologias de ensino mais tradicionais, nem sempre é possível. Por exemplo, na disciplina de Direito, a minha turma realizou uma Assembleia com a temática dos Direitos Humanos, onde eu era a presidente da mesa e foi um papel que eu gostei bastante de desempenhar, porque me deu a liberdade de colocar questões, desafiar os meus colegas a pensar de forma criativa e colocar-lhes obstáculos que tiveram de superar. Cada um deles foi com um direito e saíram de lá com os trinta devidamente fundamentados. Por fim, acho que falo por todos, quando digo que as Assembleias são uma forma mais interativa e cativante de aprender.» (Carolina Magalhães, 12.º ano)

Por último, todos destacaram o que mais os surpreendeu: vontade e confiança com que todos participaram, sem medo de dizer o que se pensava; facilidade com que se pode fazer parte das decisões na vida do Colégio sem necessitar da mediação do Responsável de Turma; variedade de ideias expostas, organização e responsabilidade dos alunos, a dinâmica das aulas.

Aos professores cabe a missão de motivar para as A.T., de proporcionar a sua preparação e de orientar os alunos no processo que, depois, é gerido inteiramente por eles. Com o tempo, são os próprios alunos que se vão apropriando da estrutura, dos cargos, dos documentos...

Para os professores envolvidos, é surpreendente o empenho que os alunos, na generalidade, depositam na A.T., envolvendo-se, aplicando-se e implicando-se.

Enquanto experiência de alargamento das Assembleias de Turma, inclusive nas Assembleias de Delegados, os resultados ainda não foram quantificados. No entanto, os momentos de avaliação que finalizaram a A.T. expressaram manifestamente o agrado, a utilidade e pertinência destes momentos, mensurando o processo como um excelente meio de aprendizagem, a repetir.

Esta é, ainda, uma experiência muito reduzida, que necessita de uma aplicação sistemática e regular, com aprofundamento de princípios de diálogo, consenso, bem comum e discernimento.

Destacam-se alguns pontos de desenvolvimento:

- a) A experiência tida, ainda reduzida, necessita de uma aplicação sistemática e regular, a integrar nas planificações de todos os departamentos, atribuindo-se «uma maior importância ao diálogo na construção das aprendizagens curriculares e na socialização democrática dos/as alunos/as, assegurando o seu envolvimento efetivo no próprio processo de educação» (recomendação n.º 2/2021, C.N.E.). Só com a prática regular se consegue a integração de uma pedagogia e de uma cultura escolar;
- b) É ainda necessário aprofundar os momentos da preparação e da avaliação das Assembleias de Turma;
- c) Para que resultem, enquanto pleno exercício de cidadania em conformidade com uma visão humanista cristã da vida, é necessário também aprofundar os princípios de escuta, diálogo, consenso e bem comum. As Assembleias de Turma, nos Centros Educativos das Irmãs Doroteias, são uma metodologia que, como toda a nossa pedagogia, deve assentar na espiritualidade inaciana, nomeadamente no discernimento (Lorrain, 2012), onde cada um aprende a ver, analisar, a ponderar, a ler moções interiores, para, em tudo, achar a vontade de Deus;
- d) E, para o futuro, passar a Assembleias de Ano, de Ciclo e de Escola. É assim que os alunos, enquanto jovens, vão aprendendo a ter uma voz ativa, em espírito colaborativo e comprometido, aprendendo, hoje, a serem os homens e as mulheres do amanhã;
- e) Documentar o trabalho realizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Assembleias de Turma (A.T.) são um bom modelo de participação, com imenso potencial, pois procuram que os alunos intervenham ativamente em situações que lhes dizem diretamente respeito, sabendo escutar os outros e expressando a sua posição, com vista à tomada de decisões e consensos, rumo à cidadania plena.

Neste contexto pedagógico, os alunos percebem como o seu comprometimento participado, marcado pela simplicidade, espírito de família e de serviço, é essencial na vida dos grupos em que se inserem. Aprendem a cooperar e a ser cidadãos participativos, em conformidade com uma visão humanista cristã da vida.

Há ainda muitos pontos de franca melhoria e o alargamento desta metodologia implica a assunção de vários princípios e prioridades no centro educativo. Se assim for, as A.T. têm futuro e acreditamos que, com regularidade, treino e persistência, os alunos perceberão como o seu comprometimento participado, marcado pela simplicidade, espírito de família e de serviço, é essencial na vida do grupo: hoje, na turma e no colégio; amanhã, nos contextos em que estiverem inseridos.

Referências Bibliográficas

- Conselho Nacional de Educação (CNE). (2021). Recomendação n.º2/2021 de 14 de julho. Diário da República n.º 135/2021, Série II, pp. 75 - 84. <https://dre.pt/dre/detalhe/recomendacao/2-2021-167281062>
- Doroteias da Província Portuguesa (2020). *Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias*. (não publicado)
- González, M. C., & Verde, L. (2021). *Guia de Assembleias de Turma para Professores - Sou Participante*. (não publicado)
- Lorrain, M. (2012). *Discernir: O que é que se passa em nós?*. Braga: Editorial AO.

Soprar as brasas, permanecer: 2020-2021¹

Joaquim Azevedo

No fim de mais um ano letivo, um ano de novo tão excecional e diferente, fruto da pandemia, é preciso focarmo-nos de novo no essencial do processo de inovação educacional em que estamos mergulhados.

1. Vivemos um tempo de grande incerteza, instabilidade e imprevisibilidade e isso afeta-nos profundamente, escolas e famílias, alunos e professores. Estes tempos reclamam que levantemos o olhar do chão e que descolemos da cola que ontem era eficaz. A pandemia veio precipitar a necessidade de repensarmos a escola ao repensarmos o modelo de desenvolvimento social e de vida que desejamos. Por um lado, a inesperada oportunidade do “ensino à distância” trouxe ao campo escolar imenso conhecimento e desenvolveu muitas capacidades, que urge aproveitar e integrar em dinâmicas sustentadas de inovação. Por outro, a crise climática leva-nos a ter de tomar medidas drásticas diante da degradação do planeta, a nossa casa comum necessita de novos cuidados. A persistência de enormes desigualdades sociais alerta-nos para a inevitabilidade de alteração de um estilo de vida sem qualquer sustentabilidade e para a necessidade de dar à justiça uma prioridade que a lei e as normas instituídas não permitem fazer adequadamente. A interdependência e a incerteza deixam-nos todos ligados e entrelaçados, o barco é apenas um e não há como sobreviver sozinho ou enrolado num pequeno grupo de privilegiados.

2. A educação das crianças e dos jovens não pode fazer de conta que nada disto ocorre. Este é um tempo de escolhas, não há mais adiamentos possíveis. O modelo escolar é um subsistema social muito pesado e enraizado e de difícil transformação, o que não quer dizer que não vá desaparecer, como todos os sistemas e subsistemas sociais ao longo da história. É uma questão de tempo, não sabemos quanto. O desafio é colocarmos mão à obra e não meter a cabeça na areia, fazendo de conta. Há muito ruído (e haverá ainda mais) e muito pouca

sabedoria (que é o que nos pode salvar, com base na escuta ativa do outro, na procura do bem comum e na reconstrução da escola no espaço público). Somos convocados para dar um salto “espiritual”, mudar de visão e de ação. Teremos de envolver seriamente as crianças na construção de um mundo melhor, sustentável, justo, pacífico. As escolas não se podem tornar centros de entretenimento de utilizadores de telemóvel e internet.

3. A educação do coração é a herança dos colégios das Irmãs Doroteias. Luis Aranguren (2021) propõe hoje uma educação centrada no cuidado: o “*paradigma do cuidado como desafio educativo*”, assim se intitula o seu livro. Tenho insistido num ponto semelhante: precisamos de dar espessura antropológica e axiológica à educação e nunca devemos aceitar os muitos convites, expostos e escondidos sob as mais variadas capas, para liofilizar a educação, reduzindo-a a um esqueleto mecânico e insensato (foco na individualização do ensino, sujeição a vários produtivismos, económicos e competitivos, foco nos resultados e no controlo externo, ambos baseados em critérios incontrolados e desconhecidos). Os nossos colégios estão focados em cada criança, tendo em vista troná-la protagonista da própria vida e agente de transformação da realidade, como definimos no Perfil dos Alunos.

4. O caminho de renovação pedagógica compreendido – o Bússola 21, que visa “mudar a direção do petroleiro” – é lento e tem de ser feito com cuidado, persistentemente e com coerência interna. Mudar a educação de uma escola, sem mudar a política da educação do país, é ousado e difícil, sem mudar a orientação e as capacidades da escola, é uma ideia vã, sem mudar o coração e a ação dos educadores, é impossível. Três domínios de ação têm-nos permitido estar muito focados: (i) empreender uma revisão curricular, à procura da coerência e da consistência com o Perfil dos Alunos e em articulação interdisciplinar

¹ - Texto sintético elaborado com base numa apresentação feita em Power-Point.

(vertical e horizontal). Depois de termos definido e anunciado como queremos promover o desenvolvimento harmonioso e integral de cada aluno, não o fazermos constitui um logro e um fracasso.

Será, pois, preciso regressar recorrentemente ao essencial e enriquecer (não aumentar) o currículo. Incluir “metodologias ativas significativas”, como “apoio” a esta nova “gestão do currículo” e a este novo desafio à inteligência profissional, constitui um passo muito importante em ordem à consolidação do caminho que estamos a percorrer; (ii) fomentar a participação das crianças é outro caminho essencial que estamos a percorrer. Que bom! Participação e não auscultação, não “dar a voz”, mas proporcionar tempo, espaço e oportunidades para ouvir e escutar atentamente a voz das crianças, a voz que cada criança tem e que não precisa que se lha dê, de forma paternalista e falsamente protetionista. Participação que não se confina a dar opiniões sobre espaços e equipamentos, mas em co-construir o como se ensina e aprende (variando de ciclo para ciclo, em função dos níveis etários). A participação das crianças constitui um desafio à “reconversão” da mente dos educadores (indo muito para além do paternalismo...) e uma aposta séria numa cidadania ativa; (iii) em terceiro, a educação da interioridade: uma aposta na criação de sessões de interioridade, em todos os Centros e adaptadas a todas as idades. Temos um longo caminho a fazer em direção ao interior... para podermos sair novos em direção ao outro, sobretudo o mais pobre, desprotegido e excluído. Uma componente irrecusável da educação que o Bússola 21 deseja incentivar. Precisamos de continuar a consolidar e dar passos ousados e coerentes; contamos agora com os novos referenciais nacionais da educação da interioridade.

5. Praticar uma avaliação permanente da ação de renovação pedagógica constitui outro grande desafio. Inovação educacional sem avaliação pode ser uma condenação. Queremos avaliar para conhecer o como fazemos o que nos propomos e para melhorar permanentemente o que fazemos, sob nossa própria orientação.

Nunca devemos aceitar mudar porque tem de ser... ou deixar que a inovação caia num mero ato de rotina. O desafio passa agora por consolidar e melhorar as atuais práticas de avaliação contínua em

cada Centro Educativo da rede. Vamos criar uma dinâmica de apoio à avaliação do Bússola 21, desde cada Centro até ao nível nacional, desde cada área de inovação em curso até cada aluno e professor envolvidos na ação. Melhorar a avaliação e tirar dela consequências, em todos os níveis de pensamento e ação, constitui um eixo central do Bússola 21.

6. Do percurso feito destaco um conjunto de pontos fortes e de desafios. Quanto aos pontos fortes destaco: o trabalho colaborativo tem sido um cimento e uma rampa de lançamento que nos tem ajudado a pôr de pé o Bússola 21; colocamos mais inteligência profissional no “gesto profissional” educador, refletindo-agindo-avaliando, reinventando-o sempre que é preciso, capacitando-nos em rede, percorrendo caminhos novos em cooperação e com determinação; o empenho e dedicação de educadores e direções, numa aliança cada vez mais muito profícua; a abertura de um caudal cada vez maior e mais entusiasmado a um novo horizonte de renovação pedagógica, ao serviço de melhor ensino, melhores aprendizagens e de um desenvolvimento mais harmonioso de cada aluno.

Quanto aos desafios: devemos continuar a construir, em cada dia, a coerência e a consistência entre tudo o que fazemos nos Centros Educativos (em educação não se pode fazer por menos, pois em tudo educamos); por isso, é preciso pensar a intencionalidade pedagógica em tudo o que realizamos e não realizamos-omitimos; para atingirmos os objetivos do Bússola 21 temos de envolver os alunos, sempre e mais, na sua própria educação, como protagonistas da sua vida; vamos ter de partilhar mais em rede o que fazemos, seja aquilo em que obtemos resultados mais positivos, seja o que ainda encontra mais dificuldades pelo caminho; continuamos a precisar de ler/revelar as conquistas entretanto já feitas, por mais pequenas que nos pareçam, celebrando-as em comum; finalmente, continua de pé o desafio de continuarmos a acumular conhecimento profissional, atitude de grande alcance estratégico, seja criando redes internas de peritos nas várias áreas de inovação, em cada Centro e na rede nacional, seja gerando repositórios de qualidade na rede inter-Centros. Estamos conscientes destes desafios e para fazer face a cada um deles os Centros estão a rever os seus Planos de Ação para 2021/22.

7. Temos um importante caminho já realizado em comum. Não podemos deixar que a subida deste plano inclinado da inovação pedagógica seja entorpecida ou adormeça, pois o risco de deslizarmos e voltarmos à estaca zero continua a estar muito presente; o subsistema escolar é muito estruturado e rígido e tem as suas componentes sistémicas muitas ativas e seguras, internas e externas aos Centros, pelo que a mudança em curso requer imensos cuidados e exige estarmos prevenidos contra a ingenuidade ou o voluntarismo. É mais fácil deixar estar tudo como está do que mudar o que quer que seja. Mas também sabemos que se deixamos de soprar as brasas, o fogo desaparece, como diz Aranguren (2021).

Em educação, sempre que não se avança, recua-se. O que não melhora, piora. E basta olhar à nossa volta para constatar o quanto de promessas de inovação educacional tem sido engolido pela “maquinaria escolar” tradicional, mesmo nestes últimos anos. Não deixemos, pois, de soprar as brasas, em todos os níveis de intervenção do Bússola 21.

Unidos e cooperantes, em equipas e com trabalho semanal, focados, envoltos em capacitação permanente e em rede, apoiados pelas lideranças de topo, vamos prosseguir com esperança e aprofundar, nos próximos anos, este caminho apenas iniciado. Tudo é lento, bastante lento, mais lento do que alguma vez sonhámos, e assim será enquanto quisermos não apenas “inovar e pronto, já está”, mas consolidar cada passo dado em benefício dos alunos e dos educadores, das aprendizagens e do ensino, de mais e melhor educação para e com cada criança e jovem. É neste clima que vamos de férias, com renovada esperança.

Estes últimos dois anos, tão inesperados, incertos e instáveis, felizmente não nos apanharam desprevenidos ou a assobiar para o lado, diante da necessidade de renovar a pedagogia dos nossos Centros Educativos. Já estávamos “on”. Reunimos, assim, possibilidades únicas de enfrentar o momento tão desafiante que atravessamos, pois já tínhamos um horizonte de ação definido e programado, já dispúnhamos de equipas organizadas e de recursos para apoio à inovação, já estávamos preparados para desbravar caminhos novos e consolidar os antigos e

profícuos, pelo que podemos aproveitar, bem e com vantagem, todo este esforço de apoio à renovação pedagógica, centrado na pedagogia do coração.

Referências Bibliográficas:

Aranguren, L. (2021). *É o nosso momento - O paradigma do cuidado como desafio educativo*. Lisboa: Instituto Padre António Vieira.

José Luís Gonçalves

O caminho de inovação que os Centros Educativos da Rede das Irmãs Doroteias estão a percorrer encontra-se no seu início, não obstante todo o esforço já investido na direção da mudança educacional pretendida, conforme nos é explicado no Prefácio. As Atas destas I Jornadas de Inovação Pedagógica Bússola 21 testemunham o percurso já percorrido neste caminho e o texto “Soprar as brasas, permanecer despertos” alerta-nos para a necessidade de consolidar passos ao mesmo tempo que nos desafia a ir mais longe nos próximos anos.

Ancorando os propósitos destas Jornadas na mensagem inicial da nossa Coordenadora Provincial, recordamos o mais importante: educar não é, em primeiro lugar, uma questão de técnicas pedagógicas, habilidades ou conhecimentos, por muito importantes que sejam. Educar é, na sua origem, um processo bidirecional: por um lado, pretende extrair e trazer à luz a riqueza de cada pessoa (*educere*) e, por outro lado, visa nutrir e alimentar cada pessoa para que esta possa ser (*educare*)... plenamente humana. Educar é, pois, e antes de tudo, um encontro entre pessoas. Por isso, a qualidade deste encontro deve adquirir uma significação especial dentro de um ‘dar-se’ quotidiano (Cf. *Antropologia do Dom*, A.

Caillé): é *acontecimento ético* (J.C. Mèlich), é exercício relacional de *cuidado essencial* (L. Boff), é *hospitalidade incondicional* (E. Lévinas).

O ato educativo configura-se, então, como encontro-comunicação do que é, vive e pensa o educando, o educador e a comunidade educativa, ao serviço da promoção harmoniosa da pessoa humana. Para nós, este encontro-comunicação acontece dentro de um estilo de educar e a partir de valores de referência próprios, abrindo-se cada encontro à novidade/possibilidade de sabermos como ajudar cada aluno a ‘tornar-se pessoa’, hoje. Nesta perspetiva, a comunidade educativa situa a tarefa dos educadores para lá da transmissão de conhecimentos: estes são chamados a oferecer uma proposta de humanização a partir de um horizonte de sentido! Ora, é isto que está em jogo desde o início do Bússola 21 sob o lema: “Renovar por dentro o estilo de educar dos nossos Centros Educativos, para o século XXI, com a marca da identidade/novidade.” É, por isso, motivo de regozijo constatar que os textos agora recolhidos nestas Atas evidenciam como continuamos a ser capazes de “fazer novas todas as coisas...”.



DOROTÉIAS
DA PROVÍNCIA
PORTUGUESA

www.irmasdoroteias.pt
